

Etimologia de termos Morfológicos

Ricardo Santos Simões

João Henrique Rodrigues Castello Girão

Gisela Rodrigues da Silva Sasso

Rinaldo Florencio da Silva

Luís Garcia Alonso

Sérgio Ricardo Marques

INTRODUÇÃO

A medicina, como uma das mais antigas atividades do homem, desenvolveu uma linguagem própria que, ao leigo, se afigura de difícil entendimento. Do mesmo modo, o estudante da área biológica se assusta no início do curso devido a tantas palavras novas que deve aprender e tem dificuldades em memorizar. Isso ocorre principalmente no primeiro ano do curso onde tem que aprender os nomes das inúmeras partes do corpo humano (Anatomia, Histologia e Embriologia) cujas palavras têm origem no grego e no latim. Para facilitar a memorização e o aprendizado dessa terminologia, que é a base de todo o aprendizado morfológico, algumas noções sobre a formação das palavras que originaram tais termos são muito úteis.

Os nomes das estruturas como as conhecemos, na atualidade, advêm principalmente dos estudos de antigos povos que deram inúmeros nomes para a mesma estrutura. Para normatizar esses nomes foi criada uma terminologia baseando-se principalmente no latim. Em consequência, os termos biológicos existentes foram traduzidos desse idioma para as várias línguas existentes. Deve ser mencionar que a maioria dos termos é de origem grega ou romana, que sofreram alterações e que se mantiveram nas línguas atuais. Nesse sentido temos várias sociedades que se preocupam com a normatização dos nomes das estruturas, de tal maneira que vários congressos são realizados nesse sentido, visto que com a globalização, há a necessidade de uniformizar essa linguagem, para que todos possam se comunicar.

Os termos utilizados na morfologia têm a vantagem de expressar em poucas palavras fatos e conceitos que, de outro modo, demandariam locuções e frases extensas. Cada termo utilizado nas aulas de morfologia, tal como ocorre em outras áreas do conhecimento humano, caracteriza um objeto, indica uma ação ou representa a síntese de uma idéia, ou de um fenômeno, assim como a definição de um processo, contendo em si, muitas vezes, verdadeira holofrase, cujo sentido está implícito na própria palavra.

Assim espero que este pequeno dicionário etimológico possa ajudar na memorização de alguns termos utilizados no dia a dia.

São Paulo, 14 de abril de 2014

Sumário

A.....	4
B.....	14
C.....	17
D.....	28
E.....	31
F.....	37
G.....	40
H.....	43
I.....	47
J.....	50
K.....	50
L.....	50
M.....	53
N.....	60
O.....	62
P.....	66
Q.....	77
R.....	78
S.....	81
T.....	86
U.....	90
V.....	91
X.....	93
Z.....	93

Formação dos Termos Médicos

Referências Bibliográficas

A

Abdome – Origem incerta, talvez do latim *Abdere*, esconder. Existem outras prováveis derivações tais como do Latim *Omentum*, membrana rendada, *Adps*, gordura animal, *Ab*, longe, *Domus*, cabeça. Em latim a palavra *Omēm* significa também augúrio, presságio, estando associada à prática antiga de examinar as vísceras de animais para predizer o futuro.

Abdução - do latim *Ab*, longe e *Ducere* = conduzir. Em anatomia refere-se ao afastamento de um membro do eixo do corpo, da linha média.

Abducente – do latim *Ab*, longe e *Ducere*, conduzir. Refere-se ao VI par de nervos encefálicos, que foi descrito por Bartolommeo Eustachio em 1564. Que innervando o músculo reto lateral do olho, abduz o bulbo do olho, desviando lateralmente o centro da pupila. O músculo reto lateral do olho já foi chamado de *musculus amatorius* (músculo dos amantes), porque sua ação produz o olhar de soslaio, único permitido às donzelas apaixonadas dos séculos passados.

Abdutor – do latim *Ab*, longe; *Ducere*, conduzir e *Actor*, agente.

Aberração – do latim *Ab(s)*, a partir, separação; *Errā(re)*, desviar, extraviar. Devio de um tipo normal.

Aberrante – do latim *Aberrare*, extraviar-se, *Ab*, longe e *Errare*, vagar. Termo aplicado a um vaso ou nervo que esta fora do seu lugar habitual ou que sofreu desenvolvimento embriológico diferente do esperado.

Aborto – do latim *Ab* com anomalia e *Ortu(m)* nascido. Interrupção de forma natural ou provocada do desenvolvimento do feto durante a gravidez. O tema aborto é muito discutido pela sociedade Brasileira, no entanto, até o presente momento (2011) no Brasil é considerado crime, exceto em duas situações: de estupro e de risco de vida materno. A proposta de um Anteprojeto de Lei, que está tramitando no Congresso Nacional, alterando o Código Penal, inclui uma terceira possibilidade quando da constatação anomalias fetais.

Absorção – do latim *Ab(s)*, a partir de; separação e *Sorb(ere)*, sorver. Captação de substâncias para a corrente sanguínea.

Acantócito – do grego *Akanth*, espinha(o) e *Kyto*, célula. Célula que apresenta “espinhos”.

Acéfalo – do grego *A(n)*, sem, ausência e *Kephal*, cabeça. Que não tem cabeça.

Acelomado - do grego *A(n)*, sem, ausência e *Koilo*, oco, ventre e *Ō-ma*, conjunto. Animal que não possui celoma.

Acessório – do latim *Accessorius*, acessório; *Ascedere*, por a mais, acrescentar. Termo utilizado para estruturas que são suplementares a outras, geralmente vasos, nervos ou ductos. O nome tanto pode significar que, embora nervo encefálico receba fibras de raízes espinais ou tenha função complementar à do nervo vago.

Acetábulo – origem incerta. Talvez do latim *Acetum*, vinagre; e *Abulum*, pequena vasilha, gamela; *Acceptabulum*, pequeno recipiente. Na Roma antiga, a palavra era empregada para qualquer pequeno recipiente de boca larga que ia à mesa, como os de vinho ou vinagre. Também era uma medida de capacidade líquida, equivalente a uma xícara (moderna) de chá. Em Anatomia, designa o encaixe para a cabeça do fêmur. O termo já se encontra nas descrições de Plínio e Celso. Rufo de Éfeso afirma: “o que os gregos chamam “*kotíle*”, os romanos chamam “*acetabulum*”.

Acidente – do latim *Ad*, junto, *Cad(ere)/-cid(ere)*, queda; *Nte(m)*, que faz, que ocorre. Fato imprevisto ou doença que ocorre de repente, tal como acidente vascular cerebral, ataque isquêmico transitório.

Acidofilia – do latim *Acidum*, ácido, e do grego *Philein*, amar. As estruturas que reagem com um corante ácido são chamadas acidófilas que significa ter afinidade por ácidos.

Ácino – do latim *Acinus*, uva, bago de uva. Um pequeno saco terminal nos pulmões ou numa glândula pluricelular, tal como no pâncreas.

Acme – do grego *Akme*, ponta, extremo. Período de maior intensidade de uma doença.

Acrocentrico – do grego *Acros*, *extremidade*. Normalmente este termo é utilizado para cromossomas que apresentam um centrômero localizado numa das extremidades. Seriam denominados de cromossomos acrocêntricos.

Acromático – do grego *A*, negação e *Cromatos*, cor. Sem cor. Pessoa que não consegue ver cores. No entanto, em citologia existe este termo derivado da palavra grega *Acros*, *extremidade*. Neste último sentido também refere-se ao fuso acromático ou fuso mitótico que é uma estrutura celular efêmera, constituída por microtúbulos que permitem o deslocamento dos cromossomas durante a divisão celular.

Acrômio – do grego *Akromion*, *extremidade do ombro*, *Akrós*, extremo, *Omos*, ombro. O termo acromial parece ter sido introduzido por François Chaussier (1800).

Acrossomo – do grego *Akro*, extremo, ponta e *Sōm(a)*, cromossoma, corpúsculo celular. Prolongação anterior do espermatozóide que facilita a penetração no ovócito.

Actina – do grego *Aktīn(o)*, raio, com filamentos e *Īn(a)*, substância. Termo utilizado por Szent-Györgyi, em 1942, pelo aspecto filamentoso. É uma proteína constituinte dos filamentos finos ou microfilamentos, um dos componentes fundamentais do citoesqueleto das células eucariotas. Esta proteína forma os microfilamentos finos (miofilamentos) presentes no sarcômero da célula muscular.

Acústico – do grego *Akustykós*, auditivo, acústico e *Akoamai*, ouvir.

Adamantoblasto – do grego *A-Damanto*, diamante, que não é dominado e *Blast(o)*, germe, forma celular imatura. Célula que produz e deposita o esmalte nos dentes.

Adenina – do grego *Aden(o)*, glândula e *Īn(a)*, substância química. Esta palavra foi introduzida por Kossel em 1885 para designar uma substância presente no núcleo das células glandulares. É uma base purínica componente de nucleótídeos e de ácidos nucleicos.

Adeno – prefixo que entra em numerosas palavras médicas e que vem do grego *Aden*, glândula.

Adenoblasto - do grego *Aden*, glândula e *Blast*, germe. Célula embrionária que origina o tecido glandular.

Adenocarcinoma – Do grego *Aden*, glândula, *Karkinus*, caranguejo, e *Oma*, tumor. Tumor maligno que se origina em um tecido glandular.

Adenohipófise – do grego *Aden*, glândula, *Hypo*, abaixo e *Physis*, sulco de crescimento. Esta palavra foi criada por Berblinger em 1932.

Adenóide – do grego *Aden*, glândula e *Oidos*, semelhante, forma de. O termo entra na designação de estruturas glandulares, ou linfóides. Era também o nome antigo da próstata (*glândula adenoidea*).

Adenoma – do grego *Aden*, glândula e *Oma* tumor. Tumor benigno de origem glandular.

Adenômero - do grego *Aden*, glândula e *Mer(o)*, parte. Unidade estrutural do parênquima de uma glândula, seria a porção funcional do órgão.

Adenosina - do grego *Aden*, glândula e *Īn(a)*, substância. Palavra criada por Levene e Jacobs em 1909 a partir da adenina e ribose. Substância química que atua em inúmeros processos celulares.

Adenovírus – do grego *Aden(o)*, glândula; *Eid(és)*, que tem aspecto de e do latim *Uir(us)*, vírus, veneno. Vírus de tamanho mediano (90 a 100 nm.), sem cápsula, de 16 lados, de DNA que causam doenças respiratórias, gastroenteritis, conjuntivitis etc.

Aderência – do latim *Adherentia*, adesão. *Ad*, perto de, e *Hoerere*, grudar.

Adesão – do latim *Ad*, para, e *Hoerere*, agarrar, grudar.

Adipócito – do latim *Adipc*, gordura e do grego *Cytus*, célula. São células responsáveis pelo armazenamento de gordura no corpo humano. Cada célula adiposa armazena determinada quantidade de gordura. Estas células são capazes de armazenar gorduras até dez vezes o seu

tamanho. Quando é ultrapassado o limite de armazenamento de uma célula adiposa é criada uma nova célula no tecido adiposo. O tecido adiposo acompanha o desenvolvimento do ser humano durante toda a vida.

Adiposo – do latim *Adiposus*, de *Adeps*, gordura. Esta palavra foi inventada por tradutores das obras de Avicena, na idade média. A antiga palavra latina *Adeps* (banha, gordura animal) não se aplicava a espécie humana.

Ádito – do latim *Aditus*, acesso, entrada, *Adire*, ir para ou *Ad*, perto e *Itus*, marcha, ida. Na antiga casa romana, o *Aditus* era o local adjacente ao pórtico, antes do *Lavabum* e do *Vestibulum*. Em termos militares, significava uma saída emergencial, uma retirada estratégica.

Admirável – do latim *Ad*, perto e *Mirabilis*, maravilhoso. A rede admirável é o nome dado a um vaso sanguíneo que se ramifica para formar um plexo e deste o sangue é retirado através de um único vaso eferente. Deve-se notar que é um termo macroscópico, não se referindo a drenagensanguinea. Já conhecida na Antiga Grécia, a idéia de rede foi usada por Herófilo e Galeno. O termo rede admirável (*rete mirabile*) foi usado por inúmeros anatomistas, através dos tempos, e designou vários plexos sanguíneos como o hipofisário, o coróideo (III ventrículo), e o círculo arterial do cérebro (polígono de Willis). No entanto, durante muitos anos designou a rede arterial encontrada no glomérulo renal. Atualmente esta rede, no glomérulo renal, é denominada de sistema porta arterial.

Adrenal – do latim *Ad*, perto e *Ren*, rim. Termo usado por Aristóteles para as glândulas situadas junto ao rim de ovelhas (na realidade, linfonodos aórtico-renais). No homem, estas glândulas foram aparentemente descritas por Bartolommeo Eustáchio, em 1563. O termo utilizado na nomina anatômica para essa glândula é supra-renal.

Adrenalina – do latim *Ad*, ao lado de; *Ren*, rim, e a terminação *Ina* para indicar princípio ativo, substância ativa, da glândula suprarrenal. Este termo foi criado pelos pesquisadores britânicos George Oliver (1841-1915) e Edward Sharpey-Schafer (1850-1935), os quais demonstraram, em 1895, que a injeção intravenosa do extrato de glândulas suprarrenais produzia contração das artérias, aceleração do ritmo cardíaco e aumento da pressão arterial. Nos Estados Unidos, em 1899, John Jacob Abel (1857-1938), da Johns Hopkins Medical School isolou a mesma substância e denominou-a "epinefrina" do grego: *epi*, em cima, sobre + *nephros*, rim.

Adução – do latim *Ad*, junto, *Duc(ere)*, levar, conduzir e *I-iōn(em)* movimento. Movimento de levar um órgão, um determinado movimento (olhar) para o plano mediano, plano este que divide o corpo humano em duas partes imaginárias iguais.

Adutor – do latim *Ad*, perto; *Ducere*, conduzir e *Actor*, agente. Refere-se a qualquer músculo cuja ação aproxima o segmento do plano mediano do corpo.

Adventícia – do latim *Ad*, perto; *Venire*, vir. Originalmente este termo designava os cidadãos não romanos, estrangeiros ou bárbaros. Mais tarde, a palavra foi usada em anatomia, para designar envoltórios externos que pareciam “vir” de tecidos vizinhos, como nas artérias.

Aeróbio – do grego *Aero*, ar; *Bio*, vida. Este termo é aplicado à respiração onde se utiliza o oxigênio para liberação de energia, ou seja, o ar é necessário para a vida.

Aferente – do latim *Afferre*, trazer para, *Ad*, perto e *Ferre*, trazer. Quer dizer o que leva para dentro, ou junto de. Em anatomia e fisiologia refere-se ao movimento em direção a um centro de referência.

Agnesia – do grego *A(n)* não e *Genne*, que gera, que forma. Que não se forma.

Aglutinação – do latim *Ad* junto, *Glūt(en)*, cola, grudar e *Ā-tiōn(em)*, processo de. Agrupamento de partículas ou de células, como o que ocorre na coagulação do sangue.

Agonista – do grego *Agōn*, combate e *Íst(ēs)*, que faz. Aplica-se ao músculo que efetua um determinado movimento, em oposição ao músculo antagonista.

Agranulócito - do grego *A(n)não*, do latim *Granum*, grão, e do grego *Kytos*, célula. Células de origem mielóide normalmente presentes no sangue, cujo citoplasma não possui grânulos visíveis ao microscópio de luz que atuam nos mecanismos de defesa corporal.

Água – do latim *Aqua(m)*, água; no grego é *Hydor*, água. Substância formada pela combinação de um átomo de oxigênio e dois de hidrogênio, líquida, inodora, insípida e incolor. É o componente

mais abundante da superfície terrestre e, também o menos puro, forma a chuva, as fontes, os rios e os mares; é parte constituinte de todos os organismos vivos.

Agulha – do latim *Acu(m)*, agulha e *Cula(m)*, pequena. No latim clássico parece como *Acus*, barra metálica que serve para perfurar.

Alantoide – do grego *Allas*, salsicha. Alantoide é uma estrutura ligada à parte posterior do intestino do embrião que armazena excretas, além disso, permite trocas gasosas com o meio externo. Nos mamíferos placentários, as funções do alantoide e do saco vitelínico, são úteis no início do desenvolvimento, mas no entanto depois de certo tempo passam a ser executadas pela placenta. Razão pela qual, esses anexos tornam-se atrofiados nos mamíferos placentários.

Alar – do latim, *Alaris*, alado e *Ala*, asa.

Alba – do latim *Alba*, que é feminino de *Albus*, branco, claro. Entre os romanos a cor branca era tida como símbolo de pureza, bondade e justiça. As togas dos senadores e cônsules (juizes) eram brancas.

Albicans – do latim *Albus*, branco, *Albicare*, ser branco.

Albino - do latim *Albus*, branco e a terminação *Um, uma*, que faz, que torna. Pessoas que tem ausência de pigmentação na pele.

Albugínea – do latim, *Albugo*, brancura. O termo significa semelhante à cor da casca do ovo cozido. Esta palavra não existia no latim antigo e foi concebida por Averroes e Avicena, para nomear o humor vítreo do olho. Kaspar Bartholin, no século XVII, introduziu a palavra para nomear os envoltórios das gônadas, em especial do testículo.

Albumém – do latim *Albumen*, clara de ovo.

Albumina – do latim *Albumen*, clara de ovo.

Alça – do latim *Ansa*, alça de sandália, orifício de passagem para uma corda. Dá nome a nervos em forma de alça ou arco. Também denomina a alça de Henle no rim, devido a formar um arco.

Álcool – do árabe *El, Al + Koh'l*, pó de antimônio. O significado original do termo ainda se mantém no árabe, pó de antimônio para maquiagem. No entanto, passou a ser utilizado para designar qualquer pó obtido pela sublimação e, em seguida, de qualquer líquido obtido por destilação e especialmente do álcool. A introdução deste termo nas línguas européias foi feita através do espanhol, em um documento datado de 1254. Atualmente representa cada um dos compostos orgânicos que contêm um grupo hidroxila ligado a um radical alifático ou seus derivados.

Aldeído – lexema das palavras 'Álcool desidrogenado'. Alcool desidrogenado.

Aldosterona – origem do lexema 'álcool desidrogenado' e do grego *Ster-ona*, hormônio esteróide. Hormônio sintetizado na zona glomerulosa da supra-renal relacionado com o equilíbrio do sal no corpo.

Alelo – do grego *All(o)*, outro, diferente. Cada um dos genes de um par que ocupam o mesmo lugar em um dos cromossomos homólogos.

Alérgeno – do grego *All(o)*, outro, diferente; *Erg(on)*, trabalho, função e *Gen*, que gera. Substância que ao ser introduzida no organismo, o sensibiliza para o aparecimento dos fenômenos de alergia.

Alergia – do grego *Allos*, outro e, *Ergon*, trabalho. Esta palavra foi criada em 1906 por Pirquet.

Algesia - do grego *Algía*, dor.

Alimentação – do latim *Ale(re)*, alimentar e *Mentu(m)*, que faz.

Álveo – do latim, *Alveus*, pequena cavidade.

Alvéolo – do latim *Alveolus*, diminutivo de *Alveus*, pequena cavidade ou órgão oco. Designava qualquer objeto pequeno com forma arredondada, escavada ou em forma de um Erlenmeyer. Foi utilizada pela primeira vez em anatomia por Vesálio, para denominar as cavidades dos dentes. Somente em 1846 Rossignol usou-a para designar vesículas pulmonares. No entanto também é utilizado para designar porções das glândulas secretoras, tal como mama.

Amácrina – do grego *A(n)*, negação, não; *Makr(o)*, grande. Interneurônios presentes na retina que possuem axônios muito pequenos, tanto que foram descritos inicialmente como neurônios desprovidos de axônios.

Amebóide – do grego *Amoib(é)*, esta palavra apresenta dois significados pode ser: troca ou no sentido científico ameba; *Eid(és)*, tem aspecto de, parecido com. Que se parece com uma ameba ao se deslocar.

Amelia – do grego *A(n)*, negação, não; *Mel(o)*, membro. Ausência de membro.

Ameloblasto – do grego *Amel*, esmalte e *Blasto*, germe. Este termo foi criada pelo inglês Eames em 1882 para designar a célula epitelial de forma colunar ou prismática que secreta o esmalte nos dentes.

Amenorréia - do grego *A(n)*, negação, não; *Men*, menstruações; *Rhoiā*, fluxo. Ausência regular da menstruação.

Amidgalóide – do grego *Amygdalé*, amêndoa e *Oidés*, forma de. Dá nome a um dos núcleos da base do cérebro, com forma de amêndoa, junto à cauda do núcleo caudado. Em latim, o correspondente é *Tonsilla*.

Amielínico – do grego *A(n)*, sem; *Myel(o)* medula e *īn(a)*, substância química. Refere-se a axônios que não apresentam bainha de mielina.

Amígdala – do grego, *Amygdalè*, amêndoa. O termo apareceu com os tradutores de Avicena, para designar estruturas semelhantes a amêndoas.

Amina – do egípcio *Amûn*, divindade egípcia denominada de Amon. Do grego *Ammōniak(o)*, do deus Amón, produto oriundo da Líbia que era o sal de amoníaco. Substância derivada do amoníaco.

Aminoácido – do grego *Am-īn(a)*, e do latim *Acid*, ácido. Molécula que contém um grupo carboxila e amina livres. As proteínas são formadas pela união de aminoácidos.

Amitose – do grego *A(n)*, não; *Mit(o)*, fio e *Ō-sis*, processo. Divisão da célula sem que se observe a condensação dos cromossomos.

Amniocentese – do grego do grego *Amnio*, membrana de feto; *Kent-ē-sis*, perfuração. Punção do âmnio para obtenção do líquido amniótico.

Âmnion – do grego *Amnio*, membrana de feto. Âmnion é uma membrana que constitui a bolsa amniótica a qual envolve e protege o embrião. Derivada da somatopleura, que é a combinação do ectoderma com o mesoderma. Tem a função de produzir o líquido amniótico que protege o embrião contra choques mecânicos e dessecação, mantém a temperatura do corpo e permite a movimentação do embrião.

Amorfo (a) – do grego *A*, sem, e *Morphe*, forma. Estrutura que não tem forma definida. Em Histologia a substância amorfa localiza-se entre as células sendo formada principalmente por água, polissacarídeos e proteínas. Pode assumir consistência rígida, como por exemplo, no tecido ósseo; e líquida, como no plasma sanguíneo.

Ampola – Origem incerta. Provavelmente do latim *Ampulla*, vaso, frasco. Também existem as possíveis derivações do grego *Ambullo*, eu despejo, ou latim *Ambo*, os dois lados, ou do latim *Olla*, frasco arredondado, ou ainda segundo Joseph Hyrtl do latim *Ampla*, grande e *Bulla*, bolha, pequeno saco inflável. Alguns autores alegam que *Ampulla* é a forma corrupta e adaptada do grego *Amphoreis*, ânfora, jarro globoso com duas alças. Esta palavra pode ter sido composta do grego *Amphi*, ambos os lados e *Pherein*, levar, carregar, em referência às duas alças do vaso. Em anatomia, o termo é usado para designar dilatações terminais de ductos (deferente, lactífero, pancreático, tuba uterina) ou expansões globosas do reto.

Anabolismo – do grego *Aná, ává*, para cima; *Bol*, troca e *Ismos*, processo, estado. Conjunto de reações metabólicas que levam a síntese de compostos orgânicos complexos a partir de outros mais simples, com gasto de energia.

Anaeróbio - do grego do grego *Ana*, para trás; *Aero*, ar. Organismo que vive na ausência de oxigênio livre (gasoso ou dissolvido).

Anáfase – do grego *Ana*, para trás, *Phasis*, fase. Fase da divisão celular (mitose ou meiose), que sucede a metáfase durante a qual as cromátides (constituintes dos cromossomas) que, durante as fases precedentes, estavam reunidas pelo centrômero, separam-se devido ao desdobramento deste. Os cromossomas filhos formados dirigem-se então para os dois pólos opostos (para trás) do fuso acromático.

Anafilaxia – do grego *Ana*, para trás, para cima e *Phylaxis*, proteção. Em Histologia o termo anafilaxia refere-se a uma reação alérgica sistêmica, que ocorre após exposição a uma determinada substância já conhecida pelo organismo. O choque anafilático é uma reação tão intensa ao alérgeno (substância estranha ao corpo) que leva a falência de alguns órgãos inclusive a óbito (em vez de proteger, lesa o organismo).

Anágeno – do grego *Aná*, para cima e *Gen*, o que gera. Fase de crescimento do pelo.

Anal – do latim *Annalis*, relativo a ânus.

Anaplasia – do grego *Ana*, para trás, e *Plas(ia)*, formação celular. Perda da diferenciação estrutural e funcional de uma célula normal, o que é uma das características das células tumorais.

Anastomose – do grego *Ana*, através de, e *Stoma*, boca, entrada. Ligação por meio de uma boca. A primeira menção das junções tubulares boca a boca foi utilizada por Erasístrato, que utilizou o termo *sinanastomosis* para se referir as pretensas junções artério-venosas. Deve-se preferir utilizar esse termo em relação aos vasos sanguíneos.

Anatomia – do grego *Anatomichós*, cortado, dissecado, *Ana*, através de, *Temo*, cortar e *Anatome*, Corte, secção. As primeiras dissecções anatômicas para fins científicos parecem ter sido realizadas pelos gregos. Hipócrates, Erasístrato e Herófilo tornaram a anatomia um dos campos de estudo da medicina. André Vesálio é considerado o pai da anatomia moderna devido ao magnífico livro “*De Humani Corporis Fábrica*”. Inicialmente considerada apenas uma técnica para estudar o corpo humano, a anatomia logo passou a designar o método e finalmente a ciência geral da estrutura.

Acôneo – do grego *Ankon*, ângulo, acotovelamento. Designa qualquer estrutura relacionada à região do cotovelo.

Andrógeno – do grego *Andro*, macho e *Gen*, que gera. Termo genérico para os hormônios sexuais masculinos.

Andropausa - do grego *Andro*, macho e *Pau*, *Cesar*, parar. Representaria o climatério masculino. Este termo foi criado 1952 na França baseado no termo menopausa que é normalmente utilizado em relação à parada da menstruação nas mulheres. No entanto nos homens não desaparecem os caracteres sexuais masculinos.

Anel – do latim *Annulus*, anel. Do adereço derivou o nome do próprio dedo que o levava (o 4º dedo direito). *Digitus annularis* (dedo anular). O costume de levar-se o anel neste dedo, já aparecia entre os gregos, devido à crença errônea de que havia um vaso (*Vena moris*) que, partindo dele, ia direto ao coração.

Anencefalia – do grego *An*, sem, *Enkephalos*, encéfalo. A anencefalia consiste em malformação do tubo neural acontecida entre o 16º e o 26º dia de gestação, caracterizada pela ausência parcial do encéfalo e da calota craniana, proveniente de defeito de fechamento do tubo neural durante a formação embrionária. Esta é a malformação fetal mais frequentemente relatada pela medicina.

Aneuploide - do grego *A(n)*, sem, privação; *Eu*, normal; *Plo*, multiplicado; *Eid(és)*, forma, aspecto de. Células ou indivíduos cujo número de cromossomas não é um múltiplo exato do número haplóide que é característico da espécie.

Aneuploidia – do grego *A*, não; *Ploos*, dobra; *Eidos*, forma. Quando a célula apresenta um número de cromossomas maior do que o normal, porém não múltiplo deles, e menor do que o número diplóide.

Aneurisma – do grego *Ana*, através, parte de e *Eurys*, grande, largo. Aneurisma é uma patologia provocada pela dilatação segmentar, de formato variável, de uma parte do vaso, geralmente arterial (artéria) ou menos frequentemente venoso (veia).

Anexo – do latim *Annexus*, unido, ligado, e *Annectere*, unir, ligar. Designa apêndices ou partes acessórias de órgãos, ligadas ou unidas a eles. Anexos do útero são os órgãos “ligados” ao útero.

Angiogenese - do grego *Aggèion*, vaso, e *Gênesis*, produção. É um termo usado para descrever o mecanismo de crescimento de novos vasos sanguíneos a partir dos já existentes.

Anisocitose – do grego *A(n)*, sem, privação; *Iso*, igual, *Kyto*, célula e *Ō-sis*, processo patológico. Variação anormal do tamanho das células, especialmente das hemácias.

Anoikis - do grego *A(n)*, sem, privação; *Noikis*, teto, moradia. Em outras palavras, *anoikis* é definido como um tipo de apoptose que é induzida pela insuficiência ou inadequada interação célula-matriz. Células normais quando perdem a interação com sua matriz recebem sinais para iniciar o processo de apoptose. Tipo específico de apoptose.

Anômalo – do grego *An*, não e *Homo*, igual. Significa não igual, estranho.

Antagonista – do grego *Antí*, contra, frente a, *Agon*, combate e *Íst(ēs)*, que faz. Diz-se de músculos de uma determinada região que fazem movimento contrário.

Antebraço – do latim *Ante*, diante de, antes, e *Brachium*, braço.

Antélice – do grego *Anti*, oposto a e *Elix*, espiralado, *Eileo*, enrolar. Aristóteles apenas nomeava o lóbulo da orelha externa. Rufo de Éfeso foi o primeiro a descrever outras partes do pavilhão da orelha externa, como hélice e antélice.

Anterior – do latim *Anterior*, mais à frente; *Ante*, frente. Significa o que está antes ou vem em primeiro de uma série.

Anticoagulante – do grego *Anti*, contra e, do latim *Coagulans*, coagulante. Anticoagulantes são substâncias usadas para prevenir a formação de trombos sanguíneos, ou seja, a coagulação sanguínea.

Anticorpo – do grego *Anti*, contra e, do latim *Corpora*, corpo. Anticorpos ou imunoglobulinas são glicoproteínas sintetizadas por células (linfócitos T ou plasmócitos - derivados dos linfócitos B) que atacam proteínas estranhas ao corpo, chamadas de antígenos, realizando assim a defesa do organismo.

Antígeno – do grego *Anti*, contra e *Gennao*, eu produzo. Etimologicamente deveria significar “contra a concepção”, mas o radical *Anti* é aí uma forma abreviada de Anticorpos e, assim, Antígeno é um “gerador de anticorpos”. Antígeno é toda partícula ou molécula capaz de iniciar uma resposta imunológica, provinda do meio exterior ou do próprio organismo.

Antímero – do grego *Anti*, contra e *Meros*, parte. Uma das várias partes similares ou equivalentes em que um animal de simetria bilateral ou radial pode ser dividido.

Antiporte – do grego *Antí*, contra, frente a e *Port*, transportar. Proteína de membrana que transporta um soluto através de uma membrana que depende de um transporte simultâneo de outro soluto na direção oposta.

Antitrigo – do grego *Anti*, oposto e *Tragos*, bode, cabra. Parte do pavilhão da orelha externa oposta ao trago.

Antro – do grego *Ántron* e do latim *Antrum*, cavidade, espaço oco, caverna. Não confundir com *Atrium* ou *Aditus* que eram compartimentos da casa romana. A palavra em português tem sentido de covil, refugio de ladrões, salteadores, porque em Roma antiga os malfeitores abrigavam-se em cavernas, que eram sempre mal afamadas.

Ânulo – do latim *Annulus*, anel.

Ânus – do latim *Annulus*, anel. Alguns etimologistas alegam ser a palavra derivada da forma popular de *Annulus*, que era *Annus*, que significava ano (tempo). Celso foi o primeiro a utilizar o termo em Anatomia. No latim vulgar, *Annus* era o termo pejorativo para “mulher velha”, por causa da aparência enrugada da pele ao redor dos lábios (semelhantes às pregas anais) ou porque as marcas do tempo (anos) eram nelas mais evidentes.

Aorta – do grego *Aaeirein*, levantar ou ser levantado. A origem deste termo ainda é incerta, pois pode ter sido derivado do Grego *Aortemai*, suspenso, *Era*, ar, *Tereo*, eu tenho ou ainda *Aortés*, faca de cabo curto e curvo usado pelos povos macedônios. No sentido anatômico este termo foi usado inicialmente por Aristóteles. É o nome dado ao principal tronco arterial do sistema circulatório do qual se derivam todas as artérias do organismo. A aorta se inicia no coração, na base do ventrículo esquerdo, e termina à altura da quarta vértebra lombar, onde se divide nas artérias ilíacas comuns.

Aparelho – do latim *Apparatus*, preparação, apetrecho, máquina. Utilizado inicialmente para designar apenas um conjunto ou uma coleção de instrumentos para determinado fim, passou depois a nomear estruturas ou órgãos com a mesma finalidade. Tem como sinônimo o termo grego *Systema*. No entanto em anatomia sistema não é sinônimo de aparelho, pois este último abrange um conjunto de órgãos e estruturas que atuam em combinação para realizar uma função, assim podemos designar aparelho genito-urinário abrangendo os sistemas reprodutores masculino ou feminino e o sistema urinário.

Apêndice – do latim *Appendix*, o que pende, balança, *Appendere*, suspender.

Apical - do latim *Apicis*, *Apex*, ponta. Relativo a uma ponta ou vértice; localizado numa extremidade.

Âpice – do latim *Apex*, ponta.

Apócrina – do grego *Apo*, proveniente de, e *Krynos*, secreção. São denominadas glândulas apócrinas aquelas cuja secreção apresenta parte das células que a fabricaram, ou seja, parte das células é eliminada juntamente com o produto secretório. Alguns autores acreditam que essas glândulas são na realidade glândulas merócrinas, no entanto, a maioria dos livros de histologia ainda referem a presença dessas glândulas, tais como as glândulas mamárias, axilares e perianais.

Apófise – do grego *Apo*, a partir de, e *Physis*, zona de crescimento. Este termo foi criado por Hipócrates para designar no século V a.C para designar uma excrescência, crescimento ou parte saliente do osso para articulação ou inserção muscular.

Aponeurose – do grego, *Apó*, sobre, de e *Neuron*, cordão, fibra. O termo *Neuron* antigamente designava qualquer estrutura cilíndrica fibrosa, lisa e deslizante. Aribásio foi o primeiro a definir aponeurosis como uma lâmina fibrosa e fina.

Apoptose – do grego *Ptoses*, queda ato de cair. Assim como as pétalas das flores e as folhas das árvores no outono. Conhecida como "morte celular programada" (a definição correta é "morte celular não seguida de autólise) é um tipo de "autodestruição celular" que ocorre de forma ordenada e demanda energia para a sua execução (diferentemente da necrose). Está relacionada com a manutenção da homeostase e com a regulação fisiológica do tamanho dos tecidos, mas pode também ser causada por um estímulo patológico (como a lesão ao DNA celular). O termo é derivado do grego, que se referia à queda das folhas das árvores no outono - um exemplo de morte programada fisiológica e apropriada que também implica renovação.

Aqueduto – do latim *Aqua*, água, *Ductus*, condução, *Ducere*, conduzir, guiar. Em anatomia o termo é utilizado para uma passagem através de certa estrutura para conduzir líquido claro. Na Roma antiga os aquedutos eram engenhosos projetos de transporte de água potável, de especial importância para o suprimento de banhos e decisivos para higiene pública. Eram grandes extensões de encanamentos elevados que traziam água de rios vizinhos. Em anatomia o termo é usado para uma passagem através de certa estrutura, geralmente com a finalidade de conduzir líquido claro.

Aquiles – Nome próprio (Grego). A expressão calcanhar de Aquiles, em sentido geral, significa ponto vulnerável. Em Anatomia designava o tendão calcâneo. Na mitologia Grega, Aquiles foi mergulhado nas águas do rio Estige seguro pelo calcanhar. Esse banho tornou seu corpo invulnerável a qualquer arma de ataque, no entanto, a parte não banhada ficou vulnerável. O termo foi primeiramente utilizado em anatomia por Phillippe Verheyen em 1693, Belga. Esse anatomista teve um acidente na juventude o que ocasionou uma amputação do pé e tal fato inclinou-o a estudar medicina e a se tornar anatomista. Foi professor de Anatomia (1689), depois de Cirurgia (1693) e segundo a lenda dissecou o próprio pé amputado. No fim da vida tornou-se teólogo.

Aquoso – do latim *Aquosus*, aquoso, úmido.

Aracnóide – do grego *Arachnè*, aranha, ou sua teia, e *Eidos*, semelhante. O termo foi aplicado à meninge entre a dura-máter e a pia-máter em 1664, por Frederick Ruysch, anatomista holandês.

Arciforme – do latim *Arcus*, arco e *Formis*, forma de. Em Histologia descreve-se na supra-renal a zona arciforme, ou seja, as células dessa região se dispõem em cordões que formam arcos, logo abaixo da cápsula.

Arco – do latim *Arcus*, arco.

Aréola – do latim *Área*, espaço, como o sufixo diminutivo *Ola*. Aplica-se este termo em medicina especialmente ao espaço ao redor dos mamilos dos seios. O termo foi introduzido em Anatomia por caspar Bauhin, em 1605, para designar a área pigmentada ao redor da papila mamária (mamilo).

Argirofilia – do grego *Àrgyros*, prata e *Philia*, amor, amigo. Substâncias que são reveladas ou identificadas pela prata. Em Histologia temos as fibras reticulares que são impregnadas pela prata. Na realidade essas fibras são colágeno tipo III.

Aritenóideo – do grego *Arytaina*, jarro, copo e *Oidés* forma de. Devido a semelhança do adito da laringe de animais com um jarro, foi dado o nome ao conjunto das cartilagens aritenóideas e ao ligamento interaritenóideo. Foi o anatomista Jean Riolan quem introduziu este termo, utilizando-o inclusive para os músculos associados àquelas cartilagens.

Arqueado – do latim *Arcuatus*, arqueado, curvado como um arco. Foi James Douglas quem a descreveu num trabalho sobre peritônio.

Arquencéfalo – do grego *Arkhe*, começo, elemento inicial e *EnKephala(o)*, interior da cabeça. Termo utilizado em neuroanatomia e na formação do sistema nervoso. No arquencéfalo distinguem-se inicialmente três dilatações, que são as vesículas encefálicas primordiais denominadas: prosencéfalo, mesencéfalo e rombencéfalo. Com o subsequente desenvolvimento do embrião, o prosencéfalo dá origem a duas vesículas, telencéfalo e diencéfalo.

Artéria – do grego *Era*, ar e *Terein*, conservar, guardar. Os gregos antigos acreditavam que as artérias conduziam o ar. Hipócrates chamava “artéria” à traquéia e árvore bronquial e “*flebos*” aos vasos sanguíneos, pois os anatomistas gregos antigos acreditavam que as artérias continham ar e as veias, o sangue, pelo fato de que às dissecações, aqueles vasos mostravam-se vazios. Somente no século XVII, os trabalhos de Miguel Serveto, Realdo Colombo, Fabrizio D’Acquapendente e William Harvey demonstraram claramente a circulação sanguínea nas artérias.

Arteríola – do latim *Arteriola*, diminutivo de *Artéria*. As arteríolas são vasos sanguíneos de dimensão pequena que resultam de ramificações das artérias. Através das artérias o sangue é libertado para os capilares. Regulam principalmente a resistência ao fluxo sanguíneo, e, portanto, a pressão sanguínea periférica.

Arteriosclerose – do grego *Era*, ar; *Terein*, conservar; *Skleros*, duro, e *Ose*, estado. Endurecimento dos tubos que conduzem ar ou “artérias”.

Articulação – do latim *Articulatio*, nó, junção e *Arctus*, ajustado, apertado.

Artrologia – do grego *Arthron*, junção e *Logos*, estudo.

Árvore – do latim *Arbor*, árvore.

Árvore da vida – do latim *Árbor*, árvore e *Vitae*, da vida. No século XVIII, o óleo de cedro era usado como bálsamo e por isso esta árvore ficou conhecida como árvore da vida. Winslow, em 1740, deu o nome de *arbor vitae cerebelli* à substância branca do cerebelo, vista em corte sagital, pela semelhança com a fronde deste vegetal (*Thuya occidentalis*).

Ascendente – do latim *Ascendere*, subir elevar.

Assexual – do grego *An*, não e do latim *Sexum*, sexo. Diz-se da reprodução que não há união sexual. Este termo também é utilizado em relação a pessoa que não sente atração sexual.

Áster – do grego *Aster*, estrela. As fibras do áster são microtúbulos protéicos presentes ao redor dos centríolos.

Astrálagos – do grego *Astrágalos*, dado de jogo. O mesmo que *tálus*. Os soldados romanos fabricavam seus dados a partir do osso de calcanhar de cavalos, o qual denominavam de *taxillus*, mais tarde abreviado para *talus*. A palavra *talus* é sinônimo de *astrálagos* nomenclatura anatômica.

Astrócito – do grego *Ástron*, astro, estrela e *Kyto*, célula. Célula da neuroglia de origem ectodérmica com prolongamentos citoplásmicos fibrosos que lhe dão o aspecto de uma estrela.

Astroglia - do grego *Ástron*, astro e *Glia*, cola. Conjunto de células com aspecto estrelado presentes na glia nervosa (neuroglia).

Atlas – do grego *Atlas*, eu sustento. Gigante mitológico de força descomunal, filho de Iápeto e Climene, que após a derrota dos Titãs para os Deuses foi condenado, por Júpiter, a sustentar o mundo nos ombros, sendo esta a imagem do Titã que esta perpetrada por muitos escultores. Na anatomia nomeia a primeira vértebra cervical que, por analogia sustenta a cabeça. Galeno chamava esta vértebra de Protospondio (do grego *Protos*, primeiro e *Spondylos*, espinha, vértebra). Foi apenas na época de Vesálio (1540) que se passou a denominar Atlas a primeira vértebra cervical.

Atrio – do latim *Atrium*, sala íntima. Grande aposento central da casa romana com a lareira (lar) num dos cantos e um tanque de mármore (*impluvium*) no outro, sobre o qual havia uma abertura que captava água da chuva. Este aposento não apresentava janelas e apenas um orifício no teto para escape da fumaça. Os anatomistas devem ter dado este nome devido ao fato da câmara cardíaca ser de grande dimensão e ter a presença da veia cava superior, como se fosse uma chaminé.

Atrofia – do grego *A*, privativo e *Trophe*, nutrição. Insuficiência de nutrição, que se caracteriza por desgaste ou diminuição de células, tecidos, órgão ou estruturas do corpo. A atrofia é uma forma de resposta adaptativa da célula a novas condições impostas pelo organismo. Ela consiste na redução do tamanho celular resultante da perda de proteínas e outros materiais celulares (assim como de organelas), a redução das células se reflete também na redução do tecido ou órgão afetado.

Audição – do latim *Audiere*, ouvir.

Aurícula – do latim *Auricula*, diminutivo de *Auris*, orelha externa. Significava o lóbulo do pavilhão da orelha externa. As aurículas dos átrios do coração foram assim denominadas por Erasístrato, pela semelhança com as orelhas de um cão.

Autócrino – do grego *Aut(o)*, que atua por si mesmo ou sobre si mesmo e *Krin*, segregar. São substâncias que exercem atividade sobre a mesma célula pela qual tem sido secretada.

Autofagia - do grego *Aut(o)*, que atua por si mesmo ou sobre si mesmo e *Phagia*, ação de comer. Mecanismo utilizado pelas células eucariotas para degradar seus próprios componentes visando normalmente a renovação citoplasmática, no entanto, em alguns casos pode ocorrer autofagia ocasionando morte celular.

Autólise - do grego *Autos*, próprio, por si mesmo e *Lise*, quebra, destruição. A autólise ou citólise é o processo pelo qual uma célula se autodestrói espontaneamente. É comum em células danificadas ou em tecido morrendo.

Autônomo – do grego *Autos*, próprio, mesmo e *Nómos*, regra, lei. Galeno foi o primeiro a sugerir este termo aplicando-o ao sistema nervoso.

Autopsia - do grego *Autos*, próprio + *Psia*, exame, observar. A verdade a melhor tradução é "observar com os próprios olhos", ou seja, não um exame "em si mesmo" mas "por si mesmo". Conforme o mesmo dicionário é sinônimo perfeito de necropsia. Há quem diga que o termo autópsia deveria ser empregado para o exame em humanos e necropsia o exame em animais. Erroneamente usado por alguns como autopsia si próprio, exame). A palavra que deveria ser utilizada deveria ser necropsia (*nekros*, morto e *psia*, exame), refere-se à dissecação de um cadáver, com diversos fins: educativos, ou de medicina forense, em que se pretende determinar as causas da morte. São exames realizados em cadáveres para esclarecer práticas criminosas, diagnósticos de finalidade da saúde ou clínica, tipos: a) Necropsia médico legal; b) Necropsia médico patológica. Alguns autores referem que o termo foi introduzido por Vesálio visto que ele mesmo começou a realizar o estudo dos cadáveres e não mais os barbeiros da época.

Autossomas - do grego *Autos*, própria, próprio, e *Soma*, Corpo. Conjunto de cormosomas que estão presentes em todas as células de um organismo, que não são sexuais.

Autotrófo - do grego *Autos*, própria, próprio e *Trophos*, alimentar. Ser capaz de sintetizar compostos orgânicos diretamente de compostos inorgânicos; ser vivo que fabrica o próprio alimento.

Axila – do latim, *Axilla*, cavo do braço, talvez por composição de *Axis*, eixo e *Alla*, asa.

Axis – do latim *Axis*, eixo e do grego *Axon*, eixo ou *Ago*, eu carrego. Hipócrates chamava a vértebra de *odonta*, por causa de seu processo e Galeno denominava-a de *dentiformis*. Celso parece ter sido o primeiro a designar a segunda vértebra cervical por este nome, pelo fato da

primeira girar sobre ela com em um eixo. Até a época de Vesálio (1540) apenas o processo odontóide (ou dente) desta vértebra era chamado de axis, por sua semelhança a um “pivô”. Pollux chamou-a inteiramente de *axis* e vesálio confirmou este nome para todo o osso.

Axodendrito – do grego *Ax(o)*, eixo, *Dendr(o)*, arborização e *Īt(ēs)* elemento anatômico. Cada uma das fibrilas laterais do cilindroeixo de uma célula nervosa. No entanto este termo é utilizado normalmente para designar sinapse entre um axônio e dendrito.

Axolema - do latim *Axis*, ou do grego *Áxon*, eixo e *Lemma*, membrana fina. Membrana que cobre o axônio.

Axonema - do latim *Axis*, ou do grego *Áxon*, eixo e *Nē-m(a)*, hilo. Feixe de microtúbulos e proteínas associadas que formam o eixo central de um cílio ou de um flagelo nas células eucariotas. Este termo foi introduzido por Entz (1901) na Inglaterra.

Axônio – do latim *Axis*, ou do grego *Áxon*, eixo. O axônio é uma projeção, longa e fina de uma célula nervosa (neurônio), que conduz os impulsos elétricos para longe do corpo do neurônio.

Axoplasma – do grego *Áxon*, eixo e do latim *Plasma*, criatura ou do grego *Plásm(a)*, líquido constituinte. Citoplasma do axônio de uma célula nervosa.

Ázigos – do grego *A*, sem, privado de e *Zygos*, par, casal. Aplica-se a todo órgão ímpar. Portanto significa ímpar, único. Dá nome a uma veia parietal torácica posterior, à direita, que parece receber todo o sangue das paredes do tórax. A intenção do nome ficou prejudicada quando Albrecht Von Haller chamou de “hemiázigos” à veia correspondente à esquerda que, entretanto, não lhe é igual (par).

B

Baço – do latim *Opacius* ou *Opacus*, opaco, escuro, sem brilho. Em latim, a palavra para este órgão era *Lien*, no Grego *Splien*, baço, mas a língua portuguesa não a adotou. Não se sabe ao certo talvez a palavra baço possa ser derivada do latim *Badium*, "moreno pálido". O adjetivo baço, em português, é sinônimo formal de opaco e daí as palavras embaçado ou embaciado (que não se deixa atingir o atravessar pela luz). A designação do órgão abdominal provavelmente originou-se da sua coloração ou mesmo da sua posição. Na história da medicina o baço sempre constituiu um desafio à curiosidade dos investigadores que buscavam compreender a sua função no organismo. A teoria dos humores da medicina hipocrática, que orientou o pensamento médico durante mais de vinte séculos, atribuía-lhe a função de produzir a bile negra, um dos quatro humores do corpo, de cujo equilíbrio dependeria a saúde. O excesso de bile negra seria responsável pelo "mau humor" das pessoas.

Bainha – do latim *Vagina*, qualquer bainha ou estojo, como da espada.

Bálsamo – do grego e designa uma árvore *Balsamodendron Opobalsamum* que produz um óleo ou azeite aromático e medicinal. Este termo passou para o latim como *Balsamum*.

Barba – do latim *Barba*, barba. Na antiga Roma, o barbeiro era chamado de *Barbatensius*. Na idade média, os *barbatensius*, não tinham formação acadêmica, eram treinados para executar atos considerados abomináveis para o médico formado (sangrias, drenagem de abscessos) e barbear os frades e monges, proibidos de deixar crescer a barba por um decreto papal de 1092. Na Inglaterra, somente em 1745, os barbeiros foram separados dos cirurgiões, que passaram a ter formação acadêmica. O que equivalente grego é *Pólon*.

Barorreceptor - do grego *Bar(y)*, pesado, grave, O do grego e do latim *Re*, para tras, repetição, com intensidade, *Cēp* (latim), colher, receber e *Tōr(em)*, também do latim, que faz. É um receptor sensorial que monitoriza as alterações na pressão sanguínea. Esses receptores estão localizados em artérias sistêmicas (seios aórtico e carotídeo). Ativação do reflexo barorreceptor reduz a frequência cardíaca e provoca vasodilatação.

Basal - do grego *Básis*, apoio, fundação.

Base – do grego *Básis*, apoio, fundação.

Basilar – do grego *Básilon*, apoiado, sustentado. Termo sugerido por Barclay, designando “em direção à base do crânio”. A idéia do crânio, com “base e paredes” foi introduzida por Avicena.

Basílica – do grego *Basil*, Rei, ou seja, *Basilike*, principal. No entanto a veia verio do vocábulo árabe *Al-basillik*, veia interna. O termo *vena basílica* era desconhecido dos antigos anatomistas. Na Grécia antiga, esta veia era chamada por Hipócrates *endo flebos* (veia interna) e por Galeno de *ankonos flebos endos* (veia interna do cotovelo). Os médicos gregos faziam a sangria na veia basílica direita para as doenças do fígado (*flebos hepatitis*) e na esquerda para as do baço (*flebos splenitis*). O nome atual foi dado por Avicena, à veia superficial do antebraço e braço, que permanece como sendo um dos principais pontos de sangria ou punção.

Básio – do grego *Básis*, base, apoio, fundação.

Basófilo – do grego *Basis*, base, e *Philein*, amar. Que recebe bem os corantes básicos. Dis-se de célula ou parte dela que se cora por corantes basófilos.

Bastonete – do francês *Baston*, em forma de bastão pequeno. Em histologia são células em forma de bastão na retina, que conseguem funcionar com baixos níveis de luminosidade, porém incapazes de identificar cores.

Bexiga – do latim *Vesica*, bexiga ou vesícula. O equivalente grego é *Kystis*. A origem da palavra bexiga é interessante, de *Vesica*, passou a vexiga e depois a boxiganga que era o nome de um personagem cômico do teatro espanhol. Depois vieram mogiganga, bogiganga e finalmente bugiganga. Por um tempo, a palavra designou “festa com pessoas disfarçadas” ou “peça de teatro cômica, curta”. Depois passou a designar qualquer objeto usado para debochar de alguém e, finalmente, se assentou querendo dizer “objeto de pouco valor”. Estes personagens usavam bexigas de animal infladas debaixo da roupa (não tinham ainda inventado os balões), as quais iam sendo estouradas ao longo da peça e fazendo diminuir o tamanho da figura. A palavra grega *Kystis*, com o sentido de bexiga, já é encontrado na *Ilíada* de Homero.

Bíceps – do latim *Bis*, dois, duplo e *Caput*, cabeça. Denominação de músculos que têm origem em dois ventres separados. Em especial, os músculos bíceps do braço e bíceps da coxa.

Bicondilar – do latim *Bis*, duplo, dois e do grego *Kòndylos*, junção, nó.

Bifurcação – do latim *Bis*, dois, duplo e *Furca*, fôrca, forçado de dois dentes. A fôrca romana, originalmente, era dupla, em forma de T, isto é, tinha dois braços.

Bigorna – do latim *Incus*, bigorna e *Incudere*, golpear, malhar, forjar. André Vesálio foi o primeiro que notou a semelhança de forma dos ossículos da audição com os instrumentos do ferreiro e assim os denominou.

Bili (e) – do latim *Bil(is)*, bile, bili, fel. Sustância líquida alcalina amarelada produzida pelo fígado de muitos vertebrados. Intervém nos processos de digestão funcionando como emulsionante dos ácidos graxos. Contêm sais biliares, proteínas, colesterol e hormônios. No contêm enzimas digestivas.

Bilífero – do latim, *Bilis*, bile e *Ferus*, que transporta. A palavra bÍlis pode derivar de *Bis*, dois, duplo e *Lis*, contenção, significando “dupla causa de raiva”, porque os antigos acreditavam que a retenção da bile provocava ânimo raivoso, daí o adjetivo colérico. Em latim, o termo *Fel* era mais usado para a bile armazenada na vesícula biliar, enquanto *BÍlis* era usada para a secreção. Até o século XVII, o termo bÍlis era frequentemente substituído pelo equivalente grego *Chole*. Glisson chamou a atenção para o fígado como órgão produtor da bile e foi o primeiro a sugerir que esta secreção atuava na digestão das gorduras, fato descrito mais tarde por Haller.

Bilirrubina - palavra latina, *BÍlis*, fel ou bÍlis e *Rube(um)*, vermelho e *In*, substância química. Pigmento biliar de cor amarelo-alaranjado que resulta da degradação da hemoglobina.

Bio – prefixo usado em muitos termos médicos e que deriva do grego *Bios*, vida.

Biogenese – do grego *Bio* vida e *Genesis*, geração, formação. Teoria biológica segundo a qual todo ser vivo procede de outro ser vivo.

Biopsia – do grego *Bios*, vida e *Opsis*, visão. Exame de um tecido que se retirou de um ser vivo, geralmente para se dar um diagnóstico.

Bipenado – do latim *Bis*, dois, duplo e *Pennatus*, penado.

Biventre – do latim *Bis*, dois, duplo e *Venter*, ventre.

Blastáporo – do grego *Blast(o)*, germe e *Poros*, passagem. A abertura semelhante a uma boca em uma blástula.

Blastema – do grego *Blast(o)*, germe e *Ema*, imaturo. Conjunto de células embrionárias cuja proliferação leva a formação de um determinado órgão.

Blastocele- do grego *Blast(o)*, germe e *Koile*, oco, cavidade. É o nome dado a cavidade existente no interior do blastocisto.

Blastocisto - do grego *Blast(o)*, germe e *Kist*, vesícula, bexiga, bolsa.

Blastodisco - do grego *Blast(o)* germe, e *Diskos*, disco. Área germinativa de um ovo rico em vitelo e que dá origem ao corpo do embrião.

Blastômero - do grego *Blasto(o)* germe, e *Meros*, parte. Cada uma das primeiras células formadas pela divisão do ovo.

Blastoporo - do grego *Blasto(o)* germe, e *Por(o)*, poro. Orifício da gástrula que comunica o arquentero com o exterior.

Blástula – do grego *Blast(o)* germe, e *Ula*, pequeno. Fase de desenvolvimento do ovo ou zigoto que se segue à mórula e se caracteriza pela formação de uma cavidade líquida (blastocele) entre os blastômeros.

Boca – do latim *Bucca*, bochecha, refere-se na atualidade a cavidade oral. O termo foi provavelmente assimilado do hebreu *Bukkah*, que tinha o sentido de vazio, oco. Em latim, o contorno da abertura oral (rima dos lábios) era denominado “Os”. O equivalente grego é *Stóma*.

Bolha – do latim *Bulla*, bolha, cápsula. A palavra significava qualquer ornamento ou objeto em forma de bolha. Passou depois a designar também qualquer vesícula ou saco inflável com forma arredondada.

Bolsa – do grego *Bursa* couro, pele e *Bous*, boi. Esta palavra apareceu somente no século XVII, designando o saco membranoso sinovial que foi chamado de “*mucuous bursa*” por Albinus. Winslow e Monro descreveram as bolsas sinoviais intertendíneas e entre ossos, mas as bolsas sinoviais cutâneas somente foram descritas por Beclard.

Borda – do árabe *Bord*, prancha, margem.

Braço – do grego *Brachion*, braço. Esta palavra deriva do grego *Brachis*, curto, breve, porque o membro superior é mais curto que o inferior. A palavra inglesa é *Arm* (braço) sendo que a palavra armadura deriva dela, porque a primeira peça idealizada como proteção foi uma ombreira de metal ou couro rígido que protegia a articulação do ombro, onde um golpe podia seccionar o tendão do músculo supra-espinhal, dificultando ou impedindo o manejo da espada. O equivalente latino é *Bracciu*.

Branca – do latim *Alba*, feminino de *Albus*, branco, claro.

Branquia – do latim *Branchiae* e do grego *Bránkh(ia)*, brânquias. Órgão respiratório de muitos animais aquáticos, como peixes, moluscos etc constituído por lâminas ou filamentos de origem tegumentária; as brânquias estão ao descoberto ou em cavidades fechadas por um opérculo.

Braquial – do latim *Brachialis*, relativo ao braço.

Braquicéfalo – do grego *Brakhy* curto e *Kephal*, cabeça. Aplica-se a pessoa cujo crânio é quase redondo, porque seu diâmetro maior excede em menos de um quarto o menor (por tanto, é curto). Diz-se de pessoa que têm o diâmetro transversal do crânio igual ou superior ao anteroposterior. Este tipo de crânio é comum entre os asiáticos. Vide o termo dolicocefalo.

Bregma – do grego *Brechein*, amolecer, umedecer. O termo foi introduzido por Aristóteles, referia-se à parte “mais mole” do crânio do recém-nascido e a última a se ossificar. A palavra (ou um similar arcaico, *Bregmos*) também foi empregada por Galeno para designar o “ápice do crânio”. Foi reintroduzida no vocabulário anatômico por Colombo, no século XVI, com o sentido atual de “fontículo anterior”. O ponto craniométrico homônimo (ponto de união das suturas coronal e sagital) foi descrito por Broca.

Brônquio – do grego *Bronchos*, mole, úmido. Acreditava Platão que os líquidos deglutidos alcançavam o estômago pela traquéia e os alimentos sólidos, pelo esôfago. Daí a justificativa da umidade (muco) daquela. Inicialmente, Rufo de Éfeso usou o termo para designar os anéis da

traquéia, mas o sentido foi depois extrapolado para sua divisão e gradualmente acabou denominando apenas os ramos. Popularmente, designava tanto a garganta como a própria traquéia.

Bronquíolo – do grego *Bronchos*, mole, úmido e *Olus*, sufixo diminutivo. Em Histologia representa a divisão dos brônquios.

Bronquite – do grego *Bronchos*, mole, úmido e *Ite*, inflamação.

Bruxismo – do grego *Brychein*, ranger os dentes.

Bucal – do latim *Bucca(m)* boca e *ãl(em)*, derivado, relativo. O que é relativo à boca.

Bucinador – do latim *Buccinare*, soar corneta, e *Actor*, agente. No exército e nas cerimônias imperiais, o *Buccinatorius* era o arauto, aquele que tocava a trombeta ("*buccina*") para chamar à atenção os participantes. Em português deu "Buzina".

Bula – do latim *Bulla*, bolha, cápsula. A palavra designava, em latim, qualquer objeto esferóide, principalmente os ornamentos usados pendurados ao pescoço. Em anatomia, nomeia a saliência arredondada do osso etmóide, no hiato semilunar.

Bulbo – do grego *Bolbos*, bulbo, especialmente da cebola.

Bursa – do latim *Burs(am)*, bolsa, do grego Bursa, couro, pele e Bous, boi. Esta palavra apareceu somente no século XVII, designando o saco membranoso sinovial que foi chamado de "mucuous bursa" por Albinus. Winslow e Monro descreveram as bolsas sinoviais intertendíneas e entre ossos, mas as bolsas sinoviais cutâneas somente foram descritas por Beclard.

C

Cabeça – do latim *Caput*, cabeça e do Grego *Kara* ou *Kephalos*, da cabeça. Vesálio dava este nome a extremidade arredondada de um osso e Galeno, a qualquer estrutura esferóide sobre um estreitamento (colo ou pescoço). A palavra *Kephalos* foi traduzida, para o latim, de várias formas: *caput*, *nodum*, *articulum*.

Cabelo – do latim *Capillus*, cabelo, *Pilus*, pelo. O equivalente grego é *Thrix*, *Thriknós*.

Caduco – do latim *Cad(ere)/Cid(ere)*, cair.

Caixa – do latim *Compages*, qualquer construção articulada, gaiola, prisão. A caixa torácica, por ser feita de arcos unidos entre si, lembra a estrutura das jaulas ou gaiolas romanas (com varas longitudinais), muito semelhantes àquelas usadas atualmente em circos para prender as feras.

Calcâneo – do latim *Calx*, calcanhar.

Calcanhar – do latim *Calx*, *Calcaneum* o mesmo que calcâneo. O correspondente grego é *Astrágalus*

Calcarino – do latim *Calcarinus*, relativo ou em forma de esporão.

Cálcio – neologismo criado em 1800, do latim *Calx*, cal, que por sua vez deriva do árabe *Kali*, cinza de soda.

Calcitonina – do latim *Calc*, pedra de cálcio, e do grego *Ton(o)*, tensão e *in(a)* substância química. Hormônio peptídico que intervém no metabolismo do cálcio e do fosfato; reduz os níveis sanguíneos de cálcio de várias maneiras, por exemplo: 1- diminuindo a absorção intestinal, 2 – aumentando o armazenamento de cálcio pelos ossos e 3 – aumentando a excreção do cálcio pelos rins.

Cálculo – do latim *Calcul*, pequena pedra. Concreções formadas em alguns órgãos.

Cálice – do grego *Kalyx*, taça. Refere-se a toda estrutura em forma de taça, como os cálices renais. Em botânica, a palavra cálice (da flor) parece ter origem do grego *Kalypto*, esconder, cobrir, significando o local recôndito para os órgãos reprodutores do vegetal, mas é interessante notar que o cálice da flor, invertido, assemelha-se a uma taça na mesma posição.

Caliciforme - do grego *Kalyx*, taça e do grego *Morphe*, forma. Célula mucosa presente em alguns epitélios que apresenta forma de cálice.

Caloso – do latim *Callosus*, caloso duro, *Callum*, pele dura, crosta. A palavra em latim provavelmente derivou do grego *Kalon*, madeira. O *Corpus callosum* pode ser assim denominado por Galeno tanto por ser mais rígido que o restante do tecido cerebral quanto por ser mais rígido que o restante do tecido cerebral quanto por constituir um largo feixe de fibras nervosas comissurais, lembrando a estrutura de uma tora ou lenho. O termo foi reintroduzido por Sylvio em Anatomia e apareceu impresso pela primeira vez nas obras de Vesálio. Daí o nome “calo” para o endurecimento da pele, ou após fratura óssea.

Calvária – do latim *Calvaria*, abobada do crânio, *Calvus*, escalpo, calvície. O termo inicialmente referia-se à porção do crânio coberta por cabelos, mas Celso usava-o para designar apenas a parte mais alta (abobadada) da cabeça. Era, originalmente, o nome da colina sem vegetação, perto das muralhas de Jerusalém que os romanos usavam como local de crucificação, onde Jesus, o Cristo, foi supliciado.

Camada – do latim *Cama*, leito baixo e estreito, depois adaptado como neologismo na Península Ibérica, no português assim como no espanhol, para designar o móvel no qual descansamos, dormimos, somos tratados de enfermidades. Camada é porção de qualquer substância que forma um todo, sobreposta a outra. É também categoria, classe. Camada social é usado para definir os limites entre uma classe social e outra, ou ainda no interior de um mesmo segmento. vide também a palavra estrato.

Canal – do latim *Canalis*, canal, sulco profundo.

Canalículo – do latim *Canaliculus*, diminutivo de *Canalis*, canal, sulco profundo.

Câncer – do latim *Cancrum*, caranguejo. Hipócrates criou os termos gregos *Karkinos* (para as úlceras neoplásicas não-cicatrizantes) e *karkinōma* (para tumores malignos sólidos). Ambos os termos derivam do termo *Karkinos*, que significa “caranguejo”. O termo “*câncer*” apareceu bem mais tarde, derivado da palavra latina *Cancrum*, que também significa “caranguejo”. Não se conhece as razões pelas quais Hipócrates e seus seguidores escolheram o termo para descrever tumores malignos. Galeno explicava que as veias que rodeiam um tumor se pareciam com as patas de um caranguejo. Esse termo atualmente é utilizado para se referir a neoplasias malignas.

Canino – do latim *Caninus*, canino e *Canis*, Cão. O nome deste dente é muito antigo, tendo sido chamado *Canides* ou *Canidon* por Aristóteles e Galeno, provavelmente devido à proeminência destes na espécie *Canis*.

Capilar – do latim *Capillaris*, relativo ao cabelo, *Capillus*. Fino como um fio de cabelo. Embora Leonardo da Vinci e Cesalpino tenham intuído a existência dos vasos capilares e feito algumas observações sobre o fenômeno da circulação, foi Marcello Malpighi, em 1661, quem os descreveu pela primeira vez ao microscópio de luz. Anton van Leeuwenhök, em 1688, confirmou sua descoberta.

Capitato – do latim *Capitatum* provido de cabeça, cabeçudo.

Cápsula – do latim *Capsulla*, diminutivo de *Capsa*, caixa, mala e *Capere*, guardar, conter.

Caracol – do grego *Kokhlā(s)*, caracol. Nome comum dos moluscos gastrópodos provido de uma concha espiral.

Carboidrato – do latim *Carbo*, carvão e do grego *Hydros*, água. Carboidrato é um composto de carbono juntamente com os dois elementos da água: oxigênio e hidrogênio. Quando queimado origina carvão e água.

Carcinoma – do grego *Karkinos*, caranguejo, e *Omā*, tumor. É um tumor maligno desenvolvido a partir de células epiteliais ou glandulares que se desprendem do sítio de origem e dão metástase (estas foram comparadas às patas de um caranguejo, daí o nome carcino).

Cárdia – do grego *kardia*, coração. Tem esse nome por ser a porção do estômago que se acha mais próxima do coração. Para os gregos esse termo designava a porção do estômago mais próxima do coração, no entanto foi Jean Riolan quem assinalou essa região para a anatomia.

Cardíaco – do latim *Cardicus*, relativo ao coração. Forma diferencial para *Cardicus*.

Cárdico – do latim *Cardicus*, relativo ao cárdia, forma diferenciada para *Cardiacus*.

Cardiomiócito – do latim *Kardia*, coração e *Mys*, músculo. É um termo para denominar as células musculares estriadas que formam o músculo cardíaco. Também são denominadas de fibras musculares estriadas cardíacas.

Cárie – do latim *Cariēs*, podridão. Na antiguidade aplicava-se a qualquer coisa podre, especialmente a madeira, mas Celso século I d.C. aplicava este termo aos ossos. Na atualidade refere-se a destruição localizada de tecidos duros; utiliza-se este termo em especial aos dentes.

Carina – do latim *Carina*, casca de noz, quilha de barco. Provavelmente a palavra derivou da semelhança com a forma da quilha de um barco.

Cariocinese - do grego *Karyon*, semente ou núcleo; e *Kinēsi(s)*, movimento. Divisão de núcleo da célula. Palavra introduzida por Schleicher antes de 1882.

Cariólise - do grego *Karyon*, semente ou núcleo e *Lysis*, decomposição. Processo de degeneração nuclear que consiste na dissolução da cromatina no núcleo.

Carioplasma - do grego *Karyon*, semente ou núcleo e *Plás-m(a)*, líquido constituinte.

Cariorexi – do grego *Karyon*, núcleo, e *Rhexis*, rompimento, clivagem, separação.

Carioteca - do grego *Karyon*, semente ou núcleo e *Thēk(ē)*, caixa, depósito. Envoltório do material genético da célula, membrana nuclear.

Cariótipo – do grego *Karyon*, semente ou núcleo e *Typos*, forma. É o conjunto de cromossomos que são contados, fotografados e montados em uma prancha para o estudo e verificação da existência de anomalias relacionadas com o número ou com a forma. É o conjunto cromossômico ou a constante cromossômica diplóide (2n) de uma espécie. Representa o número total de cromossomos de uma célula somática (do corpo).

Caroteno – do latim *Carotin*, cenoura e *Eno*, composto insaturado de carbono. Composto bioquímico de cor alaranjada ou amarelada, existente nas células de órgãos de plantas, como pétalas e flores, e especialmente na raiz da cenoura, quando ingerido se transforma em vitamina A.

Carótida – do grego *Karoun*, fazer dormir. Cair em sono profundo. Na Grécia antiga os caçadores imobilizavam certos animais apertando-lhes estas artérias. Aristóteles acreditava que a compressão da artéria carótida resultava em desmaio o sono profundo e afonia. A crença permaneceu até a idade média, mesmo depois que foi demonstrado em animais vivos que a ligadura das artérias carótidas não produzia estupor. Os gregos notaram a importância deste vaso, registrado na 31ª metope do Paternon, a qual mostra um centauro comprimindo a carótida de um guerreiro Lapídico. Ambrósio Paré referiu-se a este fenômeno no século XVI. Aos dois ramos foi dado o nome de carótidas, as artérias do sono, pois, se foram obstruídas de alguma maneira, nós rapidamente adormecemos.

Carpó – origem incerta, talvez do grego *Karpós*, pulso ou *Karpologeo*, colher frutos e daí do latim *Carpere*, colher, arrancar. Os ossos do carpo não tinham nomes individuais eram apenas distinguidos por números na obra de Vesálio. Foram Monro e Albinus que publicaram seus tratados de osteologia denominando os ossos do carpo. Os nomes dados a estes ossos por Monro (*scaphoideus*, *semilunaris*, *cuneiformis*, *psiformis*, *trapezium*, *trapezoides*, *magnum* e *unciformis*) formaram a base da sua nomenclatura atual.

Cartilagem – do latim *Cartilago*, cartilagem. Para alguns etimologistas seria uma mutação de *Carnilago*, derivado do latim vulgar *Caro* ou *Carnis* (carne). Celso foi o primeiro a mencionar o termo (*cartilago auris*, *cartilago nasi*) A palavra grega equivalente é *Chondros*. Galeno já reconhecia tipos diferentes de cartilagem.

Carúncula – do latim *Caruncula*, diminutivo de *Caro* ou *Carnis*, carne.

Catabólico – do grego *Katá*, para baixo, *Bol*, troca, e *Ito*, composto químico. Produto do catabolismo.

Catabolismo - do grego *Katá*, para baixo, *Bol*, troca, e *Ismos*, processo, estado. Processos metabólicos de degradação de substâncias para obtenção de outras mais simples.

Catabolismo – do grego *Katabole*, construir para baixo, de *kata*, baixo e *Ballein*, construir.

Catágeno – do grego *Katá*, para baixo e *Gen*, que gera, origina. Fase de involução do pelo.

Catarro – do latim *Catarrhus* ou do grego *Katárrous*, para baixo e do grego *Rhe(u)*, fluir. Fluxo descendente, mas para Hipócrates século V-IV a.C., tem um significado parecido com o atual, ou seja, liberação acentuada de muco pelas mucosas.

Catepsina - do gr. *Kata*, para baixo; *Opsis*, alimento; + sufixo. Ina de algumas enzimas. Enzima das células animais, encontrada nos lisossomos e que participa dos processos de digestão intracelular.

Cauda – do latim *Cauda*, rabo, cauda e *Coda*, fim, extremidade ou *Cadere*, cair, pender.

Cava – do latim *Cavus*, oco, vazio. Cava, tanto em latim como nas línguas modernas, tem o mesmo significado de *Koíle*, em grego, e pode, igualmente, ser substantivo ou adjetivo. Substantivo na acepção de cavidade, escavação, buraco, e adjetivo, como feminino de cavo, significando vazio, esvaziado, sem conteúdo. A veia cava recebeu de Hipócrates, em grego clássico, a denominação de *Phléps koíle*. Na antiguidade *Phléps*, *Phlebós*, era usado para os vasos sanguíneos de um modo geral, tanto para as artérias como para as veias. *Koíle* é feminino de *Koílos*, que pode ser adjetivo ou substantivo. Como adjetivo quer dizer vazio, esvaziado, oco. Como substantivo tem o sentido de cavidade, buraco, concavidade.

Cavernoso – do latim *Cavernosus*, relativo à caverna, porão. Em anatomia designa uma estrutura formada por múltiplas cavidades (cavernas) ou compartimentos, como os corpos cavernosos do pênis e os seios cavernosos da dura-máter.

Cavidade – do latim *Cavitas*, cavidade, escavação.

Cavo – do latim *Cavum*, buraco.

Ceco – do latim *Coecus*, cego ou obscurecido. Vesálio nomeava *Coecus* ao apêndice vermiforme, porque este realmente terminava em fundo cego.

Cefálica – do grego *Kephale*, cabeça. Alguns autores alegam que o nome foi dado à veia do membro superior porque se acreditava que a sangria nela praticada fosse curativa da cefaléia. Outros, que o nome é a tradução literal do árabe *Al-kephalik* (lateral). Este termo aparece no “Canon” de Avicena, significando a veia do braço localizada nesta posição (veia basílica).

Cefalorraquidiano – do grego *Kephale*, cabeça, e *Rhakis*, coluna, espinha.

Cego – do latim *Coecus*, cego.

Celíaco – do latim *Coeliacus* ou do grego *Koiliakós*, referente aos intestinos, *Koilia*, vazio.

Celoma - do grego *Koilos*, oco ou *Kelos*, ventre, cavidade do corpo, mais sufixo *Oma*, proliferação. Cavidade que se forma no embrião pela separação dos dois folhetos mesodérmicos; cavidade revestida por mesoderme, ou cavidade geral do corpo dos animais triblásticos celomados, que separa as vísceras da parede do corpo.

Célula – diminutivo do latim *Cella*, pequeno aposento. O termo célula é impróprio para caracterizá-la. Isso porque esse termo foi usado pela primeira vez por Robert Hooke, em 1665; quando observava em um microscópio rudimentar um fragmento de cortiça (tecido vegetal da casca de caules velhos). Neste fragmento, viu uma grande quantidade de pequeninos espaços vazios, que assim resolveu chamar de células. Hooke mostrou também que a estrutura celular não era restrita à cortiça, pois a encontrou em muitos outros vegetais. Só muito tempo depois, que outros cientistas conseguiram, com equipamentos mais avançados, ver a célula viva e descobrir que ela não era um espaço vazio, mas um corpo cheio de conteúdo e com funções muito importantes. Mas mesmo assim, o nome CÉLULA nunca foi mudado. A palavra grega *Cytus* é usada unicamente nos termos compostos.

Cimento – do latim *Coementum*, pedra britada. Em Roma o *coementum* parece ter designado não somente a pedra britada, mas também a argamassa formada pela sua mistura com a cal, essencial das construções.

Central – do latim *Centralis*, central, do centro.

Centríolo - do grego *Kentr(o)*, centro e do latim *I-ol-u(m)*, pequeno. Os centríolos são organelas formadas por microtúbulos em um arranjo definido pela fórmula $9(3)+0$ ou, simplesmente, $9(3)$ localizados no centro da maioria das células. Neste arranjo ocorre a fusão parcial de microtúbulos formando nove (9) trincas que se dispõem em círculo, ao redor de um eixo protéico central, sendo também ancoradas lateralmente entre si por proteínas associadas. O eixo protéico central

estende-se por cerca 1/3 de seu comprimento e dele partem proteínas fibrosas que ancoram as trincas periféricas junto a abertura do cilindro, conferindo à esta região do centríolo um aspecto de guarda-chuva ou roda-de-carroça, denominada porção fechada ou proximal. Em um centríolo do diplossomo, ela mostra-se orientada para o núcleo, enquanto sua outra extremidade, que não apresenta o eixo protéico, denominada de porção aberta ou distal, mostra-se orientada, neste mesmo centríolo do diplossomo, para a membrana plasmática.

Centro - do grego *Kentr(o)*- centro.

Centrômero – do grego *Kentr(o)* centro e *Mer(o)*, parte. Região de estrutura complexa onde se unem as cromátides (braços dos cromossomas) durante a divisão celular. Esta estrutura une-se as fibras do fuso mitótico .

Centrossoma - do grego *Kentr(o)*- centro e *Soma*, corpo. O centrossoma é uma região específica da célula, situada próxima ao núcleo, onde são organizados os microtúbulos.

Cerebelo – diminutivo latino de *Cerebrum*. Embora a palavra *Cerebellum* seja diminutivo de *Cerebrum*, era usada no latim cotidiano apenas para designar este órgão em animais, quase que exclusivamente em termos culinários (como miolos, em português). Em anatomia, Erasístrato dividiu o encéfalo em *Cerebrum* e *Cerebellum*, termos adotados por Galeno.

Cérebro – do latim *Cerebrum*. Apesar de que em forma leiga, a palavra *Cerebrum* pudesse designar todo o encéfalo, Erasístrato dava este nome apenas à grande massa de dois hemisférios que ocupava a maior parte do crânio. É provável que a palavra tenha derivado do grego *Kara*, cabeça, porque sua forma latina mais arcaica era *Carabrum*.

Cerúmen – palavra latina, que significa cera. O cerúmen ou cerume, conhecido popularmente como "cera" ou "cera de ouvido", é uma secreção de cera proveniente das glândulas sebáceas que se encontram situadas no canal auditivo externo, denominado de meato acústico externo.

Cervical – do latim *Cervicalis*, nual, do pescoço, *Cervis*, nuca pescoço. O termo *Cervix* (plural, *Cervicis*) passou a designar em anatomia qualquer estrutura estreitada sob uma forma arredondada, como o pescoço (ou colo). Assim, temos colo ósseo, colo uterino etc.

Cérvice – palavra latina *Cervix* que significa colo ou pescoço.

Cesárea – do latim *Caesare-u(m)*, Cesar. General e político romano. Cesárea é uma operação para remover o feto de dentro da mãe pela secção, ou corte da parede abdominal e do útero. Plínio (I d.C) refere que o General Romano Cesar nasceu por cesária. O verbo latino *Caedere* significa Cortar.

Chaperona – do latim *Caperuza*, capuz e do francês *Chaperon*. Palavra criada por Laskey na biologia molecular em 1978. Chaperons eram aqueles meninos que ajudavam os nobres renascentistas a vestir as roupas complicadas e a colocar as perucas enormes, ou também eram acompanhantes que saíam com as moças quando elas saíam com algum rapaz, para evitar que fizessem sexo. Em inglês e Frances *Chaperon(e)*, significa mulher adulta casada que acompanha uma jovem solteira quando esta sai em público. Teria o sentido de guia, protetora. Este termo é aplicado a proteínas pertencentes à maquinaria de síntese celular que contribuem para o correto dobramento das proteínas recém-sintetizadas. Além de auxiliar no enovelamento protéico, podem auxiliar na ligação com outras proteínas ou hormônios, assim como encaminhar a proteína à destruição, caso não seja possível atingir a configuração correta.

Ciano – do grego *Kyan*, azul escuro.

Cianófilo – do grego *Kyan*, azul escuro e *Philein*, amigo, afinidade. O que se cora em azul escuro.

Ciático – do latim *Sciaticus*, forma corrompida de *Schiadicus*, isquiático.

Cicatriz – do latim *Cicātric(em)* cicatriz. Novos tecidos formados no processo de cura de uma ferida.

Ciclina - do grego *Kykl(o)*, círculo e *In*, substância química. Família de proteínas envolvidas na regulação do ciclo celular e cuja quantidade varia ao longo do ciclo celular, sendo maior no momento da replicação do DNA.

Ciclo – do grego *Kykl(o)*, círculo. Conjunto de uma série de fenômenos que se repetem ordenadamente.

Cicloze - do grego *Kykl(o)*, círculo e *Osis*, processo. Movimento circular do citoplasma, principalmente nas células vegetais, pela ação do citoesqueleto.

Cílio – do latim *Cilium*, pestana, cílio, *Cillere*, mover.

Cinéreo – do latim *Cinnoereus*, cinzento e *Cinis*, cinza, resíduo de queima.

Cinetócilios - do grego *Kin(ē)*, mover e do latim *Cilium*, pestana, cílio. São os cílios móveis.

Cinetócoro – do grego *Kin(ē)*, mover, *T(o)-khōr*, região. Região de um cromossomo que se liga aos microtúbulos do fuso durante a meiose ou a mitose.

Cíngulo – do latim *Cingula*, cilha, cintura e *Cingere*, prender pela cintura ou *Cingulus*, faixa de terra. Em anatomia, designa qualquer estrutura que abraça ou rodeia outra. Um tipo especial de cíngulo, em Roma, eram as *Zonae* (zona). Por analogia com cinto, Ovidio utiliza esta palavra, modificada, para nomear uma faixa estreita de terra.

Cinzenta – do latim *Cinis*, cinza, resíduo de queima.

Circulação – do latim *Circulare*, descrever um círculo.

Círculo – do latim *Circum* diminutivo de *Circus*, aro, círculo. Do grego *Kirkos*.

Circunflexo – do latim *Circum*, em volta de e *Fletire* ou *Flexere*, encurvar, dobrar.

Cirurgia – do grego *Xir*, *Quir*, mão e *Ergo*, trabalho. É parte do processo terapêutico em que o cirurgião realiza uma intervenção manual ou instrumental no corpo do paciente. A cirurgia é caracterizada por três tempos principais: (a) diérese - divisão dos tecidos que possibilita o acesso à região a ser operada, (b) - hemostasia parada do sangramento e (c) síntese - fechamento dos tecidos.

Cisterna – do latim *Cisterna*, cisterna, reservatório. Na Roma antiga a cisterna era um buraco em fundo cego cavado no solo e semi-coberto por uma taboa, que recolhia água da chuva do telhado das casas. Em anatomia o termo foi inicialmente aplicado por Arancio apenas ao quarto ventrículo.

Cístico – do grego *Kystikós*, relativo à vesícula, à ampola.

Cisto – do grego *Kyst*, vesícula. Formação patológica em forma de bolsa ou cavidade delimitada por uma membrana contendo um líquido de natureza diferente do normal.

Cito – do grego *Kytos* que significa “célula” (prefixo).

Citoblasto – do grego *Kyto*, célula e *Blast(o)* germe. Em 1838, Matthias Schleiden propôs que o núcleo desempenhava um papel na geração de células, tendo introduzido o nome "citoblasto" (gerador de células).

Citocina – do grego *Kyto*, célula e *In(a)* substância química. Qualquer proteína imunorreguladora como a interleucina, o interferon, secretadas pelas células do sistema imunitário, geralmente fagocíticas.

Citocinese – do grego *Kytos*, célula e *Kinēsi(s)*, movimento. Divisão do citoplasma e das organelas que ocorre para gerar as duas células filhas.

Citocromo – do grego *Kyto*, célula e *Khrōm(at)*, cor. Qualquer dos pigmentos respiratórios hemoproteicos intracelulares, são enzimas relacionadas ao transporte de elétrons. A citocromo oxidase, é uma porfirina que contém ferro, é uma enzima importante na respiração celular.

Citoesqueleto - do grego *Kyto*, célula e *Skeleto*, seco, esqueleto. Proteínas que dão forma à célula.

Citolise - do grego *Kyto*, célula e *Lysos*, quebra, dissolução. Lise celular.

Citologia – do grego *Kytos*, vaso ou célula e *Logos*, estudo. É o ramo da biologia que estuda as células no que diz respeito à sua estrutura, suas funções e sua importância na complexidade dos seres vivos.

Citoplasma – do grego *Kytos*, vaso ou célula e *Plassos*, molde. É o espaço intracelular entre a membrana plasmática e o envoltório nuclear em seres eucariontes, enquanto nos procariontes corresponde a totalidade da área intracelular.

Citosol - do grego *Kyto*, célula e do latim *So-lu*, dissolver. Parte líquida presente na célula onde se localizam as organelas.

Citotrofoblasto - do grego *Kytos*, vaso ou célula; *Trophe*, nutrição e *Blastos*, germe.

Clasmocitose - do grego *Klasma*, rotura; *Kytos*, célula; mais o sufixo *Osis*, estado. Movimento inverso ao da pinocitose, pelo qual minúsculas vesículas citossômicas se fundem à da membrana plasmática e expõem para o exterior, eliminando os resíduos inúteis da célula.

Clavícula – do latim *Clavicula*, diminutivo de *Clavis*, chave, tranca. A palavra *Clavis* foi introduzida por tradutores de Avicena da palavra árabe *Al-khiab* e adotada por Vesálio em 1550. O osso lembra uma chave porque trava ou fecha a cintura torácica (abertura torácica superior) no corpo. A palavra grega para chave é *Kléis*, de onde vem o nome do músculo esternocleidomastoídeo.

Climatério – do grego *Klímak*, escada e *Tēr/tōr/tr(o)*, que faz. Período crítico da vida que precede e segue a extinção da função sexual. Período crítico, decisivo.

Climax – do grego *Klímak*, escada. Ponto mais alto de uma condição.

Clínóide – do grego *Kliné*, leito cama e *oidés*, em forma de. Designam saliências da asa menor do osso esfenóide, junto à sela turca, por causa da semelhança com uma cama de dossel, com as quatro colunas e a canópia (o diafragma da sela).

Clitóris – origem incerta, provavelmente do grego *Kleitorís*, fechado. Por causa da sua posição, fechado entre os lábios da vulva. Em 1559, o anatomista italiano Realdo Colombo (1515/6-1559) afirmou ter "descoberto" o clitóris. Exame mais detalhado da literatura revela que, embora certamente ele destacasse o papel do clitóris na sexualidade feminina, a sua reivindicação de prioridade não é procedente, pois já era mencionado em tratados gregos, persas e árabes.

Clone – do grego *Klōn*, broto de um vegetal, ramo de, geneticamente idêntico. A palavra clone foi introduzida na língua inglesa no início do século XX. Conjunto de células do organismo geneticamente idênticas, originadas por reprodução assexuada a partir de uma única célula.

Coágulo - do latim *Coagulare*, coalhar. Massa composta de fibrina, plaquetas e glóbulos vermelhos que tem como função impedir a perda de sangue quando em vaso sanguíneo é lesado.

Coanas – do grego *Choané*, funil, *Cheo*, coar, escorrer. Designa a passagem estreita (afunilada) da cavidade do nariz para a parte nasal da faringe.

Cóccix – do grego *Kókkyx*, cuco (pássaro). Herófilo e posteriormente Vesálio chamou assim os últimos ossos da coluna vertebral por sua semelhança, em conjunto, com a forma do bico deste pássaro. Jean Riolan (1620) dá outra explicação, pois alega que na emissão de gases pelo ânus, o som “reverbera” no cóccix e parece soar como o grito da ave, daí um termo muito antigo usado para cóccix, “o osso do assobio”.

Cóclea – do latim *Cóclea*, concha ou caracol, do grego *Kochlias*, concha em espiral. O primeiro anatomista a dar este nome foi Empédocles, acreditando que os sons eram ali recebidos. A cóclea somente foi detalhadamente descrita por Bartolommeo Eustachio (1553) e nomeada por Gabriell Fallopio, em 1561.

Códon – do latim *Cōd*, tronco de árvore e *Códic*, código e *On*, partícula. Triplete onde um RNA mensageiro, codifica a incorporação de aminoácidos específicos na biossíntese de proteínas. Aparece pela primeira vez em 1963 num trabalho na Inglaterra onde significava partícula que codifica.

Colágeno – do grego *Kolla*, cola e *Gennao*, eu produzo. Esse nome deriva do fato de que quando essa substância é fervida dá origem a uma cola. Aparece de diversas maneiras, em forma de fibras, em forma de grânulos e em forma de redes. Essa substância é que dá origem a gelatina. Em biologia o colágeno é a proteína mais abundante no organismo, constitui cerca de 30% das proteínas do nosso corpo e 6% do peso total. A principal função do colágeno consiste em manter a forma e impedir a deformação dos tecidos. Suas fibras proporcionam sustentação à pele, ossos, cartilagens e inúmeros órgãos. Quando em forma de rede formam a lâmina basal.

Colateral – do Latim *Com*, junto e *Lateralis*, para o lado.

Colédoco – do grego *Chole*, bile, e *Dechomai*, receber. Dá o nome ao canal que recebe a bile à vesícula biliar e leva-a ao duodeno. Outra possibilidade para este nome seria a união de *Chole*,

bile e do latim *Duco*, eu conduzo, significando eu “levo a bile”. A formação de palavras unindo radicais gregos e latinos foi comum na antiguidade e na idade média.

Colesterol – do grego *Chole*, bÍlis; *Sterol* de *Stereo*, sólido, e do latim *Oleum*, óleo.

Colículo – do latim *Colliculus*, diminutivo de *Collis*, colina. Em conjunto, os colículos superiores e inferiores do tecto do mesencéfalo eram denominados de corpos quadrigêmeos.

Colo – do latim *Coellum* ou *Collum*, pescoço, gargalo. No entanto pescoço tanto era chamado de **collum**, como de **cervix**. **Cervix** referia-se especialmente à face posterior ou nuca. Por analogia com o pescoço, ambos os termos (**collum** e **cervix**) passaram a designar a porção estreitada de uma estrutura. Na terminologia médica, **collum** predominou sobre **cervix**, razão pela qual se diz hoje colo do fêmur, colo vesical, colo da vesícula biliar, colo do útero. **Cervix** manteve-se durante muito tempo na nomenclatura anatômica para designar o colo do útero. Primitivamente **cervix** incluía também a vagina, tendo sido Fallopius (1523-1563) quem restringiu o seu uso ao colo do útero em seus limites anatômicos. A denominação de **cervix uteri** dada por Fallopius foi adotada pela **nomina anatômica** e sendo designado de **colo do útero** na atual **terminologia anatômica**. O genitivo **uteri** (do útero) tornou-se dispensável em português e **cervix** passou a ser sinônimo de colo do útero. Alguns autores preferem a forma vernácula *cérvice* a *cérvis*. No entanto, a nomina anatômica, que foi traduzida para o português adotou o termo **colo do útero**, em lugar de *cérvis* ou *cérvice*. O vocábulo grego correspondente ao latim **cervix** é **trákhelos**, com o qual se formaram diversos termos médicos, muitos deles relacionados com o pescoço, enquanto outros se referem especificamente ao colo do útero. Ex.: *traquelismo* (espasmo dos músculos do pescoço), *traquelodinia* (dor no pescoço), *traquelocifose* (curvatura anormal da coluna cervical), *traquelotomia* (incisão no colo do útero), *traqueloplastia* (plástica cirúrgica do colo do útero), *traquelorrafia* (sutura do colo do útero). Ao contrário de outros termos latinos semelhantes, como **fornix**, que é do gênero masculino, **cervix**, em latim, é feminino. Por esta razão é preferível a manutenção do gênero feminino em português. Devemos dizer *a cérvis* ou *a cérvice*, em lugar de *o cervix* ou *o cervice*.

Colo (n) – do grego *Kolon*, lingüiça feita de intestino grosso.

Colostro - do latim *Colostrum*, a primeira secreção da glândula mamária após o parto.

Coluna – do latim *Columna*, coluna, apoio, sustentáculo.

Comissura – do latim *Commissura*, união, e *Committere*, unir.

Compacta – do latim *Compacta*, feminino de *Compactus*, estreitar, segurar.

Complexo – do latim *Complexus*, agarrado e *Complectare*, estreitar, segurar.

Complexo de Golgi – Vide Golgi, também conhecido como corpo de Golgi ou aparelho de Golgi foi descrito por Camilo Golgi, um microscopista italiano em 1868. Este descobriu esta organela ao estudar células de Purkinje do cérebro da coruja.

Comunicante – do latim *Communicans*, que *comunga*, que associa.

Concha – do latim *Concha*, concha de animal, do grego *Kónche*, concha em espiral. Os gregos usavam o nome para designar qualquer osso ou cavidade neste formato. A concha da orelha externa foi nomeada por Rufo de Éfeso e as conchas nasais médias e inferiores por Cassério Placentino. Giovanni Santorini e Exupère Bertin descreveram respectivamente a concha nasal superior e concha nasal suprema.

Côndilo – do grego *Kóndylos*, junção, nó. Na Grécia antiga, toda saliência arredondada o meio de uma estrutura era assim chamada, ex. nós dos dedos, nós da madeira, nós de bambu.

Condral – do grego *Chondros*, cartilagem.

Condrioma – do grego *Khondr(o)*, grão filamentoso de citoplasma; *lo(n)*, 'pequeno e *Ô-ma*, conjunto. Conjunto de mitocôndrias de uma célula.

Condroblasto – do grego *Chondros*, cartilagem e *Blastos*, germe. Célula que forma a matriz cartilaginosa.

Condrócito – do grego *Chondros*, cartilagem e *Cytus*, cela. Células que mantêm o tecido cartilaginoso e que se localizam em lacunas dentro da matriz cartilaginosa.

Condroclasto – do grego *Chondros*, cartilagem, *Clastus*, destruir.

Condutor – do latim *Conducere*, conduzir e *Actor*, agente.

Cone – do latim *Conus*, cone ou do grego *Konus*, cone.

Conexão – do latim *Conexio*, conexão, ligação e *Conectere*, ligar, juntar.

Confluência – do latim *Confluens*, reunião e *Confluere*, confluir, reunir as águas. O primeiro a descrever, na região posterior do crânio, o encontro dos seios venosos da dura-mater, foi o anatomista grego Herófilo e esta estrutura foi posteriormente reconhecida por Galeno. Na idade média, ficou conhecida como tórula ou prensa de Herófilo, por causa da semelhança de forma com a parte posterior da prensa de uvas. O nome completo atualmente conhecido da confluência dos seios é *Confluens sinuum*.

Cônico – do latim *Conicus*, em forma de cone.

Conjugado – do latim *Conjugatus*, unido, jungido e *Con*, junto e *Jugum*, jugo, canga de arado. Este termo *conjugata* foi introduzido por Johann Röderer em 1757 e usado para determinados diâmetros da pelve feminina (pelvimetria), importantes para a previsão do parto. Vários diâmetros conjugados foram descritos e receberam inicialmente o nome de seus idealizadores.

Conjuntiva – do latim *Conjunctivus*, unido, ligado e *Con*, junto e *Jungere*, ligar, atar. A palavra conjuntiva é a forma feminina do adjetivo *Conjunctivus* e foi introduzida por Berengario da Capri, originalmente na expressão *membrana conjunctiva* para designar a membrana contínua entre a pálpebra e o bulbo do olho. No século XVIII perdeu o substantivo e passou a chamar-se somente conjuntiva.

Conjuntivo – do latim *Con*, junto e *Jungere*, ligar, juntar. Esta palavra parece ter sido empregada pela primeira vez por Johannes Müllerer, para designar um dos tecidos fundamentais descritos por François Xavier Bichat.

Conóide – do latim *Conus* ou do grego *Konos*, cone e *óides*, em forma de. A palavra em português seria cônico.

Constritor – do latim *Constringere*, reprimir, estreitar e *Actor*, agente.

Contorcido – do latim *Contortus*, contorcido, virado e *Contorquere*, virar, girar.

Contração – do latim *Con*, e *Trahere*, trazer.

Coração – do latim *Cordis*>*Cor*, coração. Esta palavra tem várias conotações. Para os antigos Romanos o coração era a sede da coragem. No romantismo o coração guarda a poesia guarda a memória; afinal, quando aprendo algo de cor, estou a apre(e)nder de coração, como bem nos aponta Derrida ao trazer a expressão inglesa à discussão: *to learn by heart*. De volta a coração. Conforme mencionado o vocábulo é formado a partir do latim (*cor*, *cordis*). Assim, etimologicamente pode ser apreendido (de cor) como sendo a sede (de conhecimento), o centro da alma, da inteligência e da sensibilidade. A partir disso, podemos pensar que a etimologia de coração está subscrita na famosa frase de Blaise Pascal: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”, que sintetiza sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. Em indo-europeu, tem-se a palavra *Kerd-*, coração; em grego, *Kh'r* e *Kardiva* que correspondem apofonicamente ao latim *Cor*, *Cordis*, daí uma família etimológica portuguesa concórdia, discórdia, misericórdia - do latim e cardíaco, cardiopatia.- do grego. O *K* indo-europeu corresponde ao h inglês: *kerd-* > *heart*; está no alemão *Herz*. O francês manteve o elemento latino: *Coeur*, *écoeurer* (enjoar); cordial; recors (beleguim, agente da polícia); miséricorde; accorder. Do latim corrente o francês formou courage (< coraticum), assimilado por nós na forma coragem. O inglês ampliou o seu vocabulário com accord; courage do francês. Há continuidade deste elemento em italiano (core, cordiale, concordia, ricordare) e espanhol (corazon, cordial, recordar, concordia).

Coracóide – do grego *Korax*, corvo e *Óides*, em forma de. Pode ser que a forma do processo coracóide lembrasse, aos gregos antigos, a silhueta de um corvo empoleirado sobre um galho ou ainda as curvas da cabeça e corpo de um corvo. Como a palavra em grego designava também qualquer objeto curvo, para alguns o termo teria se originado da forma de uma antiga maçaneta grega encurvada chamada *Kórone*.

Corda – do grego *Chordé*, tripa, corda.

Cório – do latim *Corium*, pele, membrana, couro. Em termos mais precisos, um termo alternativo para derme. Antigamente designava toda a camada da pele (tegumento comum), inclusive a epiderme e a tela subcutânea.

Córnea – do latim *Corneus*, de consistência de corno ou chifre. A córnea ocular recebeu essa denominação por ser a primeira camada ou a mais espessa das membranas oculares.

Corniculado – do latim *Corniculatum*, que tem um pequeno chifre e *Corniculum*, diminutivo de *Cornu*, corno, chifre. O corniculum era um pequeno adorno em forma de chifre no capacete, uma espécie de penacho metálico, outorgado como recompensa pelo soldado romano por serviços prestados em campanhas estrangeiras.

Corno – do latim *Cornu*, corno, chifre; no grego *Keras*, corno. Essa palavra tem vários sentidos. O próprio chifre é um símbolo fálico, representante do sagrado masculino. Corno da abundância, símbolo da produtividade da natureza. Pode ser o símbolo da abundância, pois na mitologia grega, há duas histórias sobre sua origem (cornucópia). Em uma, Hércules e um deus fluvial tiveram uma disputa. Quando o rio assumiu a forma de um touro, Hércules arrancou um de seus cornos e o encheu de flores para a deusa da abundância. Segundo outro relato, o menino Zeus teria se alimentado com o leite de uma cabra. Zeus deu um dos cornos da cabra para suas amas, como uma lembrança por seus cuidados. O corno era capaz de se encher de qualquer coisa que seu dono desejasse. Para os Vinkings representava o poder. No entanto, existe o termo chulo, que representa o traído.

Coroa – do latim *Corona*, coroa, roda.

Coróide – do grego *Khór(ion)* membrana e *Oidés*, forma de. Membrana delgada, de cor parda mais ou menos escura, situada entre a esclerótica e a retina dos olhos dos vertebrados.

Coronal – do latim *Coronalis*, relativo à coroa. Hipócrates não nomeava esta sutura embora Rufo de Éfeso alegasse que seu nome havia sido dado pelos egípcios. Uma possibilidade para este nome vem da tiara ou meia coroa usada pela rainha (que era proibida de usar a coroa completa), usada quase exatamente sobre esta sutura, para segurar as madeixas que estas nobres costumavam usar.

Coronário – do latim *Coronarius*, em forma de coroa. É uma anastomose de veias que formam um grande vaso, denominado de seio coronário, que coleta o sangue originário do miocárdio no coração.

Coronóide – do grego *Koroné*, gralha e *Oidés*, forma de. Embora *Koroné* tenha atualmente o sentido de ave, outros significados, mais antigos sugerem seu uso em anatomia. Como citado na Iliada e na Odisséia, *Koroné* também designava a ponta do arco (arma), uma antiga maçaneta de porta ou a ponta do arado. É provável, portanto, que o processo coronóide da ulna deva seu nome ao aspecto semelhante uma dessas estruturas.

Corpo – do latim *Corpus*, corpo, substância, matéria. O termo denomina várias estruturas e tinha, na antiguidade, o significado geral de “acúmulo” de substâncias. Daí os nomes de corpo lúteo, corpo caloso, corpo estriado etc. O organismo morto é usualmente denominado de cadáver, que parece derivar do latim *Cadere*, cair, ou da união de *Cadere* e *Vero*, verdadeiro, significando definitivamente caído o poderia ser uma palavra composta, formada pelas primeiras sílabas das palavras da expressão CAro DAta VERmis (carne dada aos vermes). É muito conhecida a expressão “Orandum est ut sit” mens sana in corpore sano. Verso de Juvenal (Sátira, X), sendo conhecido somente as últimas palavras, significando (devemos rezar para ter) um espírito são num corpo são.

Corpúsculo - do latim *Corpus*, corpo, substância, matéria, diminutivo de corpo

Corrugador – do latim *Con*, junto, e *Rugare*, pregar e *Actor*, agente. Este músculo enrugou a pele e as estruturas adjacentes. Foi descrito por Volcher Coiter, anatomista holandês do século XVI.

Corte – do latim *Sectio*, corte, secção, divisão resultante de corte.

Córtex – do latim *Córtex*, casca de árvore, pele de fruta, invólucro. A palavra cortiça deriva diretamente de córtex, nome dado à casca de árvores lenhosas como o sobreiro e de onde ela é extraída. A grafia correta em português deveria ser córtice, mas este termo não é usado. Em anatomia, córtex significa o revestimento externo de um órgão, em oposição ao seu interior (medula).

Corticosterona - do latim *Córtex*, casca de árvore e do grego *Ster-ona*, hormônio esteróide. Hormônio esteróide do córtex da supra-renal que regula o metabolismo dos lipídeos, carboidratos e proteínas.

Costal – do latim *Costalis*, relativo às costelas e *Costa*, costela. Daí provavelmente derivou o termo popular “costas” significando a região onde estes ossos se encontram. Deve se lembrado que foi acrescentada a letra s. Em latim o plural de *Costa* e *Costae*. Em anatomia o termo já era utilizado por Galeno e confirmado por Vesálio.

Costela – do latim *Costa*, costela. Segundo o livro Judaico-Cristão, a Bíblia, a mulher foi feita a partir uma costela de Adão, significando, com isso, que ela é a companheira, ou seja, está a seu lado, tal qual as costelas. O osso da costela alude à igualdade entre homem e mulher. Por isso não foi utilizado um osso inferior (por exemplo, um osso do pé), nem um osso superior (por exemplo, do crânio), mas sim um osso do lado. Outra interpretação, em sintonia com a primeira, lembra que a mulher é protetora da vida, dado que os ossos da costela protegem o coração.

Cotovelo – do latim *Cubitus*, forma corrupta de *Cubitellum*, diminutivo de *Cubitum*, coto, cotovelo. *Cubitus* era o nome antigo do osso *Ulna* que também designava todo o antebraço. A palavra deve ter-se derivado do latim *Cubare*, reclinar, deitar. Porque era comum em Roma antiga os indivíduos se inclinarem para fazer as refeições, apoiando-se nos cotovelos, isto é, reclinado. Designava também o leito próprio para a ceia e uma medida de comprimento (em português, côvado), que podia variar de 45 a 56 cm, dependendo da região.

Coxa – do latim *Cox(am)*, quadril.

Crânio – do grego *Kranion*, crânio e *Karaníon*, relativo à cabeça. Em latim o termo utilizado para cabeça é *Cara*, *Calvária*, em aramaico por sua vez é *Gólgota*.

Cremaster – do grego *Kremastér*, suspensor e *Kremastein*, erguer, suspender. Nome dado por Galeno e adotado por Celso, aos músculos que suspendem os testículos. Parece ter sido Riolan quem reintroduziu o nome em anatomia, dando-o também ao ligamento redondo do útero (*cremaster mulieris*). A fascia cremastérica foi descrita por Scarpa, em 1809.

Cribiforme – do latim *Cribum*, crivo, peneira e *Formis*, em forma de.

Cricóideo - do grego *Krykos*, círculo e *Òides*, forma de. O termo *Krykos* é obviamente uma variante de *Kyrkos*, círculo e deu nome à cartilagem laríngea pela sua forma em anel de sinete. Este tipo de anel era muito frequente nas classes nobres da antiguidade e da Idade Média.

Cripta – do latim *Crypta*, gruta, galeria subterrânea e do grego *Kriptós*, escondido, enterrado. A palavra foi introduzida pelo anatomista Frances Charles Estiennen para nomear as pequenas depressões onde as glândulas mucosas e sebáceas se abriam. Na Roma antiga, dava nome a um edifício abobadado abaixo do nível do chão. Os primeiros cristãos, perseguidos pelos romanos, escavavam galerias para praticarem seus rituais proibidos por lei. Chamavam-nas de catacumbas do grego *Katá*, para baixo e *Kumo*, abrigar-se, proteger-se. Na idade média, os constantes ataques às ricas igrejas fez ressuscitar o antigo costume cristão e quase todas mantinham uma câmara ou galeria subterrânea, sob o altar ou um santuário, para guarda dos tesouros e das relíquias dos santos. Nas épocas de perseguições religiosas eram também utilizadas como capela de oração e até mesmo com cemitério para os crentes.

Crista – do latim *Crista*, crista, penacho.

Crista Galli (Crista etmoidal) – do latim *Crista*, crista, penacho e *Gali*, do galo. Crista de galo, assim chamada por sua semelhança à crista de galo. Atualmente na nomenclatura anatômica essa crista é denominada de crista etmoidal. Essa crista é uma projeção medial óssea do osso etmóide, para dentro da cavidade craniana, no meio da lâmina cribiforme e serve para a fixação da foice cerebral.

Cristalino - do grego *Krystall*, gelo, cristal de rocha. Nome dado a atual lente do olho.

Crivoso – do latim *Crivosus*, peneirado. No latim vulgar, as palavras *Crivosus* (crivoso) e *Crivatus* (crivado) derivam de *Crivus*, peneira.

Cromafim - do grego *Khrōm(o)*, cromo, cor e do latim *Ad-fīn(em)*, perto, vizinho. Que se escurece ao entrar em contato com os ais de cromo; aplica-se as células da medula da supra-renal e aos paragânglios.

Cromatina – do grego *Chroma*, cor. Representam o material corado no interior dos núcleos. Atualmente sabe-se que esse material representa os ácidos nucleicos (DNA e RNA).

Cromófila - do grego *Chroma*, cor; *Phylia*, gostar. Estruturas que se coram.

Cromófoba – do grego *Chroma*, cor; *Phobos*, medo, repulsa. Estruturas que não se coram.

Cromomêro - do grego *Chroma*, cor; *Mer(o)*, parte. Da-se esse nome a pequenas regiões que se coram. É utilizado em relação a cromossomas e plaquetas. Nos cromossomas a cromatina não é um filamento uniforme, mas apresenta em toda sua extensão espessamentos de forma irregular com aspectos de granulações que auxiliam no seu pareamento durante a meiose. Nas plaquetas representam grânulos que se coram em púrpura.

Cromonema - do grego *Chroma*, cor, e *Nema*, filamento. Nome dado ao filamento de cromatina antes de ser denominado de cromossoma.

Cromossoma - do grego *Chroma*, cor e *Soma*, corpo. Representam corpúsculos presentes no interior do núcleo durante a divisão mitótica ou meiótica bem definidos, que representam a condensação do material genético (DNA). O primeiro a observar os cromossomas foi Karl Wilhelm van Nägeli em 1842, mas o seu comportamento foi descrito em 1882 pelo cientista Walther Flemming. Em 1910, Thomas Hunt Morgan provou que os cromossomas são formados por genes.

Cruciforme – do latim *Crux*, cruz e *Formis*, em forma de.

Crural – do latim *Cruris*, da perna, da porção abaixo do joelho. O termo *Crus*, perna, pilastra, segundo Vesalio foi introduzido por Celso e dava nome ao osso saliente da perna, a tíbia, em português popular, canela. Depois passou a designar toda a região entre o joelho e o tornozelo.

Cruz – do latim *Crux*, cruz. Origem provável na grafia da letra grega X, porque tem duas hastes cruzadas.

Cúbito – do latim *Cubitalis*, relativo ao cotovelo.

Cubóide – do grego *Kúbos*, cubo e *Óides*, forma de.

Cúlmen – do latim *Culmen*, cume, cimo.

Cumulus oóforos – do Latim *Cumulus*, eminência, protuberância; grego *Oon*, ovócito e *Phorus*, portador. A proeminência de células da granulosa (foliculares) que estão aderidas ao ovócito.

Cuneiforme – do latim *Cunoeus*, cunha e *Formis*, em forma de. Os ossos do tarso foram assim denominados por Fallopio. O osso cuneiforme do carpo foi nomeado por Michael Lyser, adjunto de Kasper Bartholin, em 1653 e as cartilagens cuneiformes da laringe, por Heinrich Wrisberg.

Cúneo – do latim *Cunoeus*, cunha.

Cúpula – do latim *Cupulla*, diminutivo de *Cuppa*, vasilha larga, cuba.

Curto – do latim *Brevis*, curto, baixo, estreito.

Curvatura – do latim *Curvatura*, ato de curvar, pender e *Curvare*, curvar.

Cúspide – do latim *Cuspis* ou *Cuspidis*, ponta de lança ou de dente de javali. Designa estruturas pontudas como as válvulas das valvas atrioventriculares e as elevações na face oclusal dos dentes. John Hunter deu o nome de cúspide ao dente canino e bicúspide aos pré-molares, em consideração ao número de pontas que eles apresentam.

Cutâneo – do latim *Cutaneus*, pertencente à pele.

Cútis – do latim *Cutis*, invólucro, pele e do Grego *Kuto*, jarro coberto com membrana ou couro, saco. Designa a pele humana em geral, especialmente a da face. O diminutivo de *Cutis* é *Cuticula*. A palavra grega equivalente à pele é *Derma*.

D

Dartos – do grego *Dartós*, esfolado, sem pele, *Deirein*, esfolar. A palavra deriva do sânscrito *Dartis*, que significa couro e parece ter sido inicialmente usada para nomear preparações anatómicas sem a pele. Este termo foi utilizado pela primeira vez por Rufo de Éfeso para designar o revestimento externo dos testículos, por causa de sua aparência. A palavra *Dàrton*, em grego,

designava uma espécie de túnica rústica, mas é pouco provável que o músculo tenha recebido daí seu nome.

Decidua – do latim *Deciduus*, caído, que cai, *Decidere*, cair. Parte da zona funcional do endométrio que se modifica durante a gravidez e que é rejeitada ao nascimento.

Decídua – do latim *Deciduus*, caído, que cai, *Decidere*, cair. Termo que designa estruturas que se destacam naturalmente de seus suportes. Em anatomia nomeia os dentes da primeira dentição (dentes de “leite”) e, na forma feminina (Decídua), a parte do endométrio onde o ovo se implanta.

Declive – do latim, *Declivis*, ladeira, inclinação.

Decúbito - do latim *Decubitus*, deitado. É um termo médico que se refere à posição da pessoa que está deitada, não necessariamente dormindo. Pode ser referido como: Decúbito dorsal (pessoa que deita com a barriga voltada para cima; Decúbito ventral pessoa que se deita de bruços; Decúbito lateral - esquerdo ou direito). Alguns decúbitos preferidos podem ser sinais de algumas doenças cardíacas e pneumológicas.

Decussação – do latim *Decussatio*, cruzado, *Decussare*, cruzar. Nome popular de antiga moeda romana que trazia seu valor cunhado. O algarismo X.

Dedo – do latim *Ditus*, *Digitus*, dedo da mão ou do pé. Na Roma antiga, *Digitus* era também o nome de uma medida de comprimento, equivalente a 1/16 avos do pé. O equivalente em grego é *Dáctylus*.

Deferente – do latim *Deferre*, depositar, trazer para baixo. O ducto deferente recebeu este nome de Berengário da Carpi (1500), renomado anatomista da escola pré-vesaliana. No sentido de trazer para baixo, o nome estaria mal colocado, pois o ducto, inicialmente, conduz os espermatozoides para cima.

Delgado – do latim *Tenuis*, fino, delgado, delicado. Dá nome à porção do tubo alimentar que se situa entre o estômago e o intestino grosso. O termo grego equivalente é *Dolychos* (longo), que tem sentido mais preciso.

Deltóide – do grego *Delta*, letra D, *Òides*, forma de. A letra delta, maiúscula escreve-se Δ (em forma de triângulo isósceles). Inicialmente o termo era usado apenas em sentido geográfico, significando a foz do rio Nilo, em forma triangular. Foi Jean Riolan quem deu este nome ao músculo do cingulo peitoral.

Dendrito – do grego *Déndron*, árvore. Na histologia representam as ramificações citoplasmáticas do neurônio, que partem do corpo da célula. Servem para ampliar a área de recepção eletroquímica recebida de outras células neurais para o corpo celular ou soma.

Dente – do latim *Dente*, dente. A palavra parece ser uma forma abreviada de *Edens*, comestível, associada à *Edare*, comer. O plural de *Dens* é *Dentes*. A palavra grega para dente é *Odous* que, em português deu “Odonto” e é usada como afixo. Em anatomia também qualquer projeção ou saliência semelhante a um dentel (processo odontóide). O equivalente grego é *Odous*, *Ontos*.

Dentado – do latim *Dentatus*, que tem dentes, dentado.

Denticulado – do latim *Denticulatus*, com pequenos dentes. Os ligamentos denticulados da pia-mater foram notados pela primeira vez por Casper Bauhin.

Dentina – do latim *Dentina*, substância dentária. Termo introduzido por Owen, composto de *Dens* e o sufixo *Ina*, substância.

Depressor – do latim *Deprimere*, abaixar, descer e *Actor*, agente.

Dermátomo – do grego *Derm*, pele, *Tomos*, corte. É uma palavra que significa literalmente “corte de pele”. Um dermatomo é uma área da pele que é inervada por fibras nervosas que se originam de um único gânglio nervoso dorsal.

Derme – do grego *Derma*, couro, pele. A palavra em português é masculina, portanto, o correto é o derma ou o derme. Alguns etimologistas preferem a forma derma ao invés de derme, que alegam ser anglicismo inútil. Mas, quanto ao gênero masculino, todos os lingüistas concordam.

Descendente – do latim *Descenden*, que desce e *Descendere*, descer.

Desmossoma – do grego *Desmo*, atadura, ligamento e *Soma*, corpo, corpúsculo. Espessamento especializado da membrana celular de algumas células que serve para fixá-las às células adjacentes.

Detrusor – do latim *Detrudere*, repelir, expulsar, e *Actor*, agente.

Diafanizar – do grego *Diáfanos*, transparente.

Diáfise – do grego *Dia*, entre, através, e *Physis*, sulco, crescimento. Em anatomia, a palavra foi inicialmente usada por Platão para nomear ligamentos articulares e só passou a designar a parte média do osso longo – situada entre as extremidades “que crescem” – após os termos *Epiphysis* e *Apophysis* terem sido aplicados ao osso. Atualmente permanece apenas com esse significado. É interessante saber que este termo, na linguagem grega coloquial, também tinha outros sentidos como o “desabrochar de uma flor ou de um adolescente”, o “intervalo entre dois dentes” e “mancha na casa de um fruto”.

Diafragma – do grego *Dia*, entre, através, e *Phagma*, parede, cerca. No início, usado para qualquer parede divisória ou septo (como o palato), o termo foi depois especificamente empregado por Galeno para designar apenas o músculo que separa as cavidades torácica e abdominopélvica, Celso chamava-o *Seputm transversus*.

Diagnóstico – do grego *Diayvon*, discernimento, decisão. É o processo que se utiliza para chegar a uma conclusão. É também o nome dado à conclusão em si mesma. Em medicina, diagnóstico é a parte da consulta médica, ou do atendimento médico, voltada à identificação de uma eventual doença. Um conjunto de dados, formado a partir de sinais e sintomas, do histórico clínico, do exame físico e dos exames complementares (laboratoriais etc), é analisado pelo profissional de saúde e sintetizado em uma ou mais doenças. A partir dessa síntese, é feito o planejamento para a eventual intervenção (o tratamento) e/ou uma previsão da evolução (prognóstico) baseada no quadro apresentado

Diagonal – do grego *Dia*, entre, através e *Gonon*, ângulo.

Diâmetro – do grego *Dia*, entre, através e *Metron*, medida, tamanho.

Diástema – do grego *Diastema*, espaço, intervalo e *Dia*, entre, através e *Temein*, afastar.

Dictiocinese – do grego *Dikty(o)*, corpúsculo celular e *Kīnēsi(s)*, movimento. Migração e distribuição de dictiossomas para as células-filhas na mitose. Dictiossomas denominados corpos de Golgi, os dictiossomas são grupos de sáculos ou cisternas achatados, em forma de disco, que em geral se apresentam ramificados.

Diencefalo – do grego *Dia*, entre, através e *Enkephalous*, cérebro. Aqui a palavra significa “o que esta entre o cérebro”, isto, é entre os dois hemisférios cerebrais.

Diérese – do grego *Dierese*, dividir, separar. Em cirurgia, é o nome dado ao processo de divisão (corte) dos tecidos que possibilita o acesso a região a ser operada.

Digástrico – do grego *Di*, dois, duplo e *Gastrikos*, relativo a ventre. Galeno usou este termo para designar o músculo supra-hióideo. Vesálio apenas o numerava e Albinus chamou-o de *biventer maxillae*. O termo foi introduzido por Riolan e adotado por Douglas, persistindo a partir de então.

Digestório – do latim *Digestorium*, local de distribuição digestão.

Digital – do latim *Digitalis*, relativo a ou em forma de dedo, *Digitus*, dedo.

Dilatador – do latim *Dilatare*, alargar, ampliar e *Actor*, agente.

Díploe – do grego *Diploè*, cobertura, *Diplòos*, duplo. Hipócrates usava o termo para as camadas fasciais que cobriam os ossos do crânio, mas Ruffo utilizava-o para o tecido entre as lâminas compactas dos ossos da abóbada craniana. Após os trabalhos de Breschet, em 1830, este sentido prevaleceu. Nos primórdios da cirurgia, a palavra foi utilizada para designar uma dobra de tecido com compressa ou gaze no seu interior.

Diplóide – do grego *Diplòos*, duplo. As células somáticas são ditas diplóides, ou seja, apresentam o dobro do número de cromossomos presente nas células germinativas. Pois são oriundas da junção dos cromossomos presentes nas células germinativas (ovócito e espermatozóide), que são ditas haplóides.

Diplossomo - do grego *Diplòos*, duplo e *Soma*, corpo. A denominação diplossomo corresponde ao par de centríolos presente no interior do centro celular, próximo do núcleo, em disposição perpendicular, um em relação ao outro, sendo que um deles sempre estará orientado entre o núcleo e a membrana plasmática. Este par centriolar, não está presente nas células dos vegetais superiores, fungos e algas.

Direito – do Latim *Dexter*, direito, que está à direita. Os termos direito e esquerdo estão associados a antigos rituais de adoração ao Deus-Sol. Os heliólatras, que voltavam à face para o sol nascente (leste), apontavam o sul com a mão direita, dita que consideravam a “mão quente” enquanto a mão esquerda, dita “mão fria”, apontava o norte (onde o clima era mais frio). Daí, a destreza ou habilidade estarem associados à mão direita enquanto os atos advindos da mão esquerda serem considerados desarmoniosos ou mal-afortunados.

Disco – do latim *Discus* e do grego *Diskos*, disco.

Distal – do latim *Distalis*, que está longínquo, distante.

Divertículo – do latim *Diverticulum*, afastado, alijado, *Divertere*, afastar. Em Roma, os *Divertícula* eram caminhos secundários como afluentes menores de um rio ou estradas vicinais. Neste sentido, o termo anatômico é impróprio porque estes caminhos não terminavam em fundo cego, como as estruturas assim denominadas. O termo apareceu no século XVIII e permaneceu desde então, possivelmente por má interpretação de quem o utilizou.

Divisão – do latim *Divisio*, separação, repartição.

DNA (abreviatura de ácido desoxirribonucleico) – do espanhol *Des*, não, do grego *Ox(y)*, oxigênio, *Rib*, aldopentose, e do latim *Nucle(um)*, núcleo, mais o radical grego *Ik-os/-ē*, do. Termo criado por Levene em 1931, a partir da desoxirribose. Polímero presente no núcleo das células que representa o material genético.

Dolicocéfalo – do grego *Dolikhō*, largo e *Kephal*, cabeça. Aplica-se a pessoas cujo crânio é de figura muito oval, porque seu diâmetro maior excede em mási de um quarto o menor. Este tipo de crânio é muito comum entre os caucasianos. Vide o termo braquicefálico.

Dorsal – do latim *Dorsalis*, dorsal, das costas.

Dorso – do latim *Dorsum*, dorso, relativo às costas.

Doutor – do latim *Doctor*, professor. A palavra era usada nas primeiras universidades para se referir aos acadêmicos cujo domínio da disciplina que estudavam era considerado máximo. É um título acadêmico obtido por aqueles que apresentam uma tese de doutorado. Doutor é a pessoa que recebeu o último e mais alto grau acadêmico conferido por uma universidade ou outro estabelecimento autorizado para isso, como também a que ensina uma ciência ou arte. Atribui-se esse título também aos médicos, mesmo que não tenham o grau acadêmico de doutor. A palavra doutor é uma das mais antigas das existentes em nossa língua e se repete em inglês ("doctor"), em espanhol ("doctor"), em francês ("docteur"), em italiano ("dottore"), em alemão ("doktor") e, com ligeiras variantes, praticamente em todas as línguas modernas. Suas raízes mais remotas podem ser rastreadas até entre o primeiro e o segundo milênio antes da nossa era, nas invasões indo-européias, que nos trouxeram a raiz "dok-", da qual provem a palavra latina "docere", que por sua vez Ducto – do latim, *Ductus*, condução, traçado. Este termo, significando tubo, é um exemplo da falta de habilidade da tradução latina do texto grego, pois a palavra *Ductus* não tinha nos clássicos, o sentido de sulco pra condução de líquidos.

Dúctulo – do latim *Ductulus*, diminutivo de *Ductus*.

Duodeno – do latim *Duodeni*, a dúzia, doze. Herófilo descreveu o duodeno como tendo um comprimento equivalente à largura de doze dedos colocados juntos, mas esta descrição equivale a órgãos de animais. A palavra usada originalmente foi traduzida por Erasistrato do grego *Dodeka-dáktylon*, doze dedos. Porção proximal retroperitonal do intestino delgado tem o comprimento equivalente a largura de 12 dedos da mão.

Dura-máter – do latim *Dura*, dura, forte, severa e *Mater*, mãe protetora.

Duro – do latim *Durus*, duro, forte, severo.

E

Eco – do grego *Eko*. Era uma bela ninfa da Mitologia grega. Eco amava os bosques e os montes onde muito se distraía. Era querida por Diana a quem acompanhava em suas caçadas. Tinha, no entanto, um defeito: falava demais e sempre queria dar a última palavra em qualquer conversa ou discussão. Em certa ocasião, a deusa Hera desconfiou, com razão, que seu marido Zeus se divertia com as ninfas. Enquanto as ninfas se escondiam de Hera, Eco tentou distraí-la com uma conversa e, no entanto, foi castigada: só seria capaz de falar repetindo o que os outros dissessem.

Écrino (*a*) – do grego *Ek(s)*, fora, de dentro para fora e *Kryn*os, secreção, *Krīn*, secretar, segregar, separar. Glândulas ou células que produzem secreção sem que ocorra a ruptura do citoplasma das células.

Ectoderme – do grego *Ek-to*, externo e *Derm*, camada. A camada ou folha mais externa dos três folhetos que formam o embrião.

Ectópico – do grego *Ek*, fora e *Topos*, lugar, significa fora de lugar ou deslocado.

Edema – do grego *Oedema*, inchaço. Refere-se ao fato do tecido conter excesso de líquido tecidual. Edema refere-se a um acúmulo anormal de líquido no espaço intersticial devido ao desequilíbrio entre a pressão hidrostática e osmótica.

Eferente – do latim *Eferre*, levar para fora, tirar. O que leva para fora (ou que tira). Refere-se especificamente a axônios com impulso nervoso ou a movimento de fluídos de um centro de referência em direção à periferia.

Eixo – do latim *Axis*, eixo.

Ejaculatório – do Latim *Ejaculare*, jorrar e *Ex*, para e *Jactare*, lançar.

Elástico(a) – do grego *Elàstykos*, flexível, esticável, distensível.

Elastina - do grego *Elàstykos*, flexível, esticável, distensível e *In(a)*, substância. Proteína que forma as fibras elásticas.

Elipsóide – do grego *Elleipsis*, elipse, e *Oidés*, forma de.

Elíptico – do grego *Elleiptykós*, relativo à elipse.

Embrião – do grego *Embryo*, embrião. Conceitua-se embrião o período que ocorre desde a segunda até a sétima semana depois da fecundação, etapa conhecida como período embrionário onde ocorre intensa diferenciação celular. O período embrionário termina na 8ª semana depois da fecundação, quando o conceito passa a ser denominado de feto.

Embrioblasto - do grego *Embryo*, embrião e *Blast(o)*, germe. Parte do blastocisto que forma os três folhetos germinativos que constituem o embrião.

Embriogênese - do grego *Embryo*, embrião e *Géne-sis*, formação.

Embriologia - do grego *Embryo*, embrião e *Logí(ā)*, estudo. Ciência que estuda a formação e o desenvolvimento dos embriões.

Eminência – do latim *Eminentia*, elevação, acréscimo, *Ex*, para fora, *Minere*, projetar.

Emissária – do latim *Enissarium*, escoadouro. *Ex*, para fora e *Mittere*, levar. Na Roma antiga, utilizavam-se *Emmissaria*, canais de drenagem de lagos e charcos, com a finalidade de secá-los e arar a terra. A palavra foi empregada para qualquer tipo de dreno e, em Anatomia, foi usada pela primeira vez por Giovanni Santorini (1720) para designar as veias que ligam os seios venosos da dura-máter às veias externas do crânio (diplóicas).

Encéfalo – do grego *Enkephalos*, cérebro, *En*, Dentro e *Kephalos*, cabeça. Parte do Sistema Nervoso situado dentro do crânio.

Endocárdio - do grego *Endo*, dentro e *Kardí(ā)*, coração. Membrana serosa que reveste a parte interna do coração.

Endocérvice – do grego *Endo*, dentro e do latim *Ceruīc*, colo do útero. Porção do colo do útero que se encontra logo após o orifício cervical externo.

Endocitose – do grego *Endo*, dentro, *Kyto*, célula e *Ō-sis*, processo. Processo pelo qual a célula introduz no seu interior moléculas grandes ou partículas através de sua membrana.

Endocondral – do grego *Endo*, dentro e *Khondr(o)*, cartilagem. O que esta no interior de uma cartilagem.

Endócrina (o) – do grego *Endon*, dentro, interno e *Krinéin*, segregar, separar.

Endoderme - do grego *Endon*, dentro e *Derm*, folheto, camada. É um dos três folhetos embrionários que forma o embrião, sendo o mais interno.

Endógeno – do grego *Endo*, dentro e *Gen*, gerado. Este termo era aplicado ao escravo nascido dentro de casa.

Endolinfa – do grego *Endon*, dentro e *Lympha*, água. Este humor, descoberto por Domenico Cotugno, foi detalhadamente descrito por Antonio Scarpa.

Endométrio - do grego *Endon*, dentro e *Metra*, matriz. Camada mais interna do útero.

Endomísio – do grego *Endon*, dentro e *Mys*, músculo.

Endoneuro – do grego *Endon*, dentro e *Neuron*, fibra, cordão.

Endoplasma - do grego *Endon*, dentro e *Plassos*, molde. É a parte interna do citoplasma que circunda o núcleo de uma célula.

Endossoma - do grego *Endon*, dentro e *Som*, corpúsculo celular. São estruturas intracitoplasmáticas que se formam devido a invaginação da membrana plasmática.

Endósteeo – do grego *Endon*, dentro e *Osteon*, osso.

Endotélio - do grego *Endon*, interno; e *Thelen*, afastado. Camada epitelial única de células que reveste a parede interna dos grandes vasos sanguíneos e linfáticos.

Endotorácica – do grego *Endon*, dentro e *Thorakikós*, relativo ao tórax.

Entérico – do grego *Enterykos*, intestinal, *Enteron*, intestinos. A palavra enteron, significando intestinos, pode ter derivado do grego *Entós*, que esta dentro, por causa de sua posição no abdome.

Entero - do grego *Enteron*, intestino. Cavidade digestória, especialmente aquela parte revestida por endoderma.

Enterócito - do grego *Enter*, intestino e *Kytos*, célula. Célula absorptiva encontrada nas paredes do intestino provida de numerosas microvilosidades em sua face livre para aumentar a superfície de absorção.

Entrecruzamento – do latim *Entre*, entre e *Cruciare*, cruzar. O mesmo que cruz.

Enzima – do grego *Em*, em e *Zym(ē)*, levedura. Vocábulo introduzido por Kühne em 1877 que significa levedura, com a idéia de que cataliza o que esta dentro e fora da célula. Proteína que atua como agente catalizador nos processos metabólicos. No final de 1700 e início dos anos 1800 a digestão da carne por secreções do estômago e a conversão do amido em açúcares pela saliva e extratos de plantas já eram conhecidas. No entanto, o mecanismo pelo qual isso ocorria não havia sido identificado. No século 19, quando estudava a fermentação do açúcar em álcool por leveduras, Louis Pasteur chegou à conclusão de que esta fermentação era catalisada por uma força vital contida dentro das células da levedura chamadas fermentos, que se imaginava funcionar apenas nos organismos vivos. Pasteur escreveu que a fermentação alcoólica é um ato correlacionado com a vida e organização das células da levedura, não com a morte ou putrefação das células. No entanto em 1877, o fisiologista alemão Wilhelm Kühne (1837-1900), utilizou pela primeira vez o termo "enzima", que vem do grego *ενζυμον*, em fermento, para descrever este processo, referindo que sua ação pode ocorrer sem a presença de organismos e fora dos mesmos. Mais tarde a palavra enzima foi utilizada para se referir a substâncias não vivas, tais como a pepsina, o fermento era a palavra usada para se referir à atividades químicas produzidas por organismos vivos.

Eosina – do grego *Ēō*, aurora, de cor rosa e *Īn(a)*, sustância. Corante ácido que cora em rosa ou em vermelho em especial as proteínas das células.

Eosinófilo - do grego *Philein*, amigo, afinidade e eosina que é um corante. Célula da série branca do sangue, que se cora pela eosina, e esta envolvida em processos alérgicos.

Epêndima – do grego *Epi*, sobre, em cima, e *Endyma*, vestimenta.

Epicárdio – do grego *Epi*, sobre, em cima, *Kardia*, coração.

Epicôndilo – do grego *Epi*, sobre, em cima e *Kondylòs*, junção, nó.

Epiderme – do grego *Epi*, sobre, em cima de, *Derma*, couro, pele.

Epidídimo – do grego *Epi*, sobre, em cima e *Didymos*, duplo, em dobro. O termo *Didymos* era usado para as gônadas de ambos os sexos e originalmente significava duplo, ou gêmeo. *Epididymos* teria o sentido de “o que esta sobre os gêmeos”, mas os médicos gregos sempre utilizaram a palavra para designar os testículos, desde os primórdios da anatomia. O primeiro a usar a palavra *Epididymos* para designar a estrutura que conhecemos hoje foi Herófilo, mas Riolan, em 1649, reintroduziu o termo em anatomia descrevendo o órgão em detalhes.

Epidural – do grego *Epi*, sobre, em cima, *Duralis*, endurecido.

Epífise – do grego *Epi*, sobre, em cima e *Physis*, sulco, crescimento.

Epiglote – do grego *Epi*, sobre, em cima, e *Glottis*, laringe.

Epimísio – do grego *Epi*, sobre, em cima e *Mys*, músculo.

Epinefrina - do grego: *Epi*, em cima, e *Nephros*, rim. (Vide o termo adrenalina).

Epineuro – do grego *Epi*, sobre, em cima e *Neuron*, fibra, cordão.

Epiplóico – do grego *Epiplóikos*, relativo a *Epíploon*. Hipócrates chamava o omento maior de *Epiploon*, que flutua sobre, do Grego *Epi*, sobre, em cima e *Pléein*, flutuar, pairar. Galeno e Oribásio adotaram o termo com o mesmo sentido, isto é, uma membrana que está solta sobre os intestinos, como um avental.

Episcleral – do grego *Epi*, sobre, em cima e *Skeros*, duro, rígido.

Epitálamo – do grego *Epi*, sobre, em cima e *Thalamos*, quarto de dormir.

Epitélio – do grego *Epi*, sobre, em cima e *Thelé*, papila, mamilo. Assim foi denominada a pele dos lábios por Ruysch, em 1700. Posteriormente, graças aos trabalhos de Henle (1870), passou a significar a camada superficial da pele em qualquer local do corpo e, por extensão, o revestimento de superfícies internas, como o intestino, a árvore bronquial etc.

Eponíquio – do grego *Epi*, sobre, em cima, *Onyx*, unha.

Epoóforo – do grego *Epi*, sobre, em cima, *Oon*, ovo e *Phoro*, eu levo.

Equador – do latim *Aequator*, igualador, *Aequare*, igualar e *Actor*. Agente.

Equina – do latim *Equinus*, de cavalo, *Equus*, cavalo ou *Equa*, égua.

Ereção – do latim *E(c)*, de dentro para fora, com intensidade e *Reg(ere)*, levantar. Endurecimento e aumento do pênis, do clitóris ou dos mamilos, depende de interações complexas psicológicas, neurológicas, vasculares e endócrinas, em muitos casos, associada ao desejo sexual.

Ereter – do latim *Erigere*, levantar, elevar e *Actor*, agente.

Ergastoplasma – *Ergon*, trabalho. Conjunto dos elementos bem estruturados do citoplasma das células que correspondente ao retículo endoplasmático granuloso no microscópio eletrônico.

Eritroblasto - do grego *Erythron*, vermelho e *Blastos*, formador. Célula nucleada da medula óssea que forma os eritrócitos.

Eritroblastose – do grego *Eryth(ro)*, vermelho, roxo; *Kyto*, célula; *Blast(o)*, germe, retorno e *Ō-sis*, processo patológico. Presença de eritroblastos no sangue o que dá lugar a anemia grave em recém nascidos.

Eritrócito - do grego *Erythron*, vermelho e *Kytos*, célula. Célula vermelha do sangue; hemácia.

Eritropenia - do grego *Erythron*, vermelho e *Peniā*, falta, carência, pobreza. Deficiência no número de eritrócitos.

Escafa – do latim *Scapha*, canoa, e do Grego *Scaphe*, canoa.

Escafóie – do grego *Scaphe*, canoa, e *Oidés*, forma de. O termo nomeava indistintamente qualquer osso ovóide escavado, em forma de canoa, em cuja concavidade encaixava-se outro osso.

Escaleno – do grego *Skalenos*, desigual, irregular. Nenhum dos três músculos, isoladamente, tem a forma exata de um triângulo escaleno, mas a massa muscular total toma uma forma tridimensional de lados desiguais. O termo foi de início, introduzido por Riolan (1640), que descrevendo a emergência do plexo braquial através destes músculos, tinha-os como um só. Vesálio e Wislow consideravam dois, Fallopio e Cowper três, Douglas quatro e Albinus, cinco músculos. Somente após o século XVIII, os escalenos foram descritos como três músculos distintos (em casos raros, há a presença de um quarto músculo).

Escama - do latim *Squama*, escama de peixe.

Escápula - do latim *Scapulae*, espáduas, ombros. Aristóteles e Galeno chamavam-no de Omoplata, do Grego *Omos*, ombro e *Platus*, chato. Riolan (1640) parece ter sido o primeiro anatomista a usar o termo escápula, mas derivado do grego *Skaptein*, escavar, por causa da semelhança da forma do osso com uma pá.

Escavação – do latim *Excavatio*, escavação e *Excavare*, escavar.

Esclera – do grego *Skleros*, duro, rígido. Camada externa do olho, protetora. É a parte branca do olho.

Escroto – do latim *Scrotu*, bolsa. Aparentemente uma variação de *Scrotum*, pele, couro. Nome dado, na antiga Roma, a qualquer objeto feito de couro, especialmente às bolsas penduradas no cinto. Daí a bolsa que contém os testículos receber este nome. O equivalente grego é *Orkhis*.

Esfenóide – do grego *Sphen*, cunha, arado, e *Oidés*, forma de. É provável que Galeno tenha sido o primeiro a descrever este osso que parece estar encravado, como cunha, entre o crânio e a maxila. Outra etimologia, mais contestada, dá a origem como sendo do grego *Sphein*, mariposa, vespa, por sua forma geral ter certa semelhança com um inseto alado (daí o nome deste osso em alemão ser *Wespenbein*).

Esférico – do latim *Sphoera*, esfera, globo e do grego *Oidés*, forma. O mesmo que esferóide.

Esfínter – do grego *Sphinktèr*, ligadura, atadura, de *Sphingein*, amarrar.

Esmalte – do latim *Enamyl*, derretido, depois *Smattare*, derreter. Em sentido estrito, esmalte é um composto mineral (apatita) vítreo submetido a altas temperaturas, derretido e fundido à superfície de objetos, com intuito decorativo. A palavra *Smattare*, esmaltar foi introduzida apenas na idade média.

Esôfago – do grego *Oiso*, eu levo e *Phagos*, comida.

Espaço – do latim *Sapatium*, espaço distância, intervalo.

Esperma - do grego *Sperma*, semente.

Espmatócito - do grego *Sperma*, semente e *Kytos*, célula.

Espmatogônia - do grego *Sperma*, semente *Gon*, órgãos sexuais. Célula indiferenciada presente no túbulo seminífero e que forma os espermatozoides.

Espinal – do latim *Spinalis*, pontudo.

Espinha – do latim, *Spina*, espinho, ponta aguda. O termo deriva do circo de bigas romano. A pista de corrida era dividida ao meio, por mais de $\frac{3}{4}$ do seu comprimento por um muro de seis metros de largura e dois de altura. Este muro era adornado com estátuas de Seuses e recebia o nome de *Spina*. O termo foi depois empregado para a coluna vertebral porque ela parece separar, não totalmente, a musculatura do dorso do corpo, à semelhança da *Spina* do circo romano.

Espinal – do latim *Spinalis*, espinhoso, pontudo. O termo espinhal é relativo à espinha projeção óssea, e não deve ser confundido com spinal, variante relativa à medula espinal, órgão nervoso.

Espinhoso – do latim *Spinusus*, pontudo, espinhoso. O mesmo que espinhal.

Espiral – do latim *Spira*, espiral.

Esplâncnico – do grego *Splanknikos*, relativo às vísceras, visceral.

Esplancnopleura - do grego *Splanknikos*, vísceras e *Pleur(á)*, costelas. Porção lateral do mesoderma que se liga ao endoderma; folha interna visceral do mesoderma que contorna as vísceras.

Esplênico – do grego *Splenikos*, *lienal* e *Splen*, baço. O baço em latim chama-se *Lien*, que aprece ter derivado da palavra grega. O primeiro anatomista a descrever o baço em detalhes foi Marcello Malpighi, em 1659.

Esplênio – do grego *Splenion*, curativo, bandagem. Foi dado o nome ao músculo por sua semelhança a uma atadura. Bartolommeo Eustachio e Gabrielle Falloppio dividiram o músculo em duas partes e Albinus nomeou-as *splenius capitis* e *splenius cervicis*.

Espongiócito - do grego *Spongios*, esponja e *Kytos*, célula. Célula da região cortical da supra-renal que lembra uma esponja.

Esponjoso – do grego *Spongios*, esponja oriundo de animal marinho. Hipócrates usava este termo para designar qualquer estrutura de aparência porosa. Aristoteles descreveu vários tipos de esponjas, que tinham inúmeros usos entre os gregos, principalmente como material de preenchimento.

Esqueleto – do grego *Skeletos*, segura, aridez.

Esquerdo – do latim *Sinister*, esquerdo, funesto. Na idade média, a igreja católica determinou que o lado correto para os fiéis fosse o direito, pois os justos, segundo a bíblia, sentar-se-iam a este lado do trono de Deus. Cristo teria distribuído o pão e o vinho na última ceia com a mão direita. Por causa disto, o lado incorreto, dos pecadores seria o lado esquerdo.

Etapédio – do latim *Satapedius*, relativo ao estribo, e *Stapes*, estribo. Duverney nomeou o músculo inserido ao estribo de *musculus stapedis*, mas Albinus chamou-o *Stapedius*.

Estatocônia – do grego *Statikós*, imóvel e *Konis*, cascalho miúdo, seixo.

Estelar – do latim *Stellaris*, de estrela e *Stella*, estrela. O mesmo que estrelado.

Esteriocílio – do grego *Stere(o)*, duro, sólido, imóvel e *Cilium*, pálpebra, pestana, cílio. Microvilosidade imóvel das células pilosas da cóclea; estão endurecidas pelo citoesqueleto.

Estéril – do latim *Steril(e)*, estéril. Que não dá frutos.

Esterno – do grego *Sternon*, peito masculino. Hipócrates usou o termo *Sternon* para o peito masculino e chamou o “osso do peito” de *Sternon* para o osso e este uso propagou-se. Os romanos chamavam-no os *Pectoris* e a palavra *Sternum* apareceu apenas no latim medieval, através da tradução dos textos gregos. Por ser superficial e de fácil palpação, alguns etimologistas referem á origem como derivada do grego *Stereos*, em relevo, evidente.

Esternocleidomastóideo – do grego *Sternon*, peito masculino, *Kléis*, chave e *Mastoidon*, da mama, mamário. O nome mostra as origens (esterno e clavícula) e inserção (processo mastóide) deste músculo.

Esteróide – do grego *Stere(o)*, duro, sólido, em tres dimensões e *Eid(és)*, que tem o aspecto de. Estrutura policíclica da qual derivam compostos de interesse biológico, tais como esteróies, ácidos biliares, hormônios, etc.

Estigma – do grego *Stigm(at)*, ponto. Esta palavra era utilizada na Grécia antiga para designar marcas que se usavam para distinguir os escravos uns dos outros.

Estilóide – do grego *Stylos*, lança, estaca, e *Òidés*, em forma de.

Estômago – do grego, *Stoma*, boca, e *Cheien* derramar. Para os romanos a palavra *Stomachus* designava a goela ou a porção inicial do esôfago, e derivava do grego *Stomachos*, composta de *Stoma*, boca e *Cheien*, derramar. Hipócrates usava também o termo para designar o colo da bexiga urinária ou do útero, no sentido de “início de um órgão ôco”, como no nosso popular “boca do estômago”. Em latim, o estômago, como órgão era chamado de *Ventriculus* (diminutivo de *Venter*, ventre e, em grego *Gaster*. Assim, para Vesalio havia o *Stomachus* (esôfago) e o *Ventriculus* (estômago). Portanto a palavra designou inicialmente a faringe distal, então o esôfago, depois a cárdia e finalmente, após o século XVII, o estômago como atualmente o conhecemos.

Estomodeu – do grego *Stoma*, boca e *Hodos*, via. Estomodeu é a porção da cavidade bucal revestida pelo ectoderma.

Estradiol – do grego *Oistro*, desejo irracional, ardor sexual e *Oi[δύο]*, álcool. Hormônio produzido no ovário que mantém os caracteres sexuais femininos secundários.

Estratificado - do latim *Stratum*, coberta de cama, e *Facere*, fazer.

Estrato – do latim *Stratum*, coberta de cama, colcha. O termo em português correto a ser utilizado é camada. Estrato é igualmente utilizado, mas menos habitual e oferece um risco de confusão na linguagem falada com a palavra extrato.

Estria - do latim *Stria*, canela, estria ondulada de adorno. Na realidade, em sentido mais restrito, a palavra *Stria* significava faixa elevada e o termo era frequentemente usado para descrever o aspecto ondulado do corpo de uma coluna e até mesmo uma “testa enrugada”. Nada indica, em latim, que a palavra tivesse o sentido de listrado, como conhecemos atualmente.

Estriado – do latim *Striatus*, canelado e *Striare*, canelar, estriar.

Estribo – do latim *Stapes*, estribo. O estribo não era conhecido dos romanos e gregos porque eles não tinham selas de couro para seus cavalos. Eles cavalgavam sobre um cobertor colocado diretamente no dorso dos animais e que era chamado de *Epihippion* (grego *Epi*, em cima, e *Hippos*, cavalo). As selas de couro e os estribos somente foram introduzidos no século IV, pelos otomanos, e os estribos primitivos eram chamados de *Scalae*. O primeiro anatomista a dar nome ao ossículo da orelha este nome foi Giovanni Ingrassias, em 1546, embora se afirme que Bartolommeo Eustachio (1564) tenha sido o primeiro a descrevê-lo.

Estro - do grego *Oistros*, desejo irracional, desejo veemente, ardor sexual.

Estrogênio - do grego *Oistros*, desejo irracional, ardor sexual e *Gen*, o que gera. Hormônio sexual feminino produzido pelos ovários que regula o ciclo menstrual e provoca o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários femininos.

Estroma – do grego *Stroma*, coberta, toalha. Para os gregos significava qualquer tipo de cobertura para cama, mesa etc. No plural, designava as pilastras ou suportes de uma ponte. Em anatomia, inicialmente a palavra denominou as cúpulas ou tecidos conjuntivos de revestimento externo de órgãos. No final do século XVIII, o termo foi modificado e assim divulgado pelos histologistas. Chama-se estroma ao tecido de sustentação de um órgão, ou seja, que serve para sustentar as células funcionais dos órgãos. Com exceção do cérebro e da medula espinhal, o estroma é constituído de tecido conjuntivo.

Estrutura – do latim *Struct(um)*, colocado em ordem, construído. Distribuição ordenada das partes de um conjunto, em medicina o termo é utilizado para designar as partes do corpo ou de um órgão.

Etmóide – do grego *Ethmos*, peneira, e *Oidés*, forma de. O osso foi descrito e nomeado por Galeno.

Eucariota – do grego *Eu*, bom, normal, verdadeiro e *Karyo*, semente, núcleo. Células que possuem núcleo bem individualizado, delimitado por membranas.

Eucromatina - do grego *Eu*, boa; *Khrōm(at)*, cor e *Īn(a)* substância. Porção geneticamente ativa dos cromossomos no interior do núcleo. Ao microscópio de luz essa região aparece no interior do núcleo como áreas bem claras indicando DNA descondensado.

Eutanásia – do grego *Eu*, boa e *Tánatos*, morte. Portanto, seu significado etimológico é boa morte. Eutanásia pode se apresentar como um suicídio assistido ou como um homicídio dito piedoso. O primeiro, quando realizada pelo próprio enfermo e o segundo quando a ação letal é perpetrada por outra pessoa. Assim pode ser um ato deliberado e objetivo tomado para retirar a vida de uma pessoa que está em grave possibilidade de um sofrimento intenso, ou já se encontra nele, em razão de alguma doença incurável. Portanto é uma ação direta e específica para tirar a vida de uma pessoa que, necessariamente não está na fase terminal. E isso a caracteriza, indiscutivelmente, como suicídio ou homicídio, dependendo de quem foi o autor da ação letal.

Evaginação – do latim *Ex*, fora e *Vagina*, bainha. É uma projeção ou saliência oca que se forma para fora.

Excreção - do latim *Exscreare*, descarga ou eliminação. Representa a eliminação de resíduos metabólicos por um organismo; por extensão também as substâncias excretadas.

Excretor – do latim *Exscreare*, expectorar e *Actor*, agente.

Exfoliação – do latim *Ex*, para fora; *Foli(um)*, folha e *Ā-tiōn(em)*, processo de. Processo de retirada por camadas de um local, por exemplo, da pele.

Exocitose - do latim *Ex*, para fora; *Kyto*, célula e *Ō-sis*, processo de. Termo criado por De Duve em 1963 para designar o processo de secreção de moléculas e partículas para o exterior da célula.

Exócrina - do grego *Exo*, fora e *Krinéin*, segregar, separar.

Exón - do grego *Ex*, fora e *On*, partícula. Sequência de polinucleótdeos em um ácido nucleico que codifica informações para a síntese protéica.

Exoplasma -

Extensor – do latim *Extendere*, estender, esticar e *Actor*, agente.

Externo – do latim *Externus*, vindo de fora, exterior. O termo no plural *Externi* designava, de modo geral, os povos bárbaros, isto é, os povos estrangeiros e que não estavam sob o domínio de Roma.

Extrapiramidal – do latim *Extra*, externo, fora de, e *Pyramidalis*, relativo à pirâmide.

Extremidade – do latim *Extremitas*, extremidade, fim.

Extremo – do latim *Extremus*, extremo, final.

F

Face – do latim *Facies*, face.

Fagocitose – do grego *Phagos*, comer. *Kyto*, célula. Esta palavra é utilizada em citologia para designar o englobamento de partículas sólidas pela célula.

Fagosoma - do grego *Phagos*, comer e *Soma*, corpo. Vesícula rodeada por membrana que rodeia as partículas introduzidas no interior da célula por fagocitose.

Falange – do grego *Phalanx*, tropa e soldados. A *phalanx* era uma formação especial (em fileiras consecutivas) de batalha da infantaria do exército grego. Aristóteles usou o termo para os ossos dos dedos, por causa de seu arranjo em fileira, um atrás do outro.

Falciforme – do latim *Falx*, *Falcis*, foice, *Formis* em forma de.

Falo – do grego *Phallo*, pênis.

Falsa – do latim *Spuria*, feminino de *Spurius*, falso, ilegítimo.

Faringe – do grego *Pharynx*, goela. Entre os gregos, a palavra *Pharynx* era usualmente empregada no lugar de *Larynx*. E Galeno usava o termo para a parte laríngea da faringe. Talvez a palavra *Pharynx* tenha derivado do grego *Phar anx*, fenda.

Fáscia – do latim *Fascia*, faixa, cinta, *Fascis*, feixe. A palavra *Fascia* em latim tinha diversos significados, todos com a idéia de atadura. Assim podia dar nome às faixas que seguravam os cabelos, cinto feminino etc. Os *Fasci* eram feixes de varas atados por uma faixa larga, e de um machado numa das extremidades. O termo *Fáscia* para designar estruturas largas e fibrosas é recente, antes do século XV, todas as expansões de tecido conjuntivo eram chamadas de aponeuroses.

Fascículo – do latim *Fasciculus*, diminutivo de *Fascis*, feixe.

Fase – do grego *Phan*, mostrar-se. Antigamente era utilizado na astronomia, ou seja, o aparecimento de um astro celeste. Em medicina representa cada um dos diferentes estados sucessivos de um fenômeno natural da doença.

Fauce – do latim *Faux*, plural *Fauces*, passagem estreita, garganta. Na antiga casa romana o *Atrium* era o local mais familiar. Entre este e um pátio externo, com pilares e caramanchões (*Peristilo*) havia duas estreitas passagens, usada apenas pelos escravos, chamadas de *Fauces*. Celso utilizou a palavra no singular para denominar a passagem da boca para a faringe.

Fecundação – do latim *Fecun*, que é fértil. Fecundação é o processo em que um espermatozoide penetra, num ovócito II (ou oócito).

Feminino – do latim *Feminina*, da mulher. *Femina*, mulher, fêmea.

Femoral – do latim, *Femoris*, da coxa.

Fêmur – do latim *Femur*, coxa. Há controvérsia quanto à origem desta palavra. Para uns, seria derivado de *Fero*, eu levo ou carrego; para outros, poderia ser derivado de *Feo*, eu gero, ou produzo, numa associação incerta com o sexo do filho ou com a cópula. A palavra latina *Coxa* tinha outro significado, igual a quadril, semelhante a *ílium*.

Fenestra – do latim *fenestra* (singular), janela; *fenestrae* (plural), janelas.

Fenômeno – do grego *Phain*, mostrar-se *O*, menos. Toda a manifestação que se torna evidente, tanto de ordem material quanto espiritual.

Fenótipo – do grego *Phain*, mostra-se *Typ(o)*, forma. Realização visível do genótipo em um determinado ambiente.

Feocromo – do grego *Phaio*, escuro e *Khrōm(o)*, cromo. Aplicam-se a estruturas histológicas que se evidenciam com os sais de cromo.

Fermento – do latim *Fer(uēre)*, ferver e *Mnetum*, se usa no sentido de alimento. Antigamente usava-se no sentido de levedura. Em química se utiliza no sentido de enzima.

Ferormônio – do grego *Pher/phor*, levar; *Hormôn*, que impulsiona, que excita. Substâncias químicas produzidas por um organismo que serve como um estímulo para determinados comportamentos ou respostas fisiológicas.

Feto – do latim *Feo*, *Fetu*, prole. Chama-se de feto o estágio de desenvolvimento intrauterino que tem início após a oitava semana da fecundação, onde já podem ser observados: braços, pernas, olhos, nariz e boca e vai até o fim da gestação. Após o parto, o feto passa a ser considerado um recém-nascido.

Fibra – do latim *Fibra*, fio, fibra de planta. Vesálio utilizou esta palavra com o sentido que hoje se conhece, isto é, de estrutura com características rígidas, fibrosas. Diminutivo - Fibrila. Mas o termo, no latim antigo, denominava pequenos segmentos de órgãos (lóbulo).

Fibrila – do latim *Fibr*, fibra e *Illa*, pequeno. Diminutivo de fibra.

Fibrina – do latim *Fibr(am)*, fibra e *Īn(a)*, substância química. Proteína do processo de coagulação do sangue que forma agregados com outras moléculas de fibrina e produz coágulos. Normalmente é encontrada no sangue em uma forma inativa, fibrinogênio, que pela ação da trombina é transformado em fibrina.

Fibrinogênio – do latim *Fibr(am)*, fibra e do grego *Gen*, que gera, que forma.

Fibroblasto - do latim, *Fibros*, fibras e *Blastos*, germe, formador. Nome dado às células do tecido conjuntivo responsáveis pela síntese da matriz extracelular, em especial das fibras colágenas e elásticas. Secretam também glicosaminoglicanos, proteoglicanos e glicoproteínas multiadesivas. São células fusiformes que possuem inúmeros prolongamentos com núcleo grande, ovóide, com cromatina fina e nucléolo evidente.

Fibrócito - do latim, *Fibros*, fibras e do grego *Kytos*, célula. São células oriundas dos fibroblastos de menor tamanho, com núcleo fusiforme, menor e mais escuro. Representam fibroblastos com menor atividade metabólica.

Fibronectina – do latim *Fibr(am)*, fibra; *Nec*, o que une e *In(a)* substância química. Principal proteína de união das células e das fibras.

Fibroso – do latim, *Fibrosus*, provido ou feito de fibras.

Fíbula – do latim *Fibula*, alfinete, broche, *Figere*, cavar, espetar. Somente em meados do século XVI o termo teve uso anatômico. A palavra e a tradução do grego *Peroné*, alfinete. Em Roma, as fíbula eram pequenas hastes de metal com duas pontas agudas usadas para prender vestimentas ou adornos. Posteriormente receberam adornos delicados na sua parte superior, ficando com a forma atual de um broche.

Fígado – do latim *Eecur* fígado. A origem deste termo é muito interessante, este termo designa especificamente os fígados de gansos alimentados com figos (*Ficus*), considerados como uma fina iguaria para banquetes (correspondente ao atual “patê de foie gras” Frances). O fato refere-se a que estes animais eram engordados com figos, ficando aumentados e com degeneração gordurosa devido à alimentação forçada. Este processo era chamado *lecur Ficatus*, algo como “fígado preparado com figos”. Como acontece em tantas expressões, uma das palavras – *lecur* – desapareceu e restou o *Ficatus*, que virou “fígado” e acabou nomeando o órgão. Depois passou a designar o órgão como um todo em qualquer animal inclusive no homem. Os adjetivos e outros termos derivados a ele referentes são construídos a partir do grego *Hepar*, *Hepátos*, que significa fígado.

Filamento – do latim *Filamentum*, fio delgado e delicado.

Filiforme – do latim *Fil(um)*, fio e *Forme(m)*, que tem forma de. Que tem forma de fio.

Filo – do grego *Phyl(o)*, raça, origem. Grupo taxonômico de organismos que do ponto de vista evolutivo, tem um ancestral comum ou geneticamente relacionado.

Filogenia - do grego *Phyl(o)*, raça, origem e *Gen*, tornar-se. A história evolutiva de uma espécie ou grupo tque em um ancestral comum ou geneticamente relacionado.

Fímbria – do latim *Fimbriae*, franja, orla. As túnicas romanas com *Fimbriae* nas suas extremidades eram sempre muito ricas (bordadas com gemas e fios de prata e outro) e eram somente usadas por pessoas de destaque em ocasiões especiais. Petronius tronou Julio Cesar famoso por divulgar seu gosto pelo luxo porque o ditador era frequentemente visto, em sístuações não cerimoniosas, trajando vestes orladas.

Fissura – do latim *Fissum*, fenda

Flácido – do latim *Flaccidus*, mole, macio.

Flagelo – do latim *Flagellu(m)*, filamento que se move, pequeno chicote.

Flexor – do latim *Flectere*, curvatura, e *Actor*, agente.

Flexura – do latim *Flexura*, curvatura, dobradura.

Foice – do latim *Falx*, foice.

Folha – do latim *Folium*, folha.

Foliada – do latim *Foliatum*, frondoso, com folhas.

Folículo – do latim *Folliculus*, diminutivo de *Follis*, fole, bolsa.

Fontanela – do francês *Fontanelle*, pequena fonte. O mesmo que fontículo. A palavra também pode ter sido derivada do italiano “*Fontanella*”, diminutivo de fonte, através de sua forma popular Fontana. O nome pode estar associado às pulsações no local, ou porque na idade média, os cirurgiões tentavam curar as doenças oculares ou nervosas mais graves cauterizando o ponto onde as suturas coronal e sagital se encontram (o local do fontículo anterior ou bregma). A ferida resultante era mantida aberta pela instilação de substâncias irritantes, na esperança que aí se formasse um canal por onde a matéria venosa pudesse ser expelida e é provável que a secreção ou o sangue minando da ferida lembrasse o fluir das águas de uma fonte.

Forame – do latim *Foramen*, abertura, buraco e Foro, *Forare*, furar, transpassar. Uma abertura ou perfuração através de um osso, membrana ou divisão.

Formação – do latim *Formatio*, formação, *Formare*, formar.

Fórnice – do latim *Fornix*, abóboda, arco de porta. O mesmo que fórnix.

Fórnix – do latim *Fornix*, abobada, arco de porta. Era o nome dado pelos arquitetos romanos aos arcos de tijolos ou a um aposento com teto curvo. As prostitutas romanas mais pobres trabalhavam ao ar livre, à noite, debaixo dos arcos dos aquedutos. *Fornix* também era o nome da moradia baixa e abobadada (na realidade um porão úmido), abaixo do rio Tibre, onde elas viviam. Daí, em português a palavra fornicação com sentido sexual, Em anatomia, nomeia especialmente uma estrutura cerebral conhecida por Galeno e descrita por Vesálio.

Fosco – do latim *Fuscus*, embaçado, sem brilho.

Fossa – do latim *Fossa*, fosso, vala, *Fodiare*, cavar, furar, vasar.

Fotoperíodo – do grego *Phos*, luz e *Periodos*, ciclo. Período de exposição de um animal ou planta à luz, considerado especialmente no que diz respeito ao efeito da luz na reprodução, crescimento e desenvolvimento.

Fotorreceptor – do grego *Phot*, luz e do latim *Recipio*, receber. Receptor sensível à luz, por exemplo, um cone ou bastonete retiniano.

Fóvea – do latim *Fovea*, cova, poço.

Franjada – do latim *Fimbriata*, com franjas.

Frênico – do grego *Phenikos*, relativo à mente ou ao diafragma. Na ilíada *Phren* significava a região do coração ou o próprio órgão. Depois a palavra ficou restrita à região entre o coração e o fígado (região diafragmática) e como esta área era considerada a sede das emoções, do pensamento e da fala, o termo *Phren*, metaforicamente, passou a designar alma, mente.

Frênulo – do latim *Frenulum*, diminutivo de *Frenum*, freio de animal.

Frontal – do latim *Frontalis*, *Frons* ou *Frontis*, da testa.

Fronte – do latim *Frons*, ou *Frontis*, testa.

Fundamental - do latim *Fundus*, fundo, base. Que serve de fundamento, base.

Fundo – do latim *Fundus*, fundo, base.

Fungiforme – do latim *Fungus*, cogumelo, e *Formis*, em forma de.

Funículo – do latim *Funiculus*, diminutivo de *Funis*, corda, amarra.

Fúrcula – do latim *Furcula*, diminutivo de *Furca*, forca, forcado de dois dentes.

Fusifforme – do latim *Fusus*, fuso, roca, *Formis*, em forma de.

Fuso - do latim *Fusus*, fuso, roca.

G

Galactóforo – do grego *Galakt*, leite e *Phor*, que leva. Que leva ou transporta leite, nome dado aos ductos excretores das glândulas mamárias.

Gálea – do latim *Galea*, casquete de couro, capacete. No exército romano, os centuriões (infantaria) usavam um capacete feito de couro, a *Galea*, que era também o nome de uma bandagem especial para a cabeça. Foi Giovanni Santorini quem primeiro empregou este termo para designar a aponeurose entre os ventres do músculo occipitofrontal.

Gameta – do grego *Gamét*, noivo, *Gamete*, esposa; *Gametes*, marido. É uma célula reprodutora haplóide que, conjugando-se com outro de sexualidade oposta, constitui um ovo ou zigot

Gametogênese – do grego *Gamét*, noivo, *Gamete*, esposa; *Gametes*, marido e *Genesis*, que gera. Processo de formação dos gametas a partir de células germinativas indiferenciadas.

Gânglio – do grego *Ganglion*, tumor, caroço, inchaço. Hipócrates usava o termo para designar uma tumoração subcutânea, como um cisto sinovial ou lipoma. Galeno utilizava a palavra para plexos de nervos periféricos. Posteriormente ele chamou de gânglios as formações nodulares do tronco simpático. O sentido atual do termo é devido a Raymond Vieussens.

Gástrico – do latim *Gastricus*, relativo ao estômago, e do grego *Gaster*, ventre.

Gastrocnêmio – do grego *Gaster*, ventre e *Knéme*, perna. Hipócrates e Galeno já chamavam a região posterior da perna de “Gastrocnemia”. Este nome passou a designar os músculos dessa região.

Gástrula – do grego *Gaster*, ventre, cavidade e *Ula*, pequena. Este termo foi criado por Haeckel em 1872 para designar a fase do desenvolvimento embrionário, que se sucede à blástula, durante a qual se formam os folhetos embrionários.

Gelatinosa – do francês *Gélatine*, substância fria, e do latim *Gelatus*, gelado, condensado. A palavra gelatina apareceu apenas no período medieval.

Gema – do latim *Gemma*, gomo de videira, pedra preciosa.

Gêmeo – do latim *Gemellus*, gêmeo, duplo. Era um antigo termo para testículos. A palavra *Gemellus* também era grafada *Geminus* e alguns etimologistas alegam ser está composta de *Genitus* (nascido, gerado) e *Binus* (duplo).

Gene - do grego *Gennē*, que gera. Cada uma das unidades dispostas ao longo dos cromossomos que determina a aparição dos caracteres hereditários nos seres vivos.

Genética – do grego *Gennē*, que gera e *Ikē*, estudo, técnica. Parte da biologia que estuda ou lida com a herança familiar.

Gengiva – do latim *Gingiva*, gengiva e *Gignere*, criar, fazer nascer. Este termo está associado ao aparecimento dos dentes (nascimento).

Geniculado – do latim *Geniculatus*, nodoso, ajoelhado, e *Genu*, nó, joelho. O termo provavelmente foi concebido mais a partir da forma angulosa ou articulada desta parte do corpo (joelho) do que por sua aparência saliente, nodosa.

Genicular – do latim *Genicularis*, relativo a joelho.

Genioglosso – do grego *Geneion*, queixo, e *Glossa*, língua.

Genio-Hióideo – do grego *Geneion*, queixo, *Hyo*, a letra U e *Óides*, forma de.

Genital – do latim *Genitalis*, que gera, *Genitus*, nascido, gerado.

Genoma – do grego *Gignomai*, nascer e do latim *Oma*, grupo. Representa o conjunto de genes de um indivíduo.

Genótipo – do grego *Genos*, raça e *Typos*, impressão. É a constituição genética interna ou hereditária de um organismo sem levar em conta seu aspecto externo.

Gínglimo – do grego *Ginglymós*, juntura, articulação. Hipócrates usava o termo “*ginglymoides*” e Galeno tomou a palavra grega e abreviou-a. era usada principalmente para a articulação do cotovelo e foi reintroduzida nas traduções latinas de suas obras.

Giro – do latim *Gyrus*, círculo, volta, giro.

Glabela – do latim *Glaber*, imberbe, sem pelos. Na Roma antiga, *Glaber* era o nome de um escravo ou servo ainda jovem, imberbe. Na idade média era o nome latino do osso frontal (por causa da falta de cabelo nesta parte). Embora já no século XVI designasse, na língua italiana popular, a região entre as sombrancelhas, com este sentido a palavra somente foi introduzida na anatomia no século XIX.

Glande – do latim *Glans*, bolota.

Glândula – do latim *Glândula*, diminutivo de *Glans*, bolota.

Glenóide – do grego *Gléne*, cavidade arredondada rasa, e *Oidés*, foram de. Na Grécia antiga, a palavra *Gléne* também tinha outros significados (espelho, pupila ou reflexo). Galeno usava o termo para uma articulação esferóide rasa.

Glia – do grego *Gli(ā)*, que cola. Células do sistema nervoso que podem auxiliar os neurônios em suas funções.

Glicano – do grego *Glyk*, doce e *Ano*, substância química. Polissacarídeo.

Glicocálice - do grego *Glyk*, doce e do latim *Calic(em)*, cálice. Polisacárido ou glicoproteína que recobre o exterior da membrana ou da parede celular.

Glicocorticóide - do grego *Glyk* doce, do latim *Córtex*, casca de árvore, invólucro e do grego *Oide*, semelhante, com aspecto de. É um termo híbrido que designa o hormônio esteróide produzido no córtex da supra-renal que afeta o metabolismo dos hidratos de carbono, proteínas e lipídeos.

Globo – do latim *Globus*, bola, esfera, globo. Diminutivo glóbulo.

Globúlo - do latim *Globus*, bola, esfera, globo, forma diminutiva.

Glomérulo – do latim *Glomerulus* que é diminutivo de *Glomus*, novelo, bola de lã ou outro fio.

Glomerulosa - do latim *Glomerulus* que é diminutivo de *Glomus*, novelo e do grego *Õ-sa*, forma, forma de. Em Histologia descreve-se na supra-renal a zona glomeurlosa, também denominada de arciforme, pois as células dessa região se dispõem em cordões que formam arcos ou novelos, logo abaixo da cápsula.

Glomo – do latim *Glomus*, novelo, bola de lã ou outro fio.

Glossofaringeo – do grego *Glossa*, língua e *Pharyngeo*, relativo á faringe. Gabrielle Fallopio foi o primeiro anatomista a descrevê-lo em detalhes por considerá-lo como um par de nervos individual.

Glote – do latim *Glottis*, laringe, e *Glossa*, língua. Na Grécia, *Glottis* era o nome do bocal da flauta, uma peça em forma de pequena lingüeta, que possibilitava a produção do som, no instrumento. Galeno usou o termo para toda a laringe. Vesálio e Fabricius usaram a palavra para as pregas e o ventrículo. Em 1871, Luschka introduziu o termo "*rima glottidis*" para a fenda formada pelo encontro das pregas laringeas. Atualmente designa uma das regiões internas da laringe, compreendendo as pregas vestibular e vocal e o espaço entre elas.

Glúteo – do grego *Gloutós*, anca, nádega. Para Hipócrates, a palavra designava qualquer estrutura saliente arredondada, mas posteriormente o termo passou a ser usado apenas com referência à área e à musculatura das nádegas.

Gnátio – do grego *Gnathos*, mandíbula.

Golgi – Camilo Golgi era um médico italiano que exerceu o cargo de professor de Anatomia nas Universidades de Turim e de Siena e foi catedrático de Histologia na de Pavia, da qual chegou a ser diretor da Faculdade de Medicina e Reitor. Apesar dos escassos meios com que contava, chegou a importantes resultados com as suas experiências, entre as quais se destaca o método da impregnação de células com nitrato de prata, que provocou uma revolução no estudo laboratorial dos tecidos nervosos. Empregando este método, identificou uma classe de células nervosas dotadas de extensões (ou dendritos) mediante as quais se ligam entre si a outras células nervosas. Esta descoberta permitiu a Wilhelm von Waldeyer-Haltz formular a hipótese de que as células nervosas são as unidades estruturais básicas do sistema nervoso, hipótese que mais tarde demonstraria Santiago Ramón y Cajal. Em 1876, depois do seu regresso à Universidade de Pavia, continuou o estudo das células nervosas, obtendo provas da existência de uma rede irregular de fibrilhas, cavidades e grânulos (a que depois seria dado o nome de aparelho reticular interno de Golgi e de Complexo de Golgi), que desempenha um papel essencial na célula, como a síntese da membrana, o armazenamento de lípidos e proteínas ou o transporte de partículas ao longo da membrana celular. Em 1906 Golgi recebeu o Nobel de Fisiologia ou Medicina juntamente com Santiago Ramón y Cajal, pelos seus estudos sobre a estrutura do sistema nervoso.

Gônada – do grego *Gone*, semente. O que tem sementes

Gonfose – do grego *Gomphos*, prego, pino. Quem deu este nome às articulações na quais um osso encaixa em um soquete como um pino, foi Galeno, que também dava este nome aos dentes molares.

Gônio – do grego *Gonion*, ângulo, esquina. Ponto craniométrico que corresponde ao ângulo da mandíbula.

Gosto – do latim *Gustus*, gosto, paladar.

Grácil – do latim *Gracilis*, delgado, esguio.

Grande – do latim *Lato*, largo, extenso, vasto. O músculo grande dorsal é denominado em latim, *musculus latissimus dorsi*.

Granulação – do latim *Granulationis*, granulação e *Granum*, grão.

Granular – do latim *Granularis*, provido de grãos. O mesmo que granuloso.

Grânulo – do latim *Granum*, grão, mais o sufixo *Ulo*, diminutivo. Pequeno grão.

Granulócito - do latim *Granum*, grão; mais o sufixo *Ulo*, diminutivo; e do grego *Kytos*, célula. Células de origem mielóide normalmente presentes no sangue, cujo citoplasma possui grânulos e que atuam nos mecanismos de defesa, praticando a fagocitose.

Granulômero - do latim *Granum*, grão; e *Meros*, forma.

Granuloso(a) – do latim *Granulosus*, provido de grãos. Na pele temos a camada granulosa, ou seja, uma região da epiderme onde as células apresentam inúmeros grânulos no citoplasma. No cerebelo temos também a camada granulosa do cerebelo, onde os corpos dos neurônios são muito pequenos denominados “grãos do cerebelo”.

Grosso – do latim *Crassus*, espesso, grosso, gordo.

Gubernáculo – do latim *Gubernaculum*, leme, timão, guia, *Gubernare*, guiar, dirigir, comandar. Em sentido estrito, o leme ou timão de uma embarcação; de forma figurada ou mais ampla, qualquer estrutura ou pessoa que orienta ou guia alguma coisa ou alguém. Em anatomia, designa estruturas fibrosas (especialmente aquela presa ao pólo inferior do epidídimo e testículo) que orientam ou guiam seu trajeto (no exemplo, a descida ao escroto). O gubernáculo do testículo foi descrito e nomeado por John Hunter, em 1786. A palavra é a tradução literal do grego *Gubernao*, guiar, dirigir, comandar.

Gustatório – do latim *Gustatus*, do gosto, do paladar. Na antiga Roma, *Gustatorium* era uma pequena mesa de madeira leve onde se serviam refeições ligeiras (literalmente local de degustação).

H

Habênula – do latim *Habenula*, diminutivo *Habena*, tira, correia, rédea. A imagem do corpo pineal e das habênulas sugeriu, na Grécia antiga, o formato da cabeça de um cavalo e as rédeas, visualizadas pelo cavaleiro.

Halo – do grego *Halos*, o halo redondo do sol ou da lua. Brilho em forma de anel da luz em volta de um corpo luminoso.

Hálux – corrupção ou aliteração do latim *Allex* ou *Hallus*, igual dedo grande.

Hamato- do latim *Hamatus*, recurvado, em forma de gancho.

Hâmulo – do latim *Hamulus*, diminutivo de *Hamus*, gancho.

Haplóide – do grego *Haplo*, único e *Oide*, semelhante, forma. Termo utilizado inicialmente por E. Strasburger em 1905, para designar as células dos organismos eucariotas que tem apenas um conjunto do número de cromossomas característico da espécie.

Haustró – do latim *Haustrum*, balde, caçamba. A palavra deve ser derivada do latim *Haustus*, esvaziado, *Haurire*, esvaziar. Na antiguidade, o *Haustrum*, no plural *Haustra* era o dispositivo usado para retirar água de um poço. Por extensão, passou a designar qualquer objeto com forma sacular. O termo foi introduzido em anatomia por Albrecht von Haller, no século XVIII.

Hélice – do grego *Elix*, caracol, *Eilein*, enrolar.

Helicino – do grego *Elikidos*, relativo a caracol, parecido com um caracol.

Helicotrema – do grego *Helik(o)*, espira e *Trē(mat)*, buraco. Pequena abertura próxima ao ápice da cóclea onde se comunicam a escala vestibular e timpânica.

Hemácia – do grego *Haima*, sangue; *Cytus*, célula.

Hematócrito - do grego *Haima*, sangue e *Krino*, eu separo.

Hematologia - do grego *Haima*, sangue e *Logos*, estudo.

Hematoma - do grego *Hemato*, derivado de *Haima*, sangue e *Oma*, tumor. Um tumor proveniente de derrame de sangue nos tecidos.

Hematopoiese - do grego *Haima*, sangue e *Poiesis*, produção.

Hematoxilina – do grego *Haim(ato)*, sangue, *Xyl(o)*, madeira e *In(a)*, substância química. Seria um corante da cor do sangue tirado da madeira. A hematoxilina é um composto que dependendo da oxidação pode ficar vermelho, azulado, ou mesmo bem preto. É obtida do tronco de uma planta leguminosa (*Haematoxylum campechianum*) conhecida também pelo nome de Pau Campeche. No Brasil temos substâncias desse teor obtidas em várias plantas, tais como o pau Brasil e o fruto da amoreira.

Hemiázigo – do grego *Hemi*, metade, *A*, sem, privado. *Zygas*, par, casal, cópula.

Hemicrânia - do grego *Hemi*, metade e *Kranion*, crânio.

Hemidesmossoma – do grego *Hemi*, metade e *Desmo*, que une, ligadura e *Soma*, corpo. Junção celular especializada geralmente entre uma célula epitelial e a membrana basal subjacente; morfológicamente se parece com a metade de um desmossoma.

Hemisfério – do grego *Hemi*, metade e do latim *Sphoera*, esfera, globo.

Hemo - do grego *Haima*, sangue.

Hemofilia - do grego *Haima*, sangue e *Philia*, gostar. Não foi um neologismo muito feliz, como se vê.

Hemoglobina - do grego *Haima*, sangue e Globina, abreviação de Globulina, do latim *Globus*, bola, talvez pela forma arredondada das hemácias.

Hemólise - do grego *Haima*, sangue e *Lysis*, quebra. Ruptura da membrana dos glóbulos vermelhos e perda de seu conteúdo, em especial da hemoglobina, para a corrente sangüínea.

Hemopoíese – do grego *Hemo*, sangue e *Poiesis*, produção. Diz-se do órgão ou local onde é produzido o sangue.

Hemorragia - do grego *Haima*, sangue e *Rhagia*, derramar, extravasar. Extravasamento de sangue para fora dos vasos sanguíneos que deviam contê-lo. Pode ocorrer por rompimento dos vasos devido ao aumento da pressão sangüínea ou acidentalmente, por ação de traumatismos.

Hemossiderina - do grego *Haima*, sangue e *Sidero*, ferro. A hemossiderina é um pigmento anormal microscópico, de cor amarelo-dourado ou pardo de aspecto granuloso ou cristalino, endógena, encontrado no corpo humano resultante da degradação das hemácias ou após oferta excessiva do metal pela dieta (e.g., alimentos).

Heparina - do grego *Hepar*, fígado. A heparina foi assim chamada por ser encontrada inicialmente no fígado.

Hepático – do grego *Hepatykós*, relativo ao fígado e *Hepar*, fígado.

Hepatócito - do grego *Hepar*, fígado e *Kytos*, célula. As células que constituem o fígado.

Hereditariedade - do latim *Here*, herdeiro. Seria a transmissão de caracteres físicos ou outros, dos pais para a prole.

Hereditário – do latim *Here*, herdeiro. Que passa por hereditariedade de uma geração para outra.

Hermafrodita - filho de *Hermes* e de *Aphodite* que herdou beleza de ambos. Hermes = mercúrio e Afrodite – Vênus. Ao banhar-se na fonte de Sálmacis, a ninfa que aí vivia, apaixonou-se por ele. Ele recusou-a, mas a ninfa obteve dos deuses o poder de unir-se a ele para sempre e tornaram-se um único ser com ambos os sexos.

Hetero - Prefixo grego *Heteros*, que significa dissemelhança, diferença, um ou outro entre ambos.

Heterocromatina - do grego *Heteros*, diferente, distinto e *Chroma*, cor. Densidades diferentes de cor no interior do núcleo. Este termo foi utilizado pela primeira vez por Heitz em 1928 para designar alterações de cor na cromatina. As regiões densamente coradas dentro de um núcleo são chamadas de heterocromáticas, e as regiões pouco coradas são chamadas de eucromáticas. A distinção reflete o grau de compactação ou helicoidização do DNA no cromossoma.

Heterocrômico - do grego *Heteros*, diferente, um ou outro entre dois e *Chroma*, cor. Densidades diferentes de cor.

Heterogêneo - do grego *Heteros*, diferente e *Genos*, origem.

Heterólogo - do grego *Heteros*, diferente e *Log(o)*, relação, direito. Derivado ou procedente de uma espécie distinta da espécie de referência.

Heteropicnose – do grego *Heteros*, que significa dissemelhança, um ou outro entre ambos, e *Picnose*, denso. Representa a porção dos cromossomas que aparecem mais densos no interior do núcleo. Geneticamente seriam as porções menos ativas dos cromossomas.

Heterossoma - do grego *Hetero*, diferente e *Soma*, corpo. Cromossomas responsáveis pelo sexo do indivíduo XX para mulher, XY para o homem.

Heterotrófico - do grego *Hétero*; diferente; *Trophé*, nutrição; Mia o sufixo *Ico*, natureza de. Designação dada aos seres que, são incapazes de sintetizar sua própria matéria orgânica à custa de substâncias inorgânicas obtidos do meio ambiente. Para isso procuram-na em organismos de outras espécies ou na matéria em decomposição no ambiente, usando recursos como o predatismo, o parasitismo e o comensalismo.

Heterozigoto – do grego *Hetero*, diferente e *Zygōtus*, conjugado. Indivíduos que apresentam diferentes alelos nos cromossomas homólogos.

Hialino - do grego *Hyalos*, vidro, transparente.

Hialóideo – do grego *Hyalos*, cristal, vidro e *Oides*, forma de.

Hialômero – do grego *Hyalos*, vidro, transparente e *Mer(o)*, parte. Anel periférico incolor das plaquetas sanguíneas formado por microtúbulos que ajuda a manter sua forma.

Hialoplasma - do grego *Hyalos*, vidro, transparente; e *Plassos*, molde. O citoplasma é preenchido por uma matéria coloidal e semiflúida denominada hialoplasma, e neste fluido estão suspensos os organelos celulares.

Hialurônico - do grego *Hyalos*, transparente, vidro. Substância encontrada em abundância no meio extracelular.

Hiato - do grego *Hiatus*, abertura. Hiato é o nome dado, em anatomia, para aberturas que existem no corpo que permitem a passagem de estruturas.

Hibridização – do latim *Hibrid*, híbrido e *Ā-tiōn(em)*, processo de ação. Formação de híbridos pelo processo de cruzamento entre espécies diferentes.

Híbrido - do latim *Hybrida*, mestiço. A prole dois indivíduos que diferem em um ou mais caracteres hereditários; um heterozigótico.

Hidrófilo - do grego *Hydor*, água e *Phil(o)*, amigo de. O que gosta de água.

Hidrófobo - do grego *Hydor*, água e *Phobos*, temor, medo. O que não gosta de água.

Hidrogênio - do grego *Hydor*, água e *Gennao*, produz.

Hidrólise - do grego *Hydor*, água e *Lysis*, decomposição.

Hilo – do latim *Hilum*, hilo. Esta palavra era usada pelos romanos para designar o olho negro de uma fava (especialmente o feijão), isto é, a marca do local onde ela ficava aderida à vagem. O termo foi inicialmente aplicado ao rim (provavelmente por causa de sua forma), para o local onde penetravam os vasos sanguíneos.

Hímen - do grego *Hymen*, membrana. Na mitologia grega, *Hymen* era o deus do casamento e seu culto era celebrado durante as núpcias do casal. *Hymeneu* era o nome do conjunto de hinos cantados durante a cerimônia. Na anatomia grega, a palavra não tinha significado especial, podendo nomear qualquer membrana, como o pericárdio, peritônio etc. Vesálio em 1550 parece ter sido um dos primeiros anatomistas a usar o termo especificamente para a membrana que se situa no vestíbulo da vagina.

Hióide – do grego *Hyo*, letra U e *Oides*, forma de. O osso foi descrito por Herófilo e, inicialmente chamou-se *Ipsiloides* (forma da letra Y). É um osso que se situa na parte anterior do pescoço humano. Não está articulado com mais nenhum osso. É apenas suportado pelos músculos do pescoço. Suporta, por sua vez, a base da língua.

Hiperocrômico - do grego *Hyper*, excesso e *Chroma*, cor.

Hiperemia - do grego *Hyper*, excesso; *Haima*, sangue e *la*, estado. Aumento de sangue em determinada parte do corpo.

Hiperplasia - do grego *Hyper*, excesso e *plasis*, formação. Crescimento devido à proliferação celular, ou seja, aumento no número de células.

Hipertrofia - do grego *Hyper*, excesso e *Trophe*, nutrição. Crescimento devido ao aumento do tamanho das células, e não do número.

Hipocampo – do grego *Hyppokampos*, cavalo marinho; *Hippos*, cavalo e *Kámpos*, monstro marinho. Na mitologia grega, *hyppokampos* era o nome dos animais marinhos atrelados ao carro-concha do deus dos mares Poseidon (Netuno, para os romanos). A parte anterior do corpo era em forma de cavalo e a parte posterior exibía uma longa cauda de peixe enrolada. Estes animais eram frequentemente esculpidos nas fontes romanas, sendo considerados de bom agouro. Giulio Cesare Arancio (1560) foi o primeiro a usar o termo para designar o hipocampo do cérebro, talvez pelas semelhança deste com a pata do animal mitológico. Plínio usou o mesmo termo para nomear peixes teleosteos (os cavalos marinhos). Uma pequena parte do hipocampo ficou conhecida como “corno de Ammon” e duas são as possíveis explicações para seu nome. Para uns, a secção transversal da parte posterior do hipocampo assemelha-se a um chifre de carneiro (Ammon era um deus Egípcio representado por uma cabeça de carneiro). Para outros, é epônimo derivado do nome do anatomista que descreveu esta formação em detalhes (Friedrich August Von Ammon – 1799-1861).

Hipocôndrio – do grego *Hypo*, abaixo, sob; *Chondros*, cartilagem

Hipocrômico - do grego *Hypo*, abaixo e *Chroma*, cor. De cor desbotada.

Hipoderme - do grego *Hypo*, abaixo e *Derma*, pele. Hipoderme ou tecido celular subcutâneo é uma camada de tecido conjuntivo frouxo, localizada abaixo da derme.

Hipófise - do grego *Hypo*, sob e *Physis*, crescimento. Assim denominada por “crescer sob o encéfalo”. A hipófise é uma pequena glândula em forma de ervilha que pende da base do encéfalo, imediatamente por baixo do hipotálamo, situada dentro de uma concavidade do osso esfenoide conhecida como sela turca.

Hipogástrico - do grego *Hypo*, baixo e *Gaster*, estômago.

Hipoglosso - do grego *Hypo*, sob e *Glossa*, língua. Foi Jacob Winslow quem deu o nome ao nervo.

Hiponíquio – do grego *Hypo*, abaixo, sob e *Onykon*, unha.

Hipotálamo - do grego *Hypo*, abaixo e *Thalamos*, câmara interna.

Hipotenar – do grego *Hypo*, abaixo, sob e *Thénar*, palma da mão. Literalmente *Thénar*, significa a parte da mão com que se agarra, do grego *Teino*, bater, espancar e daí o nome da palma da mão. Rufo de Éfeso usou o termo hipotenar para todas as pequenas eminências palmares nas bases de cada um dos quatro dedos da mão (do indicador ao mínimo). Posteriormente, o termo ficou restrito apenas à eminência do último dedo.

Hirco – do latim *Hircus*, bode. O termo refere-se aos pelos da axila por causa do odor que exalam, semelhante ao do pelo do bode.

Hirsutismo - do latim *Hirusutus*, cabeludo ou peludo e *Ismo*, estado.

Histamina - do grego *Histos*, tecido mais a palavra amina. Esta palavra foi criada para designar certos derivados da amônia. Esta amina é derivada da histidina, e tem ação vaso dilatadora, sendo liberada principalmente por células chamadas mastócitos.

Histiócito - do grego *Histion*, tecido e *Kytos*, célula. Este termo foi criado por Aschoff e Kiyono em 1913, para designar grandes células que realizam fagocitose no sistema retículo-endotelial.

Histogênese - do grego *Histos*, tecido e *Géne-sis*, gerar, formar. Como se formam ou diferenciam os tecidos.

Histologia - do grego *Histos*, tecido e *Logos*, estudo. A palavra **tecido** deriva do francês *Tissue*, que significa trama ou textura. A palavra tecido entrou em uso anatômico principalmente em virtude do trabalho e das obras de Bichat, um jovem e brilhante anatomista francês (1771-1802). Quando dissecava cadáveres ficou impressionado com o fato de que várias camadas e estruturas que descreveu ou dissecou eram de trama ou textura diferentes. Deve ser mencionado que a

primeira classificação dos tecidos foi feita por Bichat feita sem o auxílio do microscópio, pois se recusava a usar este instrumento. Atualmente Histologia é a Disciplina que estuda os tecidos e os órgãos exclusivamente ao microscópio, embora tenha começado com um anatomista que se recusava a usar este instrumento.

Histona - A palavra "*Histona*" é datada do fim, do século XIX e deriva da palavra alemã "*Histon*", de origem incerta: talvez do grego *Histanai* ou de *Histos*, tecido. Em biologia, as histonas são as principais proteínas que compõem a cromatina. Atuam como a matriz na qual o DNA se enrola. Têm um papel importante na regulação dos genes. São encontradas no núcleo das células eucariotas. As histonas das *Archaea* (procarióticas) são semelhantes às histonas precursoras nos eucariotas. As histonas foram descobertas em 1884 por Albrecht Kossel.

Histoquímica - do grego *Histos*, tecido e *Khymeí*, química, alquimia e *Ikē*, estudo, técnica. Parte da Histologia dedicada ao estudo dos tecidos do ponto de vista de sua composição química.

Holoblástico - do grego *Holos*, inteiro e *Blastos*, germe. É a clivagem na qual a célula-ovo inteira se divide.

Holócrino (a) - do grego *Holos*, todo e *Krynos*, secreção, *Krinein*, segregar, separar. Este termo foi criado por Ranvier em 1887 para designar glândulas cuja secreção resulta da lise das células secretoras, tais como as sebáceas, em que a célula secretora é eliminada juntamente com a secreção.

Homologia – Do grego *Homo(io)*, igual e *Log(o)*, relação, origem. Que tem a mesma origem filogenética, mas que podem ter funções diferentes.

Homozigoto - – Do grego *Homo(io)*, igual e *Zygōtus*, conjugado.

Horizontal – do grego *Horizontos*, linha que limita a região terrestre visível.

Hormônio - do grego *Horman*, excitar, estimular. Este termo foi criado por Starling e Vesey em 1905, a partir do participio da palavra Hormôn que significa impulsionar. Representa o produto da secreção de certos órgãos de corpo de animais ou de plantas, que, transportado pelo sangue ou pela seiva dos vegetais, excita, inibe ou regula a atividade de outros órgãos ou sistema de órgãos.

Humor - do latim *Humor*, líquido. As origens da palavra "*humor*" assentam-se na medicina humoral dos antigos Gregos, que é uma mistura de fluídos, ou humores, controlados pela saúde e emoção humanas. Existe ainda a forma do latim *Humore* é uma forma de entretenimento e de comunicação humana, para fazer com que as pessoas riem e se sintam felizes.

I

Íleo - do latim *Ileum*, que é provavelmente a latinização do grego *Eileós*, enrolado, revolidado ou do grego *Eilein*, enrolar. A introdução de **íleum**, em latim, como termo anatômico relativo ao intestino, data do século XVII. Até então não se dividia o intestino delgado em jejuno e íleo. O termo aparece pela primeira vez em um livro de autor anônimo, intitulado *Anonymi introductio anatomica*, publicado em 1618, em Leiden. Neste livro o autor se refere ao **íleum** como tracto inferior abaixo do jejuno. Os gregos não distinguiam partes do intestino delgado. O termo era utilizado por Galeno como "*enteron eileòn*" no sentido patológico, designando provavelmente um volvo, hérnia interna.

Íliaco - do latim *Ilium*, flanco, relativo à anca.

Ílio – do latim *ilium*, quadril, anca. Este termo surgiu na idade média, possivelmente por corrupção do latim *Ilia*, flanco, parte mole, ou do latim *ilis*, mole. Alguns etimologistas não vêem distinção na origem das palavras *ileum* e *ilium* e argumentam que o osso (*ilium*) teria este nome por estar relacionado a esta região de um animal de carga ou por sustentar o intestino (*ileum*). Inclusive, no grego arcaico, o termo *ília* dava nome ao intestino de animais (tripas).

Ima – do latim *Imus*, o mais abaixo, superlativo de *inferus* abaixo. O mesmo que ínfima. o sentido normalmente empregado em anatomia, a palavra tem valor de menor e não de impar ou profundo como pode parecer à primeira vista.

Impar – do latim, *impar*, desigual.

Imunologia – do latim *Immunis*, *Immunitas*, isento de carga e do grego *Logos*, estudo. Na época de Roma eram os indivíduos isentos de pagar impostos.

In loco – expressão latina que significa no local.

In vitro – do latim *In*, dentro e *Vitro*, vidro. No vidro. Harrison foi o primeiro pesquisador a descrever a possibilidade de se transferir células do organismo para soluções adequadas no interior de vidros, e estudar diretamente o seu crescimento ao microscópio. Embora se utilize este termo na atualidade a maioria dos meios de cultura está em recipientes plásticos.

In vivo – do latim *In*, dentro e *Vivo*, vida. No vivo.

Incisão - do latim *Incidere*, cortar dentro, derivado de *In*, dentro e *Caedere*, cortar.

Incisura – do latim incisura, incisão, corte.

Inclusão – do latim *Includere*, fechar em, inserir, rodear, derivado de *In*, dentro e *Claudere*, fechar.

Indicador – do latim *Índex*, apontador, sinalizador, L. *Indicare*, apontar, o mesmo que índice.

Inferior – do latim *Inferior*, mais abaixo, comparativo de L *inferus*, abaixo.

Ínfima – do latim *infimus*, o mais abaixo, superlativo de L *inferus* abaixo. O mesmo que ima.

Infraglótica – do latim *infra*, abaixo de, e do grego, *Glottikós*, relativo à glote.

Infundíbulo - do latim *Infundibulum*, funil, e L *infundere*, derramar, verter. Este termo foi usado por Rufo de Éfeso para qualquer passagem ou estrutura afunilada. Foi Vesálio quem deu este nome à conexão da hipófise ao cérebro, depois adotado por Raynmond Vieussens e Thomas Willis. Jean Cruveilhier chamou assim o prolongamento do ventrículo direito que forma o tronco pulmonar (*indundibulum pulmonis*), termo posteriormente modificado por Caspar Wolf para *conus arteriosus* (cone arterioso).

Íngua - do latim *Ingueus*, virilha.

Inguinal - A mesma origem acima.

Ínio – do grego *Inion*, nuca. Originalmente usado para dar nome à parte posterior da cabeça e pescoço, atualmente designa um ponto craniométrico (o ápice da protuberância occipital externa).

Inserção – do latim *insertio*, introdução, L *Inserere*, introduzir.

Inspiração - do latim *In*, dentro e *Spinare*, respirar.

Ínsula – do latim *Insula*, ilha. A insulina, hormônio pancreático, tem este nome porque é secretado por células das ilhotas pancreáticas (Langerhans).

Insular – do latim *Insularis*, relativo ou pertencente a uma ilha.

Insulina - do latim *Insula*, ilha, associada ao sufixo *Iná*, que corresponde a “natureza de”. Hormônio produzido pelas células beta das ilhotas pancreáticas (de Langerhans), no pâncreas, consistindo em uma pequena proteína de duas cadeias polipeptídicas (A e B) ligadas por duas pontes de sulfeto intermoleculares.

Intercalado – do latim *Inter*, entre e *Calatus*, nomeado, selecionado.

Intercelular – do latim *Inter*, entre e *Cellulae*, célula.

Interfase - do latim *Inter*, entre e *Phasis*, fase. Palavra criada por Lundegårdh (1912). É um período do ciclo celular compreendido entre duas mitoses, esta formada por três etapas: uma primeira de crescimento celular (G1), uma de síntese ou de replicação do DNA (S) e uma de crescimento celular (G2).

Interior – do latim *Interior*, mais interno, comparativo do latim *Inter* (intra) ou *internus*.

Interlobar - do latim *Inter*, entre e *Lobos*, lobo, saliência arredondada

Interlobular – do latim *Inter*, entre e *Lobulus*, diminutivo de *Lobus*, lobo

Intermédio – do latim *Inter*, entre e *Medium*, no meio central. Alguns etimologistas alegam que a palavra seria a contração da expressão “*Inter hos medius*”, isto é, o que ficou no meio.

Interno – do latim *Internus*, mais interno, comparativo de *Intus*, dentro.

Intersecção – do latim *Inter*, entre e *Sectio*, corte, separação.

Interstício (al) - do latim *Interstitium*, de *Inter*, entre e *Sistere*, estar.

Intestino - do latim *Intestinum*, interno, entranhas. A palavra *intestinus* (adentrado), originalmente significava qualquer objeto que estivesse no interior de outro (em português, algo semelhante a guardado) do latim *Intus*, dentro. Depois, em sentido figurado, passou a designar interno ou doméstico (em oposição a externo ou estrangeiro). Alguns alegam que o termo seria derivado da expressão “*quos intus est*”, literalmente, “o que está dentro”. O equivalente grego é *Énteron*.

Íntima – do latim *Intimus*, o mais profundo, superlativo de *internus*.

Intracelular - do latim *Intra*, dentro e *Cellula*, diminutivo de *Cella*, aposento.

Intralobular - do latim *Intra*, dentro, e *Lóbulo*.

Intrínseco - do latim *Intra*, dentro e *Secus*, do lado.

Intróito – do latim *Introitus*, entrada, *Intra*, para dentro e *Ire*, ir.

Íntron – do latim *Intra*, interior, e *Region*, região. Região do DNA que não codifica informação para a síntese proteica e que se elimina antes de passar a RNA mensageiro.

Intumescência - do latim *Tumescere*, começar e inchar, a aumentar de volume.

Invaginação – do latim *In*, dentro e *Vagina*, bainha. Representa uma reentrância ou dobra para dentro, como no pólo vegetativo de uma blástula para formar uma gástrula.

Inversão - do latim *Invertere*, inverter, voltar o lado de dentro para o de fora ou o de baixo para cima.

Involução - do latim *In*, dentro e *Volvere*, enrolar. A involução uterina é a diminuição do tamanho do útero após o parto, isto é, o útero como que se enrola para dentro, como pensavam os antigos.

Iodo - do grego *ioeides*, semelhante à violeta.

Iodopsina – do grego *Ío*, ferrugem, óxido de cobre, esverdeado; *Eid(és)*, que tem aspecto de, *Opsíā*, visão e *Ín(a)*, substância. Pigmento fotossensível oriundo da vitamina A, de cor violeta presente nos cones da retina que é importante para a visão diurna.

Írídica – do grego *Iridikós*, relativo ao arco íris.

Íris - do grego *Íris*, arco-íris ou qualquer círculo colorido brilhante. Na mitologia grega, Íris era a filha de Thaumas e de Electra, e uma das Oceânidas (segundo Hesíodo), a personificação do arco-íris e mensageira dos deuses. Como o arco-íris para unir a Terra e o céu, Íris é a mensageira dos deuses para os homens; neste contexto ela é freqüentemente mencionada na *Ilíada*, mas jamais na *Odisseia*, onde Hermes toma seu lugar. Íris é representada como uma virgem com asas de ouro, que se move com a leveza do vento de um lado para outro do mundo, nas profundezas dos oceanos e no mundo subterrâneo (Hades). Ela é especialmente a mensageira de Hera, e é associada com Hermes. Os gregos consideravam o arco-íris como um sinal vindo dos céus e o associaram à divindade. Em anatomia, o termo foi introduzido por Jacob Winslow, em 1721, para designar a membrana multicolorida ao redor da pupila.

Irradiar - do latim *In*, para dentro e *Radiare*, emitir raios.

Irregular – do latim *In*, prefixo de negação e *Regula*, régua, regra.

Iso - do grego *Isos*, igual.

Isogênico - do grego *Isos*, igual e *Genesis*, geração, origem. Grupos de células que tem a mesma origem.

Isotônico - do grego *Isos*, igual e *Tonos*, tensão.

Isótopo - do grego *Isos*, igual e *Topos*, lugar. Os corpos isótopos têm propriedades semelhantes, ocupam o mesmo lugar na classificação química, mas têm pesos atômicos diferentes.

Isquemia - do grego *Iskhein*, deter, suprimir; *Haima*, sangue mais o sufixo *ia*, propriedade de. Interrupção da irrigação (abastecimento de sangue) de uma área de determinado tecido ou órgão em virtude de vasoconstrição local, trombose ou mesmo do rompimento da artéria principal da região.

Isquiático – do grego *Skhiadikós*, das ancas, da pelve. *Iskhion*, anca, pelve.

Ísqiuo – do grego *Ischion*, anca, pelve. Hipócrates chamava *Ischias* às ciatalgias (ou isquiatalgia). Rufo de Éfeso usou o termo *Ischion* para designar o local onde a cabeça do fêmur gira e, no mesmo século, Galeno dividiu o osso do quadril nas três partes que hoje conhecemos e chamou de *Ischion* a parte mais inferior.

Isquiocavernoso – do grego *Ischion*, anca, pelve e *Cavernous*, relativo à caverna, gruta.

Istmo – do grego *Isthmós*, entrada ou passagem estreita.

J

Janela – Deriva do latim *Jan(u)ella* diminutivo de *Janua*, janela, postigo. *Janua* era o nome dado a qualquer abertura numa parede, mas na Nomina Anatómica temos o termo oriundo do latim *Fenestra*, fresta, janela. Em latim, esta palavra significa um conjunto de estreitas aberturas retangulares, em série, colocadas na parede externa das casas romanas (semelhantes às seteiras dos castelos medievais), destinadas à circulação do ar no recinto. Daí, a palavra homônima em italiano, destinada às folhas de madeira feitas com fendas entre traves, colocadas para fechar as aberturas nas paredes.

Jejuno - do latim *Jejunus*, vazio, assim chamado porque Galeno usava o termo *Nestis*, *Jujum*, abstinência, pois acreditava que esta parte do intestino era encontrada vazia após a morte. Por corrupção tivemos do latim *Jejunus* que já aparece nos textos de Celso. *Jejunum* era a primeira refeição entre os romanos antigos. Aristóteles e outros anatomistas gregos haviam notado que esta porção do intestino nos cadáveres parecia estar sempre vazia ou menos repleta que as outras, principalmente em relação ao intestino grosso.

Joelho – do latim *Genuculu*, diminutivo de *Genu*, Joelho. O equivalente grego é *Gonatos*.

Jugo – do latim *Jugum*, canga, coleira.

Jugular - do latim *Jugulum*, garganta, lugar onde o pescoço se liga aos ombros. O latim clássico possuía a palavra *Jugum*, canga e *Jugulum*, parte do pescoço onde a canga era levada. *Jugum* também designava qualquer objeto colocado transversalmente como a canga (exemplo: viga de porta, travessa, trilho etc). A palavra *Jugularis*, relativo ao *Jugulum* foi introduzida pelo monge beneditino Nicolaus Rubertus, primeiro tradutor latino das obras de Galeno, que inventou o termo como uma tradução livre de “*flebos sphagites*” veia do sacrifício, porque os gregos acreditavam que o sangue que jorrava do pescoço degolado do animal sacrificado provinha da veia e não da artéria. Vesálio chamava-a “*interna jugularis vena*”. A adoção e generalização do termo são frequentemente imputados a Sylvio. O verbo *jugulare* significa degolar e daí a invenção da palavra jugular.

K

Kilograma – do grego *Khilio*, mil e *Gram-ma*, marca da balança. Esta unidade foi documentada pela primeira vez em 1795. Representa a unidade métrica fundamental de massa (e peso) igual a massa ou peso de um cilindro de platina-irídio guardada na Oficina Internacional de Pesos e Medidas perto de Paris, sendo aproximadamente igual a massa (ou peso) de mil centímetros cúbicos de água a temperatura de sua densidade máxima (quatro graus centígrados).

L

Lábil - do latim *Labilis*, deslizante, instável.

Lábio – do latim *Labrum*, lábio, reborda. Nos banhos públicos romanos, o *Labrum* era um grande recipiente de água morna, com boca larga e beirada proeminente. A palavra é, quase sempre, grafada *Labium* e habitualmente usada no plural (*Labri* ou *Labì*). A forma arcaica de *Labrum* era *Lavabrum*, possivelmente do *Lavare*, lavar. É óbvia a associação da orla do vaso com o lábio humano. O equivalente grego é *Khéilos*.

Labirinto – do grego *Labyrinthos*, labirinto, confusão. Em termos genéricos, qualquer construção intrincada, com corredores e passagens em meandros. Na mitologia grega, era o nome do conjunto de muros traçado deliberadamente confuso, construído por Dédalos, em Creta, para aprisionar o Minotauro, um monstro metade homem, metade touro, filho do rei Minos. Confinado nestes corredores e sem poder achar a saída, o Minotauro era alimentado com carne humana. O herói Teseu, com ajuda da princesa Ariadne (que lhe deu um fio para guiá-lo), penetrou no labirinto, matou a fera e encontrou a saída. Empédocles e Agrigento, Galeno e Vesálio já conheciam a estrutura, mas foi Gabrielle Fallopio que usou a palavra pra nomear o aspecto intrincado, confuso das cavidades dos órgãos da audição e do equilíbrio. Somente em 1789, Antonio Scarpa descreveu, em detalhes, a orelha interna, na sua obra “*De auditu et olfactu*”.

Lacrima – do latim *Lacrima*, lágrima. Possivelmente a palavra latina derivou de um erro de grafia na transcrição da palavra grega *Dacrion*, lágrima, para *Lacrion* e daí *Lacrima*. Galeno, já conhecia a glândula lacrimal e seus ductos, mas somente em 1574, com *Carcanus di Milano* e, em 1662, com Niels Steno (Stensen), os detalhes do aparelho lacrimal foram revelados.

Lactação - do latim *Lactare*, amamentar.

Láctico - do latim *Lac*, leite.

Lactífero – do latim *Lacteus*, leitoso e *Ferus*, que transporta.

Lacuna - do latim *Lacuna*, piscina rasa, poça, diminutivo de *Lacus*, lago ou vazio.

Lago – do Latim, *Lacus*, lago, reservatório, bacia de rio.

Lágrima – do latim *Lacrima*, lágrima. Possivelmente a palavra latina derivou de um erro de grafia na transcrição da palavra grega *Dacrion*, lágrima, para *Lacrion* e daí *Lacrima*. Galeno, já conhecia a glândula lacrimal e seus ductos, mas somente em 1574, com *Carcanus di Milano* e, em 1662, com Niels Steno (Stensen), os detalhes do aparelho lacrimal foram revelados.

Lambda – do grego *Lambda*, a letra L. O ponto craniométrico que assinala o encontro das suturas sagital e lambóide tem a forma aproximada desta letra.

Lambdóide – do grego *Lambda*, a letra L e *Óides*, forma de.

Lamela - do latim *Lamell*, folha, lâmina, placa.

Lâmina – do latim *Lamina*, lâmina, folha, placa fina.

Lâmina basal - do latim *Lamina*, lâmina, folha, placa fina e do grego *Básis*, apoio, fundação. Em histologia o nome é dado a uma rede de macromoléculas, funcionalmente importante que delimita o tecido epitelial do tecido conjuntivo subjacente. Além disso, algumas células possuem membrana basal que as separa do resto, tais como as fibras musculares, células adiposas, células de Schwann, astrócitos, sinapses.

Lanugem – do latim *Lanugo*, penugem, buço e *Lana*, lã delgada. Significa pêlos delgados.

Largo – do latim *Largus*, amplo, abundante.

Laringe - do grego *Larynx*, gaita, parte alta da traquéia, *Larungein*, gritar. Entre os gregos, a palavra *Pharynx* era, usualmente, confundida e empregada no lugar de *Larynx*. O primeiro a descrever as cartilagens da laringe foi Galeno (*thyeoides*, *krikoides*, *arytainoides* e *epiglottida*). Vesálio, como costume na época, apenas as numerou na ordem acima: primeira, segunda, terceira e a “outra”.

Lata – do latim *Lattus*, largo extenso.

Latente - do latim *Latere*, estar escondido.

Lateral – do latim *Lateralis*, lateral. Do lado de.

Leiomiócito - do grego *Leios*, liso e *Kytos*, célula. São as células que formam o tecido músculo liso.

Lemnisco – do grego *Lemniskos*, fita ou faixa de lã. Celso usava o termo para designar um curativo feito de tiras de linho embebidas em vinagre. O termo latino equivale a *Taenia*.

Lente - do latim *Lens*, lentilha, devido à semelhança de forma entre as lentes de vidro e aquele grão vegetal. Em inglês a palavra *Lens* significa “cristalino”, pela mesma razão. A primeira descrição da lente do olho (anteriormente denominada de cristalino) encontra-se, no “*Peri oftalmon*” tratado escrito por Herófilo. Colombo e Fabricius foram os primeiros anatomistas a desenhar a lente no seu local correto (próximo à córnea) e Descartes descreveu a forma mutante da lente e sua função na focalização da imagem na retina.

Lentiforme – do latim *Lenticularis*, como uma pequena lentilha. O mesmo que lentiforme.

Leptina – do grego *Leptos*, magro.

Leptomeninge - do grego *Leptos*, delicado, pequeno; *Meninx*, membrana. Corresponde ao conjunto da pia-mater e aracnóide. Este termo apareceu em 1889 (meninges finas) em contraposição à palavra paquimeninge (membranas espessas).

Leptóteno – do grego *Lepto*, delgado e *Taini*, cinta, banda. Termo introduzido por von Winiwarter (1900). Fase da meiose onde aparecem no núcleo filamentos cromossômicos delgados em número diplóide.

Leucócito - do grego *Leukos*, branco e *Kytos*, vaso ou célula.

Levador – do latim *Levator*, elevador, e *Levare*, elevar, erguer, e *Actor*, agente.

Licor - do latim *Liquor*, líquido.

Lienal - do latim *Lien*, baço.

Ligamento – do latim *Ligamentum*, ligadura, atadura. *Ligamen*, fita, cordão, ou de *Ligare*, atar, unir.

Limbo - do latim *Limbus*, borda, orla ou margem. Na astrologia, limbus era uma das zonas do Zodíaco e na mitologia grega era a região imediatamente antes do inferno, onde ficavam as almas impedidas de atravessar o rio Aqueronte, levadas pelo barqueiro Caronte. Na religião católica, o termo foi introduzido por Pedro Lombardo para indicar o lugar onde estão aqueles que morreram sem batismo e sem pecado mortal (apenas com o pecado original).

Límen – do latim *Limen*, limiar, soleira da porta, batente. O mesmo que limiar.

Limiar – do latim *Liminaris*, limiar, soleira da porta, batente.

Limitante – do latim *Limitans*, que delimita, circunscreve, fronteiro.

Linfa - do latim *Lympha*, água. Aparentemente os vasos linfáticos eram conhecidos por Aristóteles, Herófilo e Erasistrato que os consideravam como veias. Galeno não os reconhecia. Vesálio, Gabrielle Fallopio e Bartolomeo Eustachio também os descreveram, mas não lhes atentaram com a real estrutura e função. Em 1622, Aselli descobriu os ductos lactíferos e os vasos quilíferos. A denominação “*vasa lymphatica*” é, provavelmente, devida à Bartholin. Os linfonodos foram descritos, em detalhes, por Marcello Malpighi, em 1659. É interessante notar que, em latim, a palavra *Lymphaticus*, fora do sentido poético, significava distraído, delirante, ou fora de si. Talvez a origem do termo esteja ligada à hidrofobia ou raiva (doença viral), porque em grego, *hydros* é água.

Linfático - do latim *Lympha*, água. Aparentemente os vasos linfáticos eram conhecidos por Aristóteles, Herófilo e Erasistrato, no entanto eles os consideravam como veias. Galeno não os reconhecia. Vesálio, Gabrielle Fallopio e Bartolomeo Eustachio também os descreveram, mas não lhes atentaram com a real estrutura e função. Em 1622, Aselli descobriu os ductos lactíferos e os vasos quilíferos. A denominação “*vasa lymphatica*” é, provavelmente, devida à Bartholin. Os linfonodos foram descritos, em detalhes, por Marcello Malpighi, em 1659. É interessante notar que, em latim, a palavra *Lymphaticus*, fora do sentido poético, significava distraído, delirante, ou fora de si.

Linfoblasto - do latim *Lympha*, água e do grego *Blastos*, germe, formador. Linfócito não-maduro, ou seja, o precursor do linfócito.

Linfócito – do latim *Lympha*, água e do grego *Kytos*, célula. Célula de origem linfóide, enquadrado entre os agranulócitos, com núcleo mais ou menos esférico e grande, ocupando boa parte da célula.

Linfocitose - do latim *Lympha*, água; do grego *Kytos*, vaso o célula e *Ose*, estado.

Linfóide - do latim *Lympha*, água e do grego, semelhante.

Linfonodo – do latim *Lympha*, água, e *Nodus*, nó, novelo. Os linfonodos são órgãos encapsulados constituídos por tecido linfóide, em geral, com o formato de rim interpostos na corrente linfática. Desempenham várias funções destacando-se a de filtrar a linfa e ser o local de proliferação de linfócitos.

Língua - do latim *Lingua*. A raiz grega *Glossa* deu também origem a numerosos termos médicos referentes à língua, tais como glossite (inflamação da língua).

Língula – do latim *Lingula*, diminutivo de *Lingua*.

Linha – do latim *Linea*, linha, fio, ou de *Linum* ou *Linen*, fio de linho.

Lipase - do grego *Lipos*, gordura, com o sufixo *Ase*, que lembra enzima.

Lipoblasto - do grego *Lipo*, gordura e *Blastos*, germe. É a célula precursora dos lipócito ou adipócitos, que acumulam gordura.

Lipodistrofia - do grego *Lipos*, gordura; *Dys*, defeituoso e *Trophe*, nutrição. É o deficiente metabolismo das gorduras com resultados patológicos.

Lisossoma – do grego *Lysos*, dissolução, quebra e *Soma*, corpo. Lisosomos ou lisosomas são organelas que têm como função a degradação de partículas advindas do meio extracelular, assim como a reciclagem de organelas e componentes celulares envelhecidos. Ao contrário da maioria das organelas citoplasmáticas, os lisossomas não foram descobertos pela observação, mas pela dedução. Nos anos 50, De Duve (Prêmio Nobel) estudava as hidrolases celulares e descobriu que todas elas, apresentavam um pH ótimo, ao redor de 5. De Duve e colaboradores concluíram que as hidrolases deveriam estar agrupadas numa organela desconhecida, limitada por uma membrana, a qual deveria romper-se para que as enzimas fossem ativas nas suspensões. Denominaram-na de lisossoma a essa organela hipotética. Mais tarde através da microscopia eletrônica de transmissão confirmaram a existência desta organela.

Livre – do latim *Liber*, livre, solto, vago.

Lobo – do grego *Lobos*, lobo, saliência arredondada.

Lóbulo - do latim *Lobulus*, diminutivo de *Lobus*, lobo.

Locus ceruleus – do latim *Locus*, lugar, local e *Ceruleus*, pardo de cêra.

Lombar – do latim *Lumbalis*, do lombo, e *Lumbus*, região dos rins, lombo.

Longitudinal – do latim *Longitudinis*, comprimento, extensão.

Longo – do latim *Longus*, comprido, longo, demorado.

Lumen – do latim *Lume* ou *Lumi*, claridade. O termo latino *lumen* é correntemente empregado na linguagem histológica. A tradução portuguesa deve ser luz e não lumen porque a idéia central é a de claridade, não a de fogo. Além disso, os termos que se encontram na literatura estrangeira (Frances, *lumiere*, inglês, *light*, alemão *lichtung*, espanhol, *luz*) correspondem diretamente à palavra portuguesa luz.

Lúnula – do latim *Lunula*, diminutivo de *Luna*, lua. Em Roma, as mulheres nobres, notadamente as casadas, costumavam usar adornos (pingentes, broches ou braceletes) em forma de meia lua ou crescente, em homenagem à deusa Selene. O adorno era tido como amuleto benfazejo para a feminilidade e maternidade.

Lúteo - do latim *Luteus*, *Luteum*, amarelo. Amarelo cor de fogo ou avermelhado.

M

Macro - do grego *Makros*, grande.

Macrófago - do grego *Makros*, grande e *Phago*, eu como. Tipo de célula do tecido conjuntivo, de volume grande, cuja função é fagocitar substâncias estranhas, células mortas e restos celulares.

Este termo foi introduzido por Metschnikoff antes de 1887. O termo foi criado em oposição aos micrófagos que eram os pequenos comedores, hoje denominados de neutrófilos.

Macroscópio – do grego *Makros*, grande e *Skop*, observar detalhadamente. Termo criado na Inglaterra em 1872, em contraposição ao termo microscópio. É o que se vê a vista simples, sem o auxílio do microscópio.

Mácula - do latim *Macula*, mancha. Este termo foi introduzido pela primeira vez por Von Sömmering em 1848, e reintroduzido por Zimmermann em 1929. Mácula lútea: Mancha amarela na retina, que inclui a fóvea que contém grande quantidade de cones para a percepção das cores. Mácula densa: região de túbulo distal do néfron que entra em contato com a arteriola eferente que funciona como receptor sensível a quantidade de sódio excretada pela urina e atua inibindo a secreção de renina no aparelho justaglomerular.

Magno – do latim *Magnum*, grande, elevado, abundante. Geralmente a constituição de um país é chamada “Magna Carta”, em alusão ao documento inglês de 1215, outorgado pelo rei John aos barões ingleses, que a ele assim se referiram.

Maior – do latim *Major*, maior. Comparativo de *Magnus*, grande, elevado, abundante.

Malar – do latim *Malaris*, relativo às bochechas e *Mala*, maxila superior, parte superior da face. Os gregos, metaforicamente, chamavam *Malon* (maça, pomo) à eminência facial abaixo dos olhos, por causa do rubor e da forma arredondada desta região e o plural *Mala* designava as bochechas. Maça em latim é *Malum*.

Malear – do latim *Mallearis*, relativo ao martelo, *Malleus*, martelo, malho.

Maléolo - do latim *Malleolus*, diminutivo de *Malleus*, martelo, malho. Vesálio foi o primeiro anatomista a usar este termo para nomear eminências ósseas.

Mama - do latim *Mamma*, do grego *Mastos*, mama. Deve ser lembrado que seio representa o espaço entre as mamas.

Mamilo - Diminutivo do latim *Mamma*, seio.

Mandíbula - do latim *Mandibula*, maxila inferior, queixo e *Mandere*, mastigar. Em latim, a palavra *Maxilla* era usada, indiscriminadamente, para ambos os arcos dentais, isto é, o superior e o inferior. Daí antigamente serem comuns os termos “maxila superior e maxila inferior”. Somente no final do século XIX, maxila inferior foi substituída por mandíbula, termo que apareceu no latim apenas na idade média, provavelmente, formado do participio passado *Mandi*, mastigado.

Manúbrio – do latim *Manubrium*, empunhadura, cabo de espada. A palavra é composta de *Manus*, mão e *Habere*, manter, ter. Vesálio notou que o esterno (para ele, os *Pectoris*) era formado por três partes, a superior em forma de punho de gládio (*manubrii gladi*), uma antiga espada curta grega, adotada pelos romanos. Nas arenas e circos romanos, os combatentes (geralmente prisioneiros de guerra ou condenados) que usavam esta espada eram chamados de gladiadores.

Mão – do latim *Manus*, mão. Existe um provérbio latino que diz o seguinte: “Manus manum lavat”, que significa “uma mão lava a outra”. O equivalente grego é *Kheir*, *Kheirós*.

Margem- do latim *Margo*, margem, beira.

Martelo – do latim *Malleus*, martelo. O martelo, na idade média, tinha forma semelhante ao utilizado na antiga Roma pelos açougueiros ou sacerdotes para atordoar os animais antes da matança ou sacrifício. Este instrumento era construído de madeira pesada e possuía forma geral arredondada. O martelo moderno, com cabeça e orelhas é invenção inglesa do século XVIII. Quem primeiro parece haver descrito a bigorna e o martelo (óssículos da audição) foi Vesálio (1550), que notou semelhança de forma com os instrumentos do ferreiro e assim os denominou.

Massa – do latim *Massa*, massa, pasta.

Masseter – do grego *Maseter*, mastigador, *Masaomai*, eu mastigo. A palavra em latim deveria ser escrita com apenas um s, dada sua origem grega, e ter pronúncia oxítona. Provavelmente houve confusão com o grego *Massein*, amassar, triturar.

Mastigação – do latim *Mastigatio*, mastigação e *Masticare*, mastigar, mascar.

Mastite - do grego *Mastos*, seio e *Ite*, inflamação.

Mastócito – do alemão *Mast*, comida e *Zellen*, relativo a, e do grego *Kytos*, célula. Esta palavra é oriunda do alemão *Mastzelle* com o sentido de 'célula com comida', denominada antes de 1898, por causa do seu tamanho. Em português era utilizado o termo *labrócito* que foi abandonado. Os mastócitos foram descritos pela primeira vez em 1878, por um estudante de medicina chamado Paul Ehrlich que identificou células no tecido conjuntivo que se coravam metacromaticamente. Célula volumosa com citoplasma granuloso, encontrada no tecido conjuntivo, que produz e secreta várias substâncias vasoativas tais como histamina e heparina.

Mastóideo - do grego *Mastos*, mama e *Eidos*, semelhante. Daí o nome Amazonas para a tribo mitológica de mulheres guerreiras da Cítia. A palavra deriva do grego *A*, sem e *Mastos*, mama, porque na adolescência tinham sua mama direita atrofiada ou amputada a fim de facilitar o manejo do arco e o carregamento do carcás (cuja tira atravessava o peito).

Mastologia – do grego *Mast(o)*, mama e *Logos*, estudo.

Masturbação - Talvez do latim *Manustuprationem*, de *Manus*, mão e *Stuprare*, violentar. Violentar à mão.

Matriz – do latim *Matrix*, forma, modelo, mãe, nutriz. Alguns autores latinos utilizaram, metaforicamente, a palavra para designar um molde, base ou massa na qual alguma coisa pudesse ser formada. Vem daí o termo matriz, para significar o molde que envolve as células nos tecidos. Em histologia significa o molde que envolve as células nos tecidos.

Maturação - do latim *Matutare*, amadurecer, mais o sufixo *Ação*, ato de. Etapa em que o desenvolvimento de um órgão ou de uma estrutura atinge a idade adulta e passa a exercer suas funções.

Maxila – do latim *Maxilla*, parte superior da face, bochechas.

Máximo – do latim *Maximus*, superlativo de *Magnus*, grande, elevado, abundante.

Meato - do latim *Meatus*, canal ou via.

Medial – do latim *Medialis*, que está no meio e *Medius*, no meio central.

Mediano – do latim *Medianus*, que está no meio, central.

Mediastino – do latim medieval *Mediastinum*, colocado no meio. No passado o termo era utilizado em anatomia para nomear divisões ou septos. Realdo Colombo, filósofo e anatomista italiano (1516-1559) descreveu o mediastino, as pleuras e a circulação pulmonar e suas observações sobre o coração e o fluxo de sangue serviram de base para os experimentos de William Harvey.

Médio – do latim *Medium*, meio centro. Em sentido geral, o mesmo que mediano.

Medula - do latim *Medulla*, miolo, medula, âmago. A palavra provavelmente deriva de *Medius* e daí “*in médium ossis*” para medula óssea. Em sentido familiar, a palavra nomeava órgãos internos indiscriminadamente (como miúdos em português). Em relação à medula espinal, o termo é a tradução do grego “*Mielos raquites*”, isto é “âmago ou miolo da espinha”.

Megacariócito - do grego *Megas*, grande; *Karyon*, semente ou núcleo e *Kytos*, célula. Célula grande da medula óssea responsável pela formação das plaquetas.

Megacólon - do grego *Megas*, grande e *Kolon*, intestino grosso.

Megaloblasto - do grego *Megas*, grande e *Blastos*, germe.

Meiose – do grego *Meiōsis*, diminuição. É o nome dado ao processo de divisão celular através do qual uma célula tem o seu número de cromossomos reduzido à metade. Por este processo são formados os gametas e esporos.

Melanina - do grego *Melas*, negro, preto e o sufixo *Ina*, Este termo foi introduzido por Vizio em 1843 para designar um pigmento preto que existe na forma de grânulos no citoplasma das células dos vertebrados que dão cor a pele, pelos etc.

Melanócito - do grego *Melas*, negro e *Kytos*, célula. O melanócito é uma célula neuro-cutânea que surge a partir da crista neural no período embrionário. Produz melanina, substância pigmentar que envolve a célula protegendo seu núcleo dos raios solares.

Melanosoma - do grego *Melas*, negro e *Soma*, corpo, corpúsculo. Grânulo presente no citoplasma dos melanócitos no interior do qual se forma a melanina.

Melatonina - do grego *Melas*, negro, preto e *Tono*, tensão e *In*, substância química. Este termo foi introduzido por Lerner em 1958 significando uma substância química que estimulava a serotonina produzida pela substância negra do encéfalo. A melatonina (N-acetil-5-metoxitriptamina) é um hormônio produzido em várias partes do corpo humano, tais como retina e pineal. A glândula pineal participa na organização temporal dos ritmos biológicos, atuando como mediadora entre o ciclo claro/escuro ambiental e os processos regulatórios fisiológicos, incluindo a regulação endócrina da reprodução, a regulação dos ciclos de atividade-reposo e sono/vigília assim como a regulação do sistema imunológico.

Membrana – do latim *Membrana*, membrana, película, lâmina. A palavra parece derivar diretamente do latim *Membrum*, membro do corpo, porque inicialmente, o termo designava apenas a pele que os revestia. Também pode ser uma forma corrupta vulgar do grego *Hymen*, membrana.

Membrana basal - do latim *Membrana*, membrana, película, lâmina. e do grego *Básis*, apoio, fundação. Em histologia o nome é dado a uma fina camada de matriz extracelular especializada, sintetizada em conjunto pelas células epiteliais e os fibroblastos presentes na lâmina própria. Esta constituída pela lâmina basal (lâminas lúcida e densa) e outra lâmina denominada de reticular que contem várias moléculas em especial colágenas tipo III, IV e VII. É considerada como que fazendo parte do epitélio, tendo a função de unir esta estrutura ao tecido conjuntivo.

Membranácea – do latim *Membranaceus*, relativo à membrana.

Membro – do latim *Membrum*, membro do corpo.

Meninge - do grego *Meninx*, membrana. O termo *Meninx* era usado pelos gregos para designar vários tipos de membranas ou peles. Erasítrato foi o primeiro a descrever as membranas do encéfalo e medula espinal e Aristóteles divulgou o nome destas lâminas. A palavra grega *Myrinx*, parece ser uma corrupção de *Mininx* e foi utilizada, desde aquela época, para a membrana do tímpano (orelha média). A inflamação da membrana do tímpano é conhecida como miringite.

Menisco - do grego *Meniskos*, crescente, derivado de *Men*, lua. Na Grécia, o nome era usado para adornos e/ou formações militares em forma de meia lua ou lua crescente.

Menopausa – do latim *Men*, mês, e *Pausis*, cessação. Assinala o fim reprodutivo da mulher.

Menor – do latim *Minor*, menor.

Menstruação - do latim *Menstruum*, solvente. Acreditavam os antigos que o sangue menstrual era um poderoso solvente.

Menstrual – do latim *Mensis*, mensal.

Mental – do latim *Mentalis*, relativo ao queixo e *Mentum*, queixo.

Mento – do latim *Mentum*, queixo.

Meridiano – do latim *Meridianus*, do meio dia.

Merócrino (*a*) – do grego *Meros*, parte e *Krynos*, secreção, *Krinein*, separar. Aplica-se às células em que não há perda de citoplasma por ocasião da secreção, ou seja, só é eliminada a secreção. A maioria das glândulas do nosso corpo são merócrinas, tais como a tireóide, sudoríparas, supra-renais etc.

Mesencéfalo – do grego *Mesos*, meio e *Enkephalos*, encéfalo, cérebro. Termo sugerido por François Chaussier e adotado por Richard Owen e Thomas Huxley.

Mesênquima - do grego *Mesos*, meio e *Enchyma*, suco. É um tecido embrionário, encontrado nas primeiras fases do desenvolvimento embrionário, e que, aos poucos, por processos específicos de diferenciação celular, vai dando origem aos diferentes tipos de tecidos. Surge a partir do mesoderma (folheto embrionário intermediário).

Mesentério - do grego *Mesos*, meio e *Enteron*, intestino. É uma lâmina de tecido que prende ou suspende os órgãos na cavidade do corpo e é contínua com o peritônio que forra esta cavidade.

Mesial – do latim *Mesialis* e *Mesion*, relativo ao meio.

Meso - do grego *Mesos*, meio.

Mesoapêndice – do grego *Mesos*, meio e *Appendix*, pendurado.

Mesocolo – do grego *Mesos*, meio e *Kolon*, intestino grosso.

Mesoderma - do grego *Mesos*, meio e *Derma*, pele. Na embriologia representa as células ou camadas de células embrionárias que se desenvolvem entre o ectoderma e o endoderma.

Mesométrio – do latim *Mesos* e *Metra*, útero.

Mesonefro - do grego *Mesos*, meio, intermediário e *Nephron*, rim. Rim segmentado, de localização mediana no corpo, existente em peixes e anfíbios na idade adulta. No homem corresponde a um rim embrionário que é substituído pelos metanefron, ou rim adulto.

Mesosalpinge – do grego *Mesos*, meio e *Salpinx*, tuba, trompa.

Mesotélio - do grego *Mesos*, meio; *Telio*, vaso, canal. Camada existente nos vasos sanguíneos.

Mesotendão – do grego *Mesos*, meio e do latim *Tendon*, tendão, cordão esticado.

Mesovário – do grego *Mesos*, meio e do latim *Ovum*, ovo.

Metabolismo - do grego *Metabole*, mudar e *Ismo*, conjunto. Conjunto de transformações que as substâncias químicas sofrem no interior dos organismos vivos.

Metacarpo – do grego *Meta*, depois de, entre, após e *Karpus*, punho. Aristóteles afirmava que o metacarpo possuía cinco ossos. Galeno sustentava que havia apenas quatro ossos nesta região, considerando o osso metacarpiano do polegar apenas uma falange.

Metacêntrico - do grego *Meta*, depois de, entre. Designa cromossomos cujos centrômeros estão localizados na sua porção média.

Metacromasia - do grego *Met*, depois de, além de e *Cromos*, Côr. Utiliza-se essa palavra em histologia para designar substâncias presentes nos tecidos que mudam a cor original dos corantes utilizados. Um exemplo disso é quando se utiliza o azul de metileno (corante azul) que cora em vermelho substâncias ácidas presentes nos tecidos.

Metafase - do grego *Meta*, em meio de e *Phás(is)*, fase. Segunda fase da mitose e/ou da meiose, caracterizada pela organização do fuso mitótico e a disposição dos cromosomas na placa equatorial.

Metáfise – do grego *Meta*, depois, entre e *Physis*, crescimento, sulco. Metáfise é uma região do osso compreendida entre a epífise e a diáfise responsável pelo crescimento em comprimento, ou altura de um indivíduo.

Metâmero - do grego *Meta*, depois e *Mero*, parte. Em sentido estrito, um metâmero é uma porção do corpo que contém todas as partes orgânicas essenciais. Em sentido lato é cada um dos segmentos semelhantes em que se divide o corpo de um animal. No homem aparecem alguns indícios de metamerização residual nas estruturas associadas à coluna vertebral.

Metamorfose - do grego *Meta*, depois de e *Morph*, forma, *Osis*, Processo. Depois do nascimento, os animais podem sofrer dois tipos de desenvolvimento: direto ou indireto. No desenvolvimento indireto os animais que nascem diferem significativamente dos da forma adulta, assim os indivíduos passam pela metamorfose. Já no desenvolvimento direto, os animais já nascem com a forma definitiva, pois são muito semelhantes aos adultos, como por exemplo, o ser humano.

Metanéfron - do grego *Meta*, depois de e *Nephron*, rim. No homem corresponde ao rim definitivo, ou rim adulto.

Metanéfron - do grego *Meta*, depois de e *Nephro*, rim. No desenvolvimento humano aparecem vários tipos de rins, sendo que o rim definitivo é do tipo metanéfron.

Metaplasia - do grego *Metaplasia*, transformação, que deriva de *Meta*, sair de e *Plasis*, formação: formação diferente da original.

Metarteríola - do grego *Meta*, depois de, além de e *Arteri*, tubo, e do latim *Ola*, pequeno. As metarteríolas são vasos sanguíneos de dimensão pequena que resultam de ramificações das arteríolas e se continuam com os capilares. Não apresentam uma camada muscular contínua apresentando fibras musculares lisas rodeando o vaso em locais intermitentes. Esta região forma um esfíncter que se denomina de esfíncter precapilar que está encarregado de abrir ou fechar o capilar no momento em que passa o sangue.

Metástase - do grego *Meta*, depois de e *Stasis*, permanecer. É a formação de uma nova lesão tumoral a partir da primeira, mas sem continuidade entre as duas. Isso implica que as células neoplásicas se desprendem do tumor primário caminham através do interstício, ganham uma via de disseminação, são levadas para um local distante e lá formam uma nova colônia neoplásica.

Metatálamo – do grego *Meta*, depois de, e *Thalamos*, quarto de dormir, leito nupcial.

Metatarso - do grego *Meta*, depois, entre e *Tarsos*, tornozelo. A palavra foi cunhada por analogia a metacarpo. Este termo foi introduzido por André Laurentius em 1589 na sua obra “*Historia anatómica humani corporis*”

Metazoário - do grego *Meta*, depois e *Zoon*, animal. Esta denominação aplica-se a todos os membros do reino animal depois dos protozoários.

Metencéfalo – do grego *Meta*, depois, entre e *Enkephalos*, encéfalo, cérebro. Thomas Huxley, em 1871, dividiu a parte posterior do encéfalo (chamado rombencéfalo por Wilhelm His) em metencéfalo e mielencéfalo. O metencéfalo dá origem à ponte e ao cerebelo.

Método – do grego *Met-hodos* que significa, literalmente, "caminho para chegar a um fim". Em filosofia, ou até na esfera científica (teórica - Filosofia da Ciência), temos o método que delimita o *modus* da obtenção do conhecimento: a epistemologia. O Discurso sobre o método de Descartes, obra seminal de 1619, e um dos momentos do Iluminismo, abriu o caminho para a ciência moderna e para o método científico em geral. Em ciência, o método científico é constituído por uma série de passos codificados que se têm de tomar, de forma mais ou menos esquemática para atingir um determinado objetivo científico.

Metópica – do grego *Metópio*, espaço entre os olhos ou sombrancelhas. O termo é composto do grego *Meta*, depois, entre e *Ops*, olho. *Metopion* também era o antigo nome do osso frontal e daí derivou a denominação desta sutura.

Micção - do latim *Micturire*, urinar.

Micro - do grego *Mikros*, pequeno.

Micróbio - do grego *Mikros*, pequeno e *Bios*, vida. Organismo microscópico, animal ou vegetal, que, no estado de germe ou adulto, produz no homem ou nos outros animais moléstias infecciosas e virulentas.

Micrófago – do grego *Mikr(o)*, pequeno e *Phag(o)*, comer. Aparece na literatura pela primeira vez em 1890 por oposição a palavra macrófago. Foi dado este nome aos polimorfonucleares, em especial os neutrófilos, em oposição aos macrófagos que eram os grandes comedores.

Microfibrila – do grego *Mikros*, pequeno e do latim *Fibr*, fibra.

Microglia - do grego *Mikros*, pequeno e *Glia*, cola. A micróglia é a menor célula da neurógliia, na realidade são macrófagos que migram para o sistema nervoso e adquirem uma forma especial nessa região.

Microscópio - do grego *Mikros*, pequeno e *Skopein*, examinar. O termo foi criado para designar um instrumento que permite observar pequenos objetos. Galileu descobriu que se dispusessem duas lentes num tubo obteria um aparelho que, olhando de uma das extremidades, permitia a visualização pormenorizada de objetos distantes – o telescópio. O mesmo aparelho, quando olhado pelo extremo oposto, permitia visibilizar objetos pequenos, invisíveis a olho nu – o microscópio. É neste ponto que se estabelece uma transição do imensamente grande, para o infinitamente pequeno. Em 1590, os irmãos holandeses Francis e Zacharias Janssens, construíram o primeiro microscópio óptico composto. Em 1665, o inglês Robert Hooke, publicou os resultados das suas investigações, realizadas para a Royal Society de Londres, no livro “*Micrographia*”. Hooke fabricou um microscópio óptico composto bastante mais aperfeiçoado relativamente ao de Jansen e examinou um pedaço de cortiça. Nela observou numerosas cavidades microscópicas, às quais chamou “poros” ou “células” e que lembram a disposição de um favo de mel. Antony van Leeuwenhoek (1632-1723) fez algumas das mais importantes descobertas na história da biologia. Em 1668 aprendeu a polir lentes, uma vez que costumava usar uma lupa para avaliar a qualidade dos tecidos que vendia em sua loja, e fez assim o seu primeiro microscópio. Há quem diga que teria sido inspirado pelo trabalho de Robert Hooke, após ter visto a capa de uma cópia do *Micrographia* numa livraria. Após algumas experiências com microscópios compostos, abandonou o seu uso uma vez que não era exequível uma ampliação superior a 20 ou 30 vezes. A sua perícia no polimento de lentes permitiu-lhe construir um

microscópio óptico simples (apenas com uma lente de boa qualidade) que ampliava mais de 200 vezes. Foi assim que se tornou um pioneiro na observação de diferentes espécies microscópicas: protistas, algas e bactérias, que desenhou e enviou a Royal Society de Londres. Os seus microscópios eram individualmente feitos para cada amostra e alguns dos seus “infinitamente pequenos” eram observados com uma ampliação de cerca de 300 vezes, uma façanha considerável, mesmo em comparação com alguns instrumentos modernos. O microscópio de Hooke, apesar de composto (com uma lente ocular e uma objetiva) apenas tinha um poder ampliador de 30 vezes. Com a ajuda de um microscópio simples, Leeuwenhoek observou e desenhou os “infinitamente pequenos”.

Micrótomo - do grego *Mikros*, pequeno e *Tomos*, cortar. O micrótomo é o aparelho que faz cortes muito finos, variando geralmente de 1 à 10 µm (micrómetros) de espessura, em pequenas amostras de material biológico (geralmente tecidos) embocadas em resinas específicas (parafina etc) para análise em microscópio de luz.

Microtúbulo – do grego *Mikros*, pequeno e do latim *Tubules*, diminutivo de *Tubus*, tubo. Microtúbulos são estruturas tubulares que formam os componentes básicos dos centríolos, corpos basais, cílios e flagelos.

Microvilosidade - do grego *Mikros*, pequeno; mais elemento composto vilosidade. Região da membrana plasmática com grande número de expansões digitiformes relacionada com a absorção de substâncias.

Mielencéfalo – do grego *Myelos*, medula e *Enkephalos*, encéfalo, cérebro. Thomas Huxley, em 1871, dividiu a parte posterior do encéfalo (chamado rombencéfalo por Wilhelm His) em metencéfalo e mielencéfalo. O mielencéfalo dá origem ao bulbo.

Mielina - do grego *Myelos*, miolo, medula. A mielina foi descrita pela primeira vez em 1854 por Rudolf Virchow. A mielina é uma substância lipídica, de cor verde reluzente e de caráter birrefringente, que faz parte da membrana celular. A mielina está presente na chamada bainha de mielina (formada pelos oligodendrócitos ou células de Schwann), que envolvem os axônios, como se fosse um rocambole, em algumas fibras nervosas. Esta substância faz com que essas fibras tenham uma condução de impulsos nervosos mais rápidos (condução saltatória). As fibras envoltas por mielina são chamadas precisamente mielínicas. As fibras que não possuem um revestimento de mielina chamam-se fibras amielínicas e possuem uma condução de impulso mais lenta.

Mieloblasto - do grego *Myelos*, medula e *Blastos*, germe. É o mielócito imaturo.

Mielóclito - do grego *Myelos*, medula e *Kytos*, célula.

Mientérico – do grego *Mys*, músculo e *Enteron*, intestinos.

Milo-hióideo – do grego *Myle*, mó, mola e *Hyo*, a letra U e *Oidés*, forma de. O músculo tem este nome porque os antigos acreditavam que sua ação, movendo a mandíbula, fazia-se, preferencialmente, sobre os dentes molares. Por formarem a maior parte do soalho da boca, foram anteriormente chamados “*Musculi diaphragma oris*”.

Mineralocorticóide – do latim *Miner*, mineral e do grego *Cortic*, córtex e *Óide*, aspecto. Mineralocorticóides é uma classe de hormônios esteróides, caracterizados pela sua semelhança com a aldosterona e a sua influência no equilíbrio eletrolítico (balanço de íons “sódio e potássio” e água) do corpo.

Mínimo – do latim *Minimus*, superlativo de *Parvus*, pequeno, pouco.

Miocárdio - do grego *Myo*, músculo e *Kardia*, coração.

Miócito - do grego *Myo*, músculo e *Kytos*, célula.

Mioepitelial - do grego *Myo*, músculo e *Epi*, sobre e *Thel*, revestimento. São células estritamente epiteliais, pela sua origem, que possuem a particularidade de que são capazes de se contrair como as fibras musculares.

Miofibrila - do grego *Myo*, músculo e do latim *Fibr*, fibra e *Ila*, pequeno. Fibrila contrátil constitutiva da fibra muscular.

Miofibroblasto - do grego *Myo*, “camundongo”, músculo; e do latim, *Fibros*, fibras e *Blastos*, germe, formador. Os miofibroblastos participam na síntese da matriz extracelular e na produção de forças

mecânicas que promovem a contração da ferida, atuando na reorganização da matriz.. Sua atividade contrátil é responsável pelo fechamento de feridas após a lesão, processo conhecido como contração da ferida.

Mioglobina - do grego *Myo*, “camundongo”, músculo e do Latim *Glob*, globo e *In(a)*, substância química. Pigmento proteico de cor vermelha que contém ferro presente nos músculos, similar a hemoglobina.

Miologia - do grego *Myo*, “camundongo”, músculo e *Logos*, estudo. Parte da anatomia descritiva que estuda os músculos.

Miométrio - do grego *Myo*, “camundongo”, músculo e *Metra*, útero, matriz.

Miosina – do grego *Myo*, “camundongo”, músculo *Īn(a)*, substância química. Proteína que forma os filamentos grossos contráteis do músculo.

Misto – do latim *Mixtus*, misturado e *Miscere*, misturar.

Mitocôndria – do grego *Mitos*, fio e *Chondrion*, grânulos. Estas organelas foram visibilizadas ao microscópio de luz como sendo delicados bastões, filamentos ou grânulosque estão presentes no interior de todas as células, com exceção das hemácias de mamíferos.

Mitose - do grego *Mitos*, fio. Processo de divisão das células (cromossomos).

Mitral - do latim *Mitra*. A válvula mitral recebeu esse por assemelhar-se (embora um tanto vagamente) a uma mitra, ou seja, o chapéu com pontas de um bispo.

Modiolo – do latim *Modiolus*, diminutivo de *Modius*, cântaro, trépano. Em Roma, o *Modius* (ou *Modium*) era uma medida de capacidade para sólidos (alqueire), especialmente cereais, e dava nome às vasilhas ou a um cântaro usado (s) em poços ou cisternas. Mas a palavra designava ainda um instrumento cirúrgico (um trépano) e também a parte central de uma roda, onde se fixam o eixo e os raios. Ambos os objetos possuem semelhança de forma com o órgão da orelha interna, descrito por Bartolommeo Eustachio, em 1563.

Molar – do latim *Molaris*, relativo à mó, Mola, mó, pedra de moinho. Porque à semelhança da mó, estes dentes trituram grãos colocados entre eles.

Molécula - do latim *Moles*, massa, com o sufixo diminutivo *Cula*.

Monócito - do grego *Monos*, único e *Kytos*, *célula*. Monócito é o leucócito com núcleo único, grande, arredondado ou ovalado.

Mononuclear - do grego *Monos*, único e do latim *Nucleos*, pequena semente.

Monte – do latim *Mons*, monte, montanha. Para as mulheres, o nome era “*mons venerii*” (monte de Vênus) e, para os homens, “*mons jovis*” (monte de Jupiter). Atualmente, para ambos temos “*mons púbis*” (monte do adolescente).

Morfogênese – do grego *Morph*, forma e *Géne-sis*, gerar, formar. Aplica-se este termo à formação e diferenciação dos tecidos.

Morfologia – do grego *Morph*, forma e *Log*, estudo. Parte da biologia que estuda a forma dos seres orgânicos e as modificações e as transformações que nele ocorrem.

Mórula - Diminutivo do latim *Morus*, amora.

Motor – do latim *Motus*, movimento, e *Actor*, agente.

Móvel – do latim *Mobilis*, móvel, ágil.

Mucina - do latim *Mucus*, secreção viscosa.

Muco - do latim *Mucus*, secreção viscosa.

Mucosa – do latim *Mucus*, catarrro e do grego *Mucha*, catarro.

Multiforme – do latim *Multus*, muitos e *Formis*, em forma de,

Multipenado – do latim *Multus*, muitos e *Pennatus*, penado.

Músculo - do latim *Musculus*, diminutivo de *Mus*, camundongo. Devido à contração muscular os antigos viram certa semelhança entre o músculo isolado e um camundongo. Alguns anatomistas

acreditam que esta palavra tenha derivado do latim *Musculus*, significando especificamente os músculos do corpo, deve ter sido formada como um diminutivo corrupto do grego *Mys*, músculo. Mas alguns etimologistas alegam que a vogal grega “i” dificilmente daria “u” em latim, por causa da eufonia. Então, sendo o diminutivo do latim *Mus*, camundongo, a comparação entre camundongos e músculos pode ter sido sugerida pela maneira sutil como os últimos deslizam sob a pele ou pela semelhança de forma (o ventre pareceria o corpo e o tendão a cauda do animal). Platão e Aristóteles achavam que os músculos seriam apenas revestimentos para o corpo. Galeno (século II) foi o primeiro a estudá-los sistematicamente e descreveu mais de 300 músculos no seu livro “*Peri myon anatomes*”, mas considerava-os em conjunto e numerava-os dentro do grupo, poucos sendo os que tinham nome próprio. Vesálio em 1553, no seu famoso livro “*De Humani Corporis Fabrica*”, também utilizou a nomenclatura numérica, muito confusa. No século XVII, Sylvio e depois Jean Riolan fizeram as primeiras tentativas para uma nomenclatura própria para os músculos. Esta somente foi alcançada no século XVIII, por iniciativa de anatomistas como James Douglas, Jacob Winslow e Albinus.

Mutação - do latim *Mutare*, mudar.

N

Nádega – do latim *Nates*, nádegas. O nome “*nates*”, sempre no plural foi antigamente, dado aos colículos superiores do mesencéfalo. A palavra *nates*, no latim medieval, sofreu transformação para *natica* (geralmente usada no plural, *naticae*), de onde se originou, diretamente, no português a palavra nádegas.

Narinas - do latim *Naris*, narinas, ventas. A etimologia da palavra naris é incerta. Pode ter uma origem comum com *Nasus*, nariz, ou derivar de *Nare*, flutuar, nadar, por causa de sua secreção, ou ainda ser uma corrupção de *Gnarus*, conhecido, porque era através das narinas que se identificavam os odores.

Nariz - do latim *Nasus*, *Naricae*, *ventas*, *singular*, *Narice*. O equivalente grego é *Rhis*, *Rhinós*.

Nasal – do latim *Nasalis*, relativo ao nariz, *Nasus*, nariz.

Naso - Prefixo utilizado em muitas palavras médicas e que vem do latim *Nasus*, nariz.

Navicular – do latim *Navicula*, diminutivo de *Navis*, navio, escuna. Vesálio usava o termo *Scapheoides* ou *Navicularis* para os ossos do carpo e tarso em forma de barca, indiscriminadamente.

Nefridio – do grego *Nephr(o)*, rim e *Idio(n)*, pequeno. Rins que aparecem em alguns invertebrados.

Néfron - do grego *Nephros*, rim. Hoje a significação é limitada à de “uma unidade” do rim (conjunto do glomérulo alça de Henle e tubos contorcidos).

Negra – do latim *Nigra*, feminino de *Nigrum*, negro. Os romanos tinham o provérbio popular “*Nigro notanda lapillo*” significando que os dias de má sorte (infelizes) deveriam ser marcados, no calendário, por uma pedrinha negra. O contrário (dias de sorte, felizes) eram considerados “*Albo notanda lapillo*”. A cor negra era tida como de mau agouro, funesta. Os mortos ilustres eram parcialmente cobertos por lenços negros, em alusão ao “dia infeliz”. Embora a cor não fosse usada oficialmente como sinal de luto, pode ter surgido daí o hábito de vestir-se de negro nas datas funestas.

Neo - do grego *Neos*, novo.

Neocórtex - do grego *Neos*, novo e do latim *Cortic*, córtex. Parte do cortex cerebral, filogeneticamente mais recente.

Neomorfo – do grego *Neo*, novo e *Morpho*, forma.

Nervo - do latim *Nervus*, que significa corda, tendão. A palavra grega correspondente é *Neuron* que pode ter derivado do grego *Neuein*, mancar, cambalear. O equivalente latino de *nutare*. Provavelmente os gregos já sabiam que lesões dos nervos pudessem causar claudicação. Hipócrates usava este termo para designar qualquer estrutura tubular ou filiforme que tivesse

aparência esbranquiçada e consistência endurecida e não distinguia entre os atuais nervos e tendões. Foi Aristóteles quem restringiu o termo aos nervos, idéia adotada por Galeno.

Nervoso – do latim *Nervosus*, provido de nervos.

Neural - do grego *Neuron*, nervo.

Neurilema - do grego *Neuron*, nervo e *eilema*, retorcer. Neurilema é uma estrutura anatômica que forma a bainha de alguns nervos. Corresponde a bainha de mielina e membrana basal (análoga ao sarcolema da fibra muscular) que reveste a fibra nervosa.

Neuroblasto – do grego *Neur(o)*, nervo e *Blast(o)*, que forma, germe. Célula precursora da célula nervosa.

Neuroendócrino – do grego *Neur(o)*, nervo; *Endo*, dentro e *Krîn*, secreta. Interação entre o sistema nervoso e endócrino.

Neurogênese - do grego *Neur(o)*, nervo e *Géne-sis*, formação. Formação das células do sistema nervoso central.

Neurógliia - do grego *Neuron*, nervo e *Glia*, cola. Termo criado por Virchow em 1856 por considerá-las um tecido conjuntivo, de união, que se encosta (cola) nos neurônios. As células da glia, geralmente chamadas neurógliia, nevrógliia ou simplesmente glia (grego para "cola"), são células não neuronais do sistema nervoso central que proporcionam suporte e nutrição aos neurônios.

Neurohipófise – do grego *Neuro*, nervo, *Hypo*, abaixo de, e *Physis*, sulco, crescimento.

Neurologia - do grego *Neuron*, nervo e *Logos*, estudo.

Neurônio – do grego *Neuronon*, diminutivo de *Neuron*, nervo.

Neurópilo – do grego *Neur(o)* nervo e *Pilo*, feltro. Conexões da rede Multineuronal entre axônios, seus colaterais, nos espinhos dendríticos, localizadas na substância cinzenta da medula espinhal ou do córtex cerebral.

Neuroporo - do grego *Neur(o)* nervo e *Por(o)*, poro. Orifício localizado na porção anterior ou posterior do embrião durante a formação do tubo neural.

Neurosensorial - do grego *Neur(o)* nervo e do latim *Sênsu(m)*, sentido, sensibilidade.

Neutro - do latim *Neuter*, nem um nem outro. Aplica-se geralmente com a significação de "nem ácido nem alcalino".

Neutrocitopenia - do latim *Neuter*, neutro; do grego *Kytos*, célula e *Penia*, escassez.

Neutrófilo - do latim *Neuter*, neutro e do grego *Philein*, gostar. Que tem afinidade para corantes neutros. Tipo de leucócito polimorfonuclear, cujo citoplasma mostra afinidade por corantes neutros.

Nigra – do latim *Nigrum*, negro. A substância negra mesencefálica é chamada assim porque os neurônios localizados no mesencéfalo que a constituem contêm o pigmento escuro melanina, o qual é produzido juntamente com a dopamina. Dessa forma, em um corte do cérebro, esta região se apresentará como uma mancha escura. A substância negra está conectada através de sinapses, com outro grupo de neurônios que constituem os gânglios da base.

Ninfa - Do grego *Nympha*, noiva ou moça em idade nupcial. Os pequenos lábios, órgãos genitais externos da mulher, também são chamados "ninfas".

Nó – do latim *Nodus*, nó.

Nociceptor – do latim *Noc*, prejudicar, *Cep*, receber, e *Tor*, que faz. Receptor periférico da dor; os nociceptores são terminações nervosas livres que captam a dor.

Nodo – do latim *Nodus*, nó, laçada, saliência. O mesmo que nó.

Nódulo – do latim *Nodulus*, diminutivo do latim *Nodus*, nó laçada, saliência.

Norma – do latim *Norma*, esquadro, regra, modelo. Era de uso comum pelos carpinteiros da Roma Antiga, norma, um esquadro de madeira nobre, oficialmente calibrado. Daí, em sentido figurado, o termo passou a designar algo correto, perfeito e tomou o significado de lei, modelo moral ou

preceito ético a ser seguido. Em Anatomia, a norma é um ponto de vista padronizado para descrição do crânio ósseo.

Normoblasto - do latim *Norma*, régua e do grego *Blastos*, germe. É o eritrócito normal imaturo.

Notocorda – do grego *Noton*, *Notos*, dorso e *Chorda*, cordão. Cordão celular maciço disposto ao longo do corpo dos animais cordados, abaixo da medula espinal, que serve de sustentação.

Nua – do latim *Nuda*, feminino de *Nudus*, nu, despido.

Nuca – do árabe *Nugraf*, parte posterior da cabeça. O termo *Nuchrah* que aparece nos escritos de Avicena, não tinha o sentido restrito de nuca, pois aplicava-se à toda região dorsal central, onde está a coluna vertebral. Somente o termo *Nugraf* é que designava, especificamente, a parte superior desta região (no peçoço). Por provável engano de tradução temos, erroneamente, o termo em latim *nucha*.

Núcleo – do latim *Nucleus*, noz da amêndoa, caroço de oliva. O termo, originalmente, era o diminutivo de *Nux*, noz. Depois passou a designar o corço da fruta. A palavra no seu sentido científico atual (núcleo) foi introduzida por Robert Brown, em 1831, ao descrever o núcleo das células vegetais. No grego a palavra utilizada para núcleo é *Caryon*, no entanto é utilizada somente em termos compostos.

Nucleolema - do latim *Nucleus*, semente, caroço; *Ol-u(m)*, pequeno e *Nē-m(a)*, fio. Região filamentososa no nucléolo.

Nucléolo - do latim *Nucleus*, semente, caroço; com o sufixo diminutivo *Olus*. Seria o diminutivo de núcleo, no entanto, em citologia representa uma massa oval dentro do núcleo da maioria das células; responsável pela síntese do RNA ribossômico, desaparece durante a mitose. O nucléolo está associado com regiões de cromatina com ácido desoxirribonucleico (DNA) que emite informações genéticas para a síntese do RNA ribossômico. Os segmentos de DNA são denominados regiões de organização nuclear. As moléculas de RNA ribossomal são sintetizadas no interior do nucléolo, combinando-se com proteínas e formando duas subunidades ribossomais. As subunidades abandonam o nucléolo através dos poros nucleares e entram no citoplasma onde são associadas em ribossomas funcionais.

Nucleoplasma - do latim *Nucleus*, semente, caroço e *Plás-m(a)*, líquido constituinte.

Nutrição - do latim *Nutrire*, alimentar.

Nutricio – do latim *Nutricium*, relativo à criação ou nutrição.

Nutriente – do latim *Nutrients*, que nutre, e *Nutrite*, amamentar.

O

Óbex – do latim *Obex*, barreira, obstáculo. Designa as pregas medulares colocadas transversalmente (como uma barreira) no “calamus scriptorum”.

Oblíquo – do latim *Obliquus*, oblíquo, de través, torto.

Oblonga – do latim *Oblonga*, feminino de *Oblongus*, alargado. A termo original, na nomina antômica é *medulla oblongata*, mas deveria ser *medulla prolongata* (medula alongada), pois o termo *oblongatus* não existia no latim clássico. Criado por Lorenz Heister, em 1740, e introduzido por Albrecht Haller em 1750, o termo *oblongata* talvez teria sido derivado do latim *Oblongus*, alargado.

Obturado – do latim *Obturatum*, fechado e *Obturare*, fechar, tapar, obstruir. O mesmo que obturatório.

Obturatório – do latim *Obturatorius*, que fecha e *Obturare*, fechar, obstruir. O mesmo que obturador. O nervo obturatório recebeu este nome porque inerva os músculos adutores da coxa, que têm por ação por fechar as coxas.

Occipital – do latim *Occipitium*, parte posterior da cabeça.

Occipúcio – forma corrupta do latim *Occipitium*, occipúcio, parte posterior da cabeça. O termo pode ter sido composto do latim *Ob*, antes, oposto e *Caput*, cabeça, significando a parte da cabeça oposta à fronte (o sincipúcio). Note a palavra ocidente, talvez formada erroneamente de latim *Ob*, antes, oposto e *Cadere*, cair, porque é efetivamente o ponto cardeal onde o sol caía.

Ocludente - do latim *Ocludere*, cerrar, fechar com força.

Oclusal – do latim *Ocludere*, cerrar, fechar com força.

Oclusão - do latim *Ob*, contra e *Claudere*, fechar.

Oculomotor – do latim *Oculus*, olho, *Motus*, movimento e *Actor*, agente.

Occulta – do latim *Occulta*, feminino de *Occultus*, escondido.

Odontoblasto - do grego *Odoûs*, *Odontos*, dente, e *Blastós*, broto. Célula de natureza conjuntiva, que forma uma camada de revestimento da polpa dentária e dá origem à dentina.

Odontogênese - do grego *Odont(o)*, dente e *Genesis*, formação. Este termo aparece pela primeira vez na Inglaterra em 1953 para designar a formação dos dentes.

Odontóide – do grego *Odont(o)*, dente e *Eid(és)*, que tem forma, aspecto de. Eminência vertical em forma de dente que parte do corpo do axis para se articular com a face posterior do arco anterior do atlas.

Odontologia - do grego *Odous*, dente e *Logos*, estudo.

Óide - do grego *Eidos*, semelhante.

Olécrano – do grego *Olekranon*, ponta do cotovelo, *Oléne*, cotovelo e *Kranion*, caeça ou *Krános*, capacete. A palavra correta deveria ser olenocranon, mas a forma corrupta olekranon prevaleceu.

Olfato - do latim *Olfactus*, ação de cheirar.

Olfatório – do latim *Olfactorius*, farejador e *Olfactare*, cheirar, farejar.

Olho – do latim *Oculu*, olho. O equivalente grego é *Opthalmós*.

Oligo - do grego, *Oligos*, pouco.

Oligodendrócito - do grego, *Oligos*, poucos, *Dendr(o)* arborização e *Kyto*, célula. Célula da neuroglia que tem poucas ramificações.

Oligodendróglia – do grego *Oligo*, escasso, pouco; *Dendr(o)*, arborização e *Gli(ā)*, cola. Conjunto de células da neuróglia que apresentam poucas ramificações.

Oligomenorréia - do grego *Oligo*, escasso, pouco; *Mén*, menstruações (sign. um mês), e *Rhoiā* fluxo. Fluxo menstrual escasso ou com uma frequência inferior a normal.

Oliva – do latim *Oliva*, oliveira, azeitona.

Ombro – do grego *Omos*, ombro ou do latim *Umerus*, espáduas. Os antigos gregos e romanos nomeavam confusamente o ombro e o braço, algumas vezes com o mesmo nome (em conjunto), outras, com nomes diferentes para estas partes, mas com termos que poderiam ser intercambiáveis.

Omento – do latim *Omentum*, membrana rendada. A palavra tem origem obscura, mesmo em latim. Pode ter derivado de *Omen*, augúrio, presságio, por causa da prática de aruspicação, quando, ao abrir-se o abdome do animal sacrificado, deparava-se em primeiro lugar com esta membrana. A outra origem provável seria do latim *Operimentum*, coberta rendada, avental, porque recobre a maioria das entranhas. Antigamente em anatomia as meninges eram chamadas *Omenta Cerebri* e o perióstio era denominado *Omenta ossium*, o que parece reforçar esta última hipótese etimológica. A palavra grega equivalente é *Epiploon*. O omento é formado por duas lâminas de epitélio pavimentoso simples sendo seu meio constituído por tecido conjuntivo frouxo. Este tecido funciona para o tamponamento de lesões nos órgãos peritoniais, seria como uma espécie de *Band Aid* natural.

Omo-hióideo – do grego *Omos*, ombro e *Hyo*, a letra U e *Óides*, forma de. O nome do músculo deriva do antigo nome da escápula omoplata.

Oncogen – do grego *Onko*, massa, massa cancerosa e *Gen*, que forma, que gera. Gene que pode desencadear um tumor.

Oncovírus – do grego *Onko*, massa, massa cancerosa e *Uīr(us)*, veneno (vírus). Subfamília de retrovírus (RNA) que integra os vírus tumorais.

Ontogenia, Ontogênese - do grego *On*, ser e *Genesis*, criação. Desenvolvimento do indivíduo.

Oócito - do grego *Oon*, ovo e *Kytos*, vaso ou célula. Já a palavra *ovócito* é uma palavra híbrida (de dupla origem) do latim *ōu(um)*, ovo e do grego *Kytos*, célula. Palavra introduzida por Boveri em 1892.

Ooforectomia - do grego *Oon*, ovo; *Pherein*, carregar; e *Ek-tom-íā*, retirada cirúrgica. Retirada cirúrgica de um dos ovários.

Ooforite - do grego *Oon*, ovo; *Pherein*, carregar, e *Ite*, inflamação. É o mesmo que "ovarite", inflamação do ovário. O ovário ou "oóforo" é o portador ou "carregador" dos óvulos.

Oogênese - do grego *Oon*, ovo e *Genesis*, produção.

Oogônia (ovogônia) – do grego *Oon*, ovo e *Gon*, órgãos sexuais. Célula diploide precursora das células germinativas femininas que dão origem ao oócito, ou ovócito.

Opérculo – do latim *Operculum*, tampa, cobertura e *Operire*, tapar, cobrir.

Oponente – do latim *Opponens*, oposto e *Opponere*, pôr diante, opor.

Oponina – do grego *Opso(n)*, alimento cozido, e *In(a)* substância química. Termo introduzido na Inglaterra em 1903 para designar substâncias que tornam o alimento mais fácil de digerir. Substância termolábil do plasma sanguíneo que torna os micróbios ou células sanguíneas mais aptas de seres fagocitados pelos leucócitos.

Óptica (Óptico) - do grego *Optykós*, relativo a visão e *Opsein*, ver enxergar.

Ora serrata – do latim *Ora*, litoral, costa e *Serratus*, serreado. A palavra “*Ora*” tinha também o sentido de borda, aresta.

Oral - do latim *Orbis*, boca; *Os*, rima dos lábios.

Orbicular – do latim *Orbicularis*, ao redor do olho e *Orbis*, círculo, órbita, *Oculus*, olho.

Órbita - do latim *Orbis*, círculo na terra, sulco na terra, linha circular, curso. Em latim, a palavra *orbita* tinha vários significados: como mostrado acima, mas nenhum deles estava relacionado diretamente com olho ou à órbita, como hoje conhecemos. Em sentido figurado (e poético), órbita dava nome somente à revolução da trajetória lunar. Talvez por dar idéia de movimento circular, tenha o termo sido aplicado ao movimento dos olhos dentro dos encaixes ósseos, que passaram depois a receber o nome do movimento (por provável erro de tradução dos textos árabes durante a idade média). Uma palavra semelhante *Orbitas*, possui outro significado: privação, orfandade.

Ordéolo - do latim *Hordeolum*, diminutivo de *Hordeum*, cevada. O ordéolo ou tersol assemelha-se um tanto a um grão de cevada.

Orelha – do latim *Oriola*, *Auricula*, diminutivo de *Auris*, orelha. Erroneamente em medicina a palavra orelha é às vezes pouco utilizada, dando-se preferência a “ouvido” que em latim é “*Auditus*” e que tem sentido verbal é o participio passado do verbo ouvir. Valsava, no seu tratado “*De aure humano*”, em 1704, lançou as bases do moderno conhecimento sobre a audição, descrevendo em detalhes a orelha humana, dividindo-a em partes interna, média e externa. O equivalente grego é *Otós*.

Organela – do grego *Organon*, instrumento ou utensílio e *Ergein*, trabalhar. Diminutivo de órgão.

Órgão - do grego *Organon*, instrumento ou utensílio e *Ergein*, trabalhar. Só no século XVII é que o vocábulo começou a ser aplicado aos órgãos do corpo. Este termo é utilizado para designar parte do organismo constituída por diversos tecidos, e adaptada para exercer uma ou mais funções.

Origem – do latim *Origo*, fonte, nascimento, origem.

Orquí - do grego *Orchis*, testículo.

Ortocromático – do grego *Ortho*, reto, segundo a norma e *Khrōm*, cor. Que se cora positivamente, corretamente.

Osmose - do grego *Osmos*, impulso e *Ose*, estado.

Ossículo - do latim *Ossiculum*, diminutivo de *Os*, osso.

Osso - do latim *Os* (osso). Em grego, a palavra que designa este órgão era *Osteon*, Jean Riolan afirma que esta deu origem, na tradução latina, a *Ossu*, depois abreviada, por Platão, para *Os*.

Osteoblasto - do grego *Osteon*, osso e *Blastos*, germe. São as células responsáveis por sintetizar a parte orgânica da matriz óssea (tanto colágeno quanto as proteínas não colágenas). É uma célula de origem embrionária proveniente de célula mesênquimal indiferenciada, e que dá posteriormente origem aos osteócitos (células do tecido ósseo). Encontram-se dispostos em uma camada contínua na superfície óssea, unidos uns aos outros por meio de junções adesivas. Quando ativos, os osteoblastos apresentam-se como células polarizadas, com forma cuboidal e de dimensões variadas, exibindo núcleo esférico e citoplasma basófilo. Quando não estão ativos e sem aparente função de síntese formam uma camada na superfície óssea denominada de revestimento ósseo e apresentam forma alongada, núcleo evidente ocupando grande parte do escasso citoplasma e poucas organelas.

Osteócito - do grego *Osteon*, osso e *Kyto*, célula. À medida que a matriz óssea é formada, alguns osteoblastos são aprisionados no interior da mesma, sendo então denominados de osteócitos. Esse processo recebe o nome de osteocitogenese. Os osteócitos são células terminalmente diferenciadas que residem em lacunas, rodeados por matriz mineralizada e constituem o tipo celular mais abundante do tecido ósseo. Durante a formação óssea, os osteoblastos recém-incorporados à matriz apresentam características morfológicas semelhantes às dos osteoblastos em atividade, sendo denominados de osteócitos jovens. À medida que a matriz óssea sofre mineralização os osteócitos tornam-se elipsóides, com citoplasma reduzido e quase inteiramente ocupado pelo núcleo. Células presentes no interior do osso, em estruturas denominadas de lacunas, que são responsáveis pela sua manutenção.

Osteoclasto - do grego *Osteon*, osso e *Klan*, destruir ou de *Klastos*, quebrar, degradar. Quem propôs este nome foi Albert Von Kolliker (1873) onde referiu que as células gigantes presentes na superfície óssea “seriam agentes de reabsorção óssea”. Este fato foi confirmado posteriormente e realmente essas células gigantes, polarizadas que apresentam tamanho entre 50 µm a 100 µm que exibem em média 5 a 8 núcleos das mais variadas formas e tamanhos estão relacionadas com a degradação óssea.

Osteogênese - do grego *Osteon*, osso e *Genesis*, produção ou criação

Osteóide - do grego *Osteon*, osso e *Eidos*, semelhante. Constitui a matriz óssea não mineralizada, onde se encontram os osteoblastos.

Osteologia - do grego *Osteon*, osso e *Logos*, estudo.

Osteon – do grego *Osteon*, osso. Palavra introduzida por Biedermann em 1914 coincide com o grego *ostéon* que quer dizer osso. Osteon ou sistema de Havers; é a unidade anatômica e funcional do tecido ósseo característica dos ossos compactos; está constituído por um canal de Havers, ao redor do qual se agrupam de 5 a 20 lamelas com lacunas que contêm células ósseas, que são os osteócitos.

Osteoplasto – do grego do grego *Osteon*, osso e *Plasto*, orgânulo. Este termo é tradicional no nosso ensino, mas tende a desaparecer dos textos sendo substituído por lacunas ósseas.

Osteroporose – do grego *Oste(o)*, osso e *Por(o)*, poro e *Ō-sis*, processo patológico. Perda da massa óssea por perda da densidade e aumento dos espaços ociosos do osso; produz porosidade e fragilidade.

Óstio - do latim *Ostium*, abertura, porta. Originalmente a palavra designava obstáculo, o que fica no caminho, do latim *Obstare*, impedir, obstar. Depois, por transferência semântica passou a designar uma entrada. Alguns etimologistas acreditam que o termo derivou de “Os”, rima dos lábios, com o significado de entrada da boca.

Ótico – do grego *Otikos*, relativo a orelha e *Ous* ou *Otos*, orelha externa.

Ouvido – Termo substituído por orelha na nomenclatura anatômica, vide orelha.

Oval – do latim *Ovalis*, ovalado e *Ovum*, ovo.

Ovário - do latim *Ovarium*, nome dado ao escravo encarregado de cuidar dos ovos e pintos. Em anatomia o termo ovário é recente, introduzido por Niels Steno (Stensen), em 1667. Antes, os ovários eram denominados de “*testis mulieris*”, ou seja, testículos da mulher. É de origem latina, sendo utilizado na Roma antiga para designar o escravo encarregado de cuidar das galinhas e, sobretudo, dos ovos, que eram valiosos na época. Os escravos mais habilidosos, denominados de “*ovarii*”, eram estimados e disputados pelas famílias nobres. Isto se deve ao fato da alimentação dos romanos começarem sempre por um prato à base de ovos. Desse modo o termo ovário era interpretado, naquela ocasião, como sendo o “carregador de ovos” e, na atualidade, representa uma estrutura que “carrega ovócitos”.

Ovo - do latim *Oo(um)* ou do grego *Ovum*, que designa ovo.

Ovulação – do latim *Ou(um)*, ovo *Ul*, pequeno e *Ation*, processo. Processo de maturação e emissão de um óvulo por um folículo ovariano no ovário.

Oxífila – do grego *Oxys*, ácido e *Philein*, amar. Estrutura que se cora com corantes ácidos.

Oxigênio - do grego *Oxys*, ácido e *Gennao*, eu produzo. Esta palavra foi criada por Lavoisier.

Oxitocina – do grego *Ox(y)*, agudo, rápido e *Tok(o)*, parto com a designação *Īn(a)* que significa substância. Hormônio que tem a função de promover as contrações musculares uterinas durante o parto e a ejeção do leite durante a amamentação.

P

Palatino – do latim *Palatinum*, relativo ao palato e *Palatum*, palato. Vesúvio foi um dos primeiros a distinguir o palato duro e mole e denominava os ossos do palato como “*Os palati*”, mas o termo palato mole é devido à Falloppio.

Palato – do latim *Palatum*, céu da boca, palato. Esta palavra tem origem incerta. Para uns, estaria associado à *Pascere*, alimentar; para outros, com *Palere*, cercar, murar, ou ainda derivada de *Palatium*, palácio. Os antigos anatomistas gregos não distinguiam entre palato duro e mole: ambos eram nomeados em conjunto como “*Diaphargma oris*”

Paleocórtex – do grego *Palaio*, antigo e *Cortic*, córtex. Parte do cortex cerebral que corresponde às áreas de terminação das vias olfatórias e que filogeneticamente ocupa uma posição intermediária entre o arquicórtex e o neocórtex.

Paliativo – do Latim *Palli(um)*, pano que cobre, que esconde. Este termo é utilizado em medicina como cuidados paliativos.

Pálido – do latim *Pallidus*, pálido, descorado e *Pallere*, emaplidecer.

Pálio – do latim *Pallium*, manto, toga.

Palma – do latim *Palma*, palma da mão, folha larga, pá de remo. O termo parece derivar-s do grego *Paláme*, palma da mão. Os romanos usavam a palavra palma incluindo não só o centro da mão, mas os dedos. Mais tarde, surgiram as expressões “*Palma manus*” para a parte plana da mão e “*vola manus*” para o centro côncavo da mão.

Palmada – do latim *Palmatius*, provido de palmas. Entre os romanos, era costume ornar os cabelos e as vestes dos vencedores dos jogos ou conquistadores militares com folhas de loureiro ou de palmeira. Daí a expressão “*vestis palmata*”, toga de vencedor entretecida de palmas.

Pálpebra - do latim *Palpebra*, que parece provir de *Palpitare*: palpar, mover-se rapidamente. O equivalente grego é *Blépharon*.

Pampiniforme – do latim *Pampinus*, videira e *Formis*, em forma de. Foi utilizado o termo no sentido dos galhos da videira, ou seja, a forma como os galhos da parreira crescem e se ramificam nos parrerais.

Pan - do grego *Pan*, todos, tudo.

Pâncreas – do grego *Pan*, tudo, todo e *Kréas*, carne. Em tempos arcaicos, a palavra *Kréas* significava apenas carne comestível. Depois junto com *Sarx*, passou a designar qualquer tipo de músculo. O órgão foi descrito e nomeado por Herófilo, por causa de sua consistência mole, “carnosa”. Aristóteles, Rufo de Éfeso e Vesálio admitiram e usaram o termo. Até o final do século XVII, o pâncreas era confundido e incluído com os linfonodos mesentéricos.

Panículo – do latim *Panniculus*, diminutivo de *Pannus*, pano, trapo. A palavra foi introduzida por Celso apenas para designar bandagem e curativos feitos com tecido de linho. Durante séculos significou uma cobertura espessa ou um tipo de pele. Berengário da Carpi, descreveu o invólucro subcutâneo do tronco, dividindo-o em duas camadas: *panuculus adiposus* (superficial e formada de tecido gorduroso) e *paniculus carnosus* (fina camada profunda muscular, mais exuberante em animais).

Panturrilha – do espanhol *Pantorrilha*, barriga da perna e do latim *Pantex*, barriga. O mesmo que *Sura*. Na Europa era costume no século XIV ao XVII colocarem-se bolas de algodão (como enchimento) dentro das meias, na parte posterior da perna, para aumentar o volume e o contorno dos músculos e evidenciar a forma da região (sinal de beleza e prosperidade). O termo deve ter derivado da composição do latim vulgar *Pantex*, barriga e do espanhol *Rodillera* (joelheira). *Pantex*, em português deu “*pança*”, com o mesmo significado vulgar da palavra latina.

Papila – do latim *Papilla*, borbulha pequena, bico da mama. A palavra pode ter vindo do latim *Pappare* (mamar ou comer como criança) ou *Papula* (caroço pequeno, tumoração) e os romanos empregavam-na, exclusivamente, para designar o mamilo. Por extensão, em poesia, passou a denominar toda a mama. Berengário da Carpi foi o primeiro anatomista a usar a palavra para estruturas fora da mama (papilas renais). Mais tarde, Marcello Malpighi, aplicou o termo às papilas gustatórias da língua. O termo grego correspondente é *Thele* (como em epitélio).

Papilar - do latim *Papilla*. Que tem a forma de um mamilo.

Pápula - do latim *Papula*, pústula, elevação. Lesão elementar da pele que consiste numa elevação sólida menor que um centímetro e bem delimitada.

Paquimeninge – do grego *Pakhy*, espesso e *Mēning(o)*, membrana. Corresponde a duramater; a membrana mais espessa e dura que envolve o encéfalo.

Paquiteno – do grego *Pakhy*, espesso e *Taini*, cinta, banda. É uma das cinco subfases da Prófase da divisão meiótica, onde os cromossomos tornam-se mais grossos, atingindo o grau máximo de condensação, formando quatro braços bem definidos.

Para-aórticos – do grego *Para*, ao lado de, e *Aortikos*, relativo à aorta.

Parabasal - do grego *Para*, ao lado de e *Bás (is)*, base.

Parácrino – do grego *Para*, ao lado de e *Krin*, secreção. É uma substância ou célula cuja secreção afeta as células vizinhas.

Paradídimo – do grego *Para*, ao lado de e *Didymos*, duplo, em dobro.

Parafina – do latim *Parum*, pouca, e *Affinis*, afim. A parafina é uma substância química inativa, ou seja, que tem pouca afinidade por corantes que se dissolvem em água. Essa substância é amplamente utilizada para a impregnação do material que vai ser destinado a estudo histopatológico.

Paraflóculo – do grego *Para*, ao lado de e *Flocculus*, pequeno flóculo.

Paralelo - do grego *Para*, ao lado de e *All(o)*, outro, diferente. É comum ser utilizado em relação a outras coisas equidistantes entre si, por exemplo: linhas, planos etc. O mesmo que correspondente, semelhante.

Paramétrio – do grego *Para*, ao lado de e *Metra*, útero.

Paranasal - do grego *Para*, ao lado e do latim *Nasus*, nariz.

Paranéfrico - do grego *Para*, ao lado de e *Nephr(o)*, rim. Que se localiza ao lado do rim.

Para-oóforo - do grego *Para*, ao lado de, e *Oon*, ovo e *Phoros*, que leva.

Parassimpático - do grego *Para*, ao lado e *Synpathos* - de *Syn*, junto com e *Pathos*, afeição, ânimo. Uma das duas partes do sistema nervoso autônomo cujos centros se encontram nas

extremidades do eixo cérebro-espinal e cuja ação é antagônica à do sistema nervoso simpático, o sistema nervoso parassimpático participa na regulação do aparelho cardiovascular, gastrointestinal e urogenital.

Paratireóide - do grego *Para*, ao lado; *Thyreos*, escudo e *Eidos*, em forma, semelhantes a. Na realidade são quatro glândulas endócrinas localizadas na porção posterior da tireóide relacionadas ao metabolismo do cálcio.

Paratohormônio – do grego *Para*, ao lado, *Thyr(e)o-eid(és)*, em forma de escudo, e *Hormôn*, que impulsiona. Hormônio produzido pela paratireóide.

Parede – do latim *Paries*, parede. O termo *Paries* significava em Roma antiga tanto a parede externa (*Paries domuis*) como qualquer divisória interna da casa (*Paries laris*). O adjetivo era *Parietis* ou *Parietalis*.

Parênquima - do grego *Para*, ao lado e *Enchyma*, suco. A palavra parece ter sido introduzida em anatomia por Erasistrato e era aplicada a órgãos de consistência macia e sólida, como fígado, baço, rins e pulmões. O termo baseou-se na teoria humoral, muito difundida na época, que alegava ser a substância própria destes órgãos derivada da solidificação de um “derramamento” sanguíneo dentro dos seus espaços, pelas veias que neles adentravam, para formar os espíritos vitais veiculados pelos humores.

Parietal - do latim *Pariet(em)*, parede. Parede de uma cavidade. Ossos do crânio que formam as paredes do mesmo. No estômago existem as células parietais ou oxínticas são as responsáveis pela secreção do ácido clorídrico e do fator antianêmico intrínseco necessário à absorção da vitamina B12.

Paroniquia - do grego *Para*, em redor e *Onyx*, unha.

Parótida - do grego *Para*, ao lado e *Ous*, orelha externa. Jean Riolan reintroduziu o termo *Parotis* para a glândula sem saber que esta palavra já era utilizada por Galeno significando, além do próprio órgão, sua tumoração ou um abscesso na orelha externa. Jean Riolan não reconheceu a natureza glandular da parótida, fato somente constatado por Niels Steno (Stensen) em 1645.

Parte – do latim *Pars*, parte, porção.

Parto – do latim *Par/per*, parir. Saída do feto e de seus anexos do compartimento materno.

Partogenese – do grego *Parthenos*, virgem e *Genesis*, origem. Partenogênese é o desenvolvimento de um novo indivíduo a partir de um óvulo não-fecundado (ovócito), como em rotíferos, pulgões das plantas, zangões das abelhas etc.

Parva – do latim *Parva*, feminino de *Parvus*, pequeno, curto.

Patela – do latim *Patella*, prato, panela rasa. Geralmente feitas de barro ou cerâmica para uso diário, podiam ser utilizadas em rituais de sacrifício, quando eram ricamente ornamentadas, possuindo longos cabos. Termo introduzido por Celso, provavelmente pela semelhança de forma do prato e cabo com o osso e o tendão do músculo quadríceps da coxa, onde está encaixada.

Patologia – do grego *Pathos*, sofrimento, doença, e *Logos*, ciência, estudo. É o estudo das doenças em geral sob determinados aspectos. Ela envolve tanto a ciência básica quando a prática clínica, e é devotada ao estudo das alterações estruturais e funcionais das células, dos tecidos e dos órgãos que estão ou podem estar sujeitos a doenças.

Pavilhão – do francês *Pavillon*, tenda e *Papilionem*, borboletas. Em francês, borboleta é *Papillon* e o termo *Pavillon* é obviamente uma forma variante. Talvez a palavra tenha surgido da semelhança encontrada entre os panos esvoaçantes das tendas de campanha com as asas das borboletas. Porém, é mais difícil entendermos a analogia entre a tenda (ou borboleta) e a forma do pavilhão da orelha externa.

Pé – do latim *Pes*, *Pedis*, pé de homem ou animal. O equivalente grego é *Poús*, *Podós*.

Pecíolo – do latim *Pectiolus*, cabo de folha.

Pecten – do latim *Pecten*, pente, carda ancinho e *Pectere*, pentear. Alguns estudiosos afirmam que a união dos ramos superior e inferior do osso púbis e os pelos revoltos da região púbica lembravam a forma de um pente romano (com cabelos) ou o pente usado (e não limpo) da cardagem da lã. Na Roma Antiga, as paredes pudendas femininas eram chamadas *Pecten*. O conjunto formado pela palma e pelos dedos da mão estendidos era conhecido como *Pecten*.

Manus. Gerhard Vossius afirma que a palavra latina *Pectus*, peito, tem a mesma origem, por causa do arranjo das costelas, como os dentes de um pente.

Pectinado – do latim *Pectinatus*, penteado, e *Pectere*, pentear.

Pectíneo - do latim *Pecten*, pente, relativo a pente.

Pedículo - do latim *Pes*, pé e do sufixo diminutivo *Culus*: pequeno pé.

Pedúnculo - A mesma origem de “pedículo”. Foi aventada a hipótese de que Karl von Linnaeus tenha sido o introdutor e inventor desta palavra, para diferenciar os homônimos *Pediculus* (para piolho) e *Pediculus* (diminutivo de pé).

Peito – do latim *Pectus*, peito, a parte anterior do tórax. Em latim, a palavra *Pectus* significava apenas a parte externa (ósseo-muscular) do tórax, não compreendendo a cavidade e nem a mama. Em poesia, entretanto, tinha o sentido de alma, coração e, por extensão, sede de bons sentimentos, de fidelidade (daí a expressão - amigo do peito). Outros autores acham que derivaria do grego *Pectis*, gaiola, armadilha para pássaros, ou de *Pectós*, objeto feito de peças ajuntadas, pela semelhança da caixa torácica com estes objetos.

Peitoral – do latim *Pectoralis*, relativo ao peito. *Pectoralis* era o termo latino para um antigo adorno de metal que era colocado sobre o peito ou sobre as mamas ou ainda uma vestimenta curta usada somente sobre o peito.

Pele – do latim *Pelle*, pele. O equivalente grego é *Derma*.

Pêlo – do latim *Pilus* ou *Pellis*, pêlo de animal. Há um famoso provérbio latino: “*Lupus pilum mutat, non mentem*”, isto é, o lobo muda de pêlo, mas não a mente.

Pelúcido – do latim *Pellucidus*, transparente, diáfano. A forma mais correta desta palavra seria *Perlucidus*, composta de *Per*, através de e *Lucere*, brilhar. Portanto, o mais correto seria *Septum perlucidum*, ou apenas *lucidum*.

Pelve - do latim *Pelvis*, bacia, caldeirão. Na Roma antiga, *Pélvis* era o nome de um grande vaso fundo com uma borda retorcida (como um caldeirão). A tradução fancesa da palavra *Pélvis* foi “*Bassin*” e, no final do século passado, por ser o francês a língua científica oficial (principalmente nos tratados de obstetrícia), traduziu-se para o português, literalmente como bacia e o termo ficou consagrado no uso médico. Portanto, a palavra bacia, embora de tradução literal correta, é um galicismo. Temos em português, a palavra “Pelve”, transcrição direta do latim. Realdo Colombo, em 1959, na sua obra “De re anatômica” popularizou o termo.

Penado – do latim *Pennatus*, penado, cheio de penas.

Penicílio - do latim *Penicillum*, pincel

Pênis - do latim *Penis*, que significa originalmente Cauda. O órgão masculino, quando pendente, teria semelhança com uma cauda. Entre os romanos, assim como em português, havia inúmeras expressões populares para designar o pênis (clava, vômer, radix, ramus, gladius). Desta última (que significa espada) derivou, por extensão, o nome “vagina” (bainha).

Pepsi - do grego *Pepsis*, digestão.

Pepsina - do grego *Pepsis*, digestão mais os sufixo *Ina*, natureza de. Enzima proteolítica integrante da composição do suco gástrico, cujo precursor é o pepsinogênio que pela ação do ácido clorídrico, perde um peptídeo, tornando-se uma enzima ativa.

Perfurada – do latim *Per*, através de e *Foratus*, furado e *Forare*, furar.

Perfurante – do latim *Perforans*, que fura através de, que passa furando.

Perfusão - do latim *Perfundere*, fazer passar através.

Peri-articular - do grego *Peri*, em redor e do latim *Articulus*, junta.

Pericárdio – do grego *Peri*, ao redor de e *Kardia*, coração. Membrana que envolve o coração. Membrana fibrosa de origem mesodérmica, com função de proteção do músculo cardíaco.

Pericário - do grego *Peri*, ao redor de e *Karion*, núcleo.

Pericito - do grego *Peri*, em redor e *Kyto*, célula. Pericito é uma célula tipo mesenquimal, associada com as paredes de vasos sanguíneos pequenos.

Pericôndrio – do grego *Peri*, ao redor de e *Chondros*, cartilagem.

Pericrânio – do grego *Peri*, ao redor de e *Kranion*, cabeça.

Periférico – do grego *Peri*, ao redor de e *Pherein*, levar.

Perilíngua – do grego *Peri*, ao redor de e do latim *Lympha*, água. O termo não é adequado, por duas razões: a primeira, por ser híbrido de duas línguas e, segundo, porque etimologicamente significa “o que está ao redor do líquido” e não o humor propriamente dito. Esta palavra parece ser recente em anatomia e por isso deve ter sido mal formada.

Perimétrio – do grego *Perí*, ao redor e *Mētr(ā)*, matriz, útero. Revestimento peritoneal que reveste a porção externa da parede do útero.

Perimísio – do grego *Péri*, ao redor de e *Mysei*, muscular.

Períneo – do grego *Peri*, ao redor de e *Naion*, ânus. Hipócrates usava as formas *Períneon* e *Perínaion* e Galeno restringiu o termo à área entre o ânus e o escroto, no homem, e entre o ânus e a vulva, na mulher.

Perineuro – do grego *Peri*, ao redor de e *Neuron*, corda, fibra.

Perinuclear - do grego *Peri*, ao redor de e do latim *Nucle(um)*, semente, caroço. O que rodeia o núcleo.

Periodonto – do grego *Peri*, ao redor de e *Odous*, dente.

Perioníquio – do grego *Peri*, ao redor de e *Onyx*, unha.

Periósteo – do grego *Peri*, ao redor de e *Osteon*, osso. Galeno já usava o termo para designar a membrana que reveste os ossos. A primeira descrição detalhada desta estrutura foi feita por Andeas Bonn, em 1763, embora a sua função tenha sido somente elucidada por Duhamel em 1740.

Peristalse - do grego *Peri*, em redor e *Stellein*, mudar. A peristalse de fato movimenta o conteúdo intestinal em redor e para diante.

Peritendão – do grego *Peri*, ao redor de e *Tendon*, tendão, cordão esticado.

Peritônio - do grego *Peri*, em redor e *Teinein*, cobrir, estender. Membrana serosa, a mais extensa do corpo humano, que recobre a cavidade abdominal e reveste as vísceras.

Permanente – do latim *Permanere*, permanecer e *Per*, através de e *Mantere*, fixar, estabilizar.

Perna – do latim *Perna*, membro inferior, perna. O equivalente grego é *Skélos*.

Peroxissoma – do latim *Per* através de, por completo e do grego *Ox(y)* oxigênio e *Sōm(a)* corpúsculo. Peroxissoma é uma organela esférica, envolvida por uma membrana, presente no citoplasma, sobretudo em células animais. São as organelas responsáveis pelo armazenamento das enzimas diretamente relacionadas com o metabolismo do peróxido de hidrogênio. Os peroxissomas foram descritos, pela primeira vez, por Rodhin (1954), em células de rato, sendo então designados por "microbodies". Contudo a sua caracterização bioquímica ficou a dever-se a De Duve e colaboradores. Em 1966, De Duve propôs a designação de peroxissoma em substituição a de "microbodies", então generalizada, salientando a existência simultânea, nestas organelas, de duas classes de enzimas: as oxidases produtoras de peróxido de hidrogênio (água oxigenada) e as catalases. Posteriormente, os peroxissomas foram identificados em células animais e vegetais.

Perpendicular – do latim *Perpendicularum*, fio de prumo, nível.

Pescoço – origem incerta. Não há concordância entre os etimologistas quanto à origem desta palavra e as hipóteses são quase todas de difícil acompanhamento etimológico e/ou semântico. Talvez seja derivada do latim *Post* (após, depois de) e *Cocceus* (relativo à concha) ou de *Post*, após depois de e do grego *Kókos*, esfera, ou ainda do latim *Post*, após, depois de e do latim *Coccum*, vermelho escarlata. A palavra anatômica correspondente à pescoço mais utilizada é “colo”.

Pétreo - do latim *Petrosus*, da natureza da pedra.

Petroso – do latim *Petrosus*, pétreo, rochoso e *Petra*, pedra.

Pial – do latim *Pial*, relativo à Pia-máter.

Pia-máter – do latim *Pia*, suave, fiel e *Mater*, mãe. A *Pietas* (piedade, caridade) era uma das virtudes capitais para os romanos e sua prática era de suma importância e uma das hipóteses para o termo alega que aos anatomistas antigos a meninge mais interna parecia como uma mãe afetuosa para o cérebro, envolvendo, protegendo-o e nutrindo-o.

Picnose - do grego *Pykn(o)*, denso, condensado, apertado e *Osis*, processo. Condensação celular onde o núcleo ou o citoplasma se torna mais denso.

Pigmento – do latim *Pi(n)g(ere)*, pinta' e *Mentu(m)* la r. *Pigmentum*. Substância de natureza química variada, intra- ou extracelular, com cor própria, o que torna desnecessário o uso de colorações especiais para observá-las nos tecidos, a olho nu ou ao microscópio. Os pigmentos podem ser produzidos pelas células (endógenos) ou adentrar no organismo (exógenos) pelas vias respiratórias, digestiva ou por inoculação.

Pilar – do latim *Pila*, pilar, coluna, suporte.

Piloro - do grego *Pylorus*, guarda do portão, derivado de *Pyle*, portão ou porta e *Ouros*, guardião. O piloro guarda a saída do estômago. Galeno usava o termo Grego *Stenótis* (estreito) para o canal pilórico do estômago e apenas comparava este canal com um *Pylouros* (guarda de portal de templos). Mas em latim, o termo *Pylorus* indicava apenas o orifício distal do estômago. Mais tarde, o termo de comparação prevaleceu e esta escolha parece ter sido devida a Celso e adotada por Rufo de Éfeso e Júlio Pollux. Gustavo Retzius dividiu a parte pilórica do estômago em canal e antro.

Piloso - do latim *Pilus*, pêlo.

Pineal - do latim *Pinea*, pinha de pinheiro. A glândula pineal recebeu esse nome provavelmente pela semelhança que os antigos encontraram entre sua forma e a de uma pinha, Elemento de reprodução dos pinheiros. Esta glândula também é conhecida sob vários nomes, tais como epífise do cérebro, corpo pineal, órgão pineal, conário. O termo glândula deve ser mantido, pois já foi estabelecido que é uma glândula endócrina.

Pinealócito - do latim *Pinea*, pinha de pinheiro e do grego *Kyto*, célula. Célula presente na glândula pineal responsável pela produção da melatonina.

Pinocitose - do grego *Pinein*, beber. *Kytos*, célula. Esta palavra é utilizada em citologia para designar o englobamento de partículas líquidas pela célula. Englobamento pela membrana plasmática de líquido em pequenas vesículas.

Piramidal - do latim *Pyramidalis*, relativo à pirâmide do bulbo.

Pirâmide – do latim e do grego *Pyramis*, pirâmide. A real origem da palavra é provavelmente egípcia. Os pães no Egito antigo eram denominados de *Pyramis* e apresentavam o formato de uma pirâmide. Alguns etimologistas alegam que *Pyramis* deriva do grego *Pyr*, fogo, porque a forma da pirâmide lembra a de uma pirra ou do grego *Pyros*, trigo, pela forma adotada pelo acúmulo de grãos deste cereal.

Piriforme - do latim *Pirum*, pera e *Forma*, forma.

Pisiforme – do latim *Pisum*, ervilha e *Formis*, em forma de.

Piso-hamato – do latim *Pisum*, ervilha e *Hamatus*, em forma de gancho, adunco.

Pituitária - do latim *Pituita*, secreção mucosa, catarro, goma, resina. No tempo de Galeno julgava-se que a secreção nasal provinha do encéfalo, da hipófise e daí o nome de pituitária que foi dado a essa importantíssima glândula. Foi só no século XVII que se passou a verificar que a secreção mucosa vem do nariz e não da pituitária.

Placenta – Esta palavra tem origem diversa. Do grego *Plakuos*, nome que se dava na Grécia a um bolo achatado e arredondado. A raiz *Plak*, tem origem indo-europeu e indica uma forma achatada. Do latim *Placenta*, também tem a acepção de bolo achatado. O nome da placenta só aparece na nomenclatura anatômica no século XVI. Realdus Columbus (1516-1559), discípulo de Vesalius, em seu livro **De Re Anatomica** utilizou a expressão **in modum orbicularis placentae** (a modo de um bolo redondo), Fallopius (1523-1562) chamou-a de **placenta uterina**, denominação esta que se sobrepôs à de secundina, passando a merecer a preferência dos anatomistas e obstetras. A placenta, com suas membranas, era chamada em grego *Deútera*, que quer dizer segunda,

seguinte, que vem depois. Esta idéia trasladou-se ao latim na palavra secundina. Mondino (1270-1326), em seu **Tratado de Anatomia**, chamou-a **pars secundinae**. Por influência da medicina francesa o vocabulário médico português enriqueceu-se com o termo **delivramento**, que é uma adaptação do francês **Délivrance** e que passou a ser usado como sinônimo de secundamento na terminologia obstétrica. A introdução do termo delivramento na língua portuguesa data do século XIX, tendo sido o mesmo empregado por Rocha Nazarem em seu livro *Compilação de Doutrinas Obstétricas*, editado em Lisboa em 1843. A sinonímia de secundamento inclui ainda os termos *decedura*, *dequitação* e *dequitadura*. **Decedura** é termo arcaico, já encontrado no *Elucidário* de Viterbo e pouco empregado atualmente, enquanto *dequitação* e *dequitadura* passaram a ser utilizados para designar o primeiro tempo do secundamento, ou seja, o descolamento da placenta. *Dequitação* e *dequitadura* derivam do verbo *dequitar*, com o sentido de livrar-se de uma coisa penosa.

Placóide – do grego *Plakode*, algo fino e plano, lâmina e *Ōd(ēs)*, com aspecto de.

Plano – do latim *Planus*, plano, liso, chato. O primeiro a descrever planos para o corpo humano parece ter sido Addison, em 1899.

Planta – do latim, *Planta*, sola do pé e do grego *Platus* ou do latim *Planus*, plano, chato. O termo *Planta* também significava, na Roma Antiga, um local plano ou uma base para edificação e, por extensão, também passou a designar o seu traçado arquitetônico.

Plantar – do latim *Plantaris*, relativo às solas dos pés. Talvez a palavra *Plantaris* seja derivada por anasalação do grego *Platus*, plano, chato.

Plaqueta – do alemão *Plack*, aplicar algo plano sobre uma superfície e do francês *Ette*, pequeno. A plaqueta (nos mamíferos) é um fragmento de célula, ou mesmo uma célula (trombócito) presente no sangue que é formada na medula óssea. A sua principal função é a formação de coágulos, participando, portanto do processo de coagulação sanguínea.

Plasma - do grego *Plasma*, líquido constituinte, moldada.

Plasmalema - do grego *Plasma*, líquido constituinte, que molda e *Lemma*, membrana fina. Membrana celular; camada semi-permeável do protoplasma celular.

Plasmócito – do grego *Plás-m(a)*, líquido constituinte e *Kyto*, célula. Célula do tecido conjuntivo oriunda do linfócito tipo B produtora de anticorpos circulantes; apresenta forma ovalada ou arredondada com abundante retículo endoplasmático granular.

Platismo – do grego *Platysma*, placa plana e *Platus*, plano, chato.

Pleura - do grego *Pleura*, que primitivamente significava "lado do corpo" ou "costela". O termo pleura significava também o lado de um animal. Galeno usava esta palavra tanto para costela como para a membrana que reveste internamente o tórax e está em contato íntimo com as costelas. Por mera metonímia, passou a nomear apenas a membrana mucosa. Cada uma das membranas serosas, em forma de saco de paredes duplas, independentes entre si, de cujos folhetos um fora os pulmões e o outro reveste a superfície interna da caixa torácica do lado correspondente. Têm origem mesodérmica e se formam a partir do hipômero.

Plexiforme – do latim *Plexus*, trançado, entrelaçado e *Formis*, em forma de.

Plexo - do latim *Plexus*, trança. A palavra provavelmente derivou do grego *Plékein*, envolver, enredar.

Pluripotente – do latim *Plure*, mais numeroso e *Potente*, que pode. São células com capacidade para transformar-se em qualquer outra célula do organismo exceto na célula embrionária.

Pneumático – do grego *Pneumatykos*, relativo ao ar, de *Pneuma*, sopro, espírito.

Pneumócito – do grego *Pneuma*, ar, vento, espírito e *Cytos*, célula. Células epiteliais que revestem os alvéolos pulmonares. São classificados em dois tipos o tipo I é pavimentosa e forma a barreira hemato-aérea e o tipo II forma células mais volumosas que secretam a substância surfactante que diminui a tensão superficial do alvéolo.

Podálico - do grego *Pous*, pé. Relativo ao pé.

Podócito - do grego *Pous*, pé e *Kytos*, célula. Célula epitelial da cápsula de Bowman que tem a função de suporte semelhante a um pé.

Polaridade – do grego *Pol*, extremidade de um eixo e do latim *Ar* em, *Tat*, em. Condição em que existem propriedades ou potenciais opostos em direções contrárias.

Polegar – do latim *Polles*, polegar. No entanto, a origem da palavra é incerta. Talvez do grego *Pollein*, ser forte, ou mesmo do latim *Polleo*, eu tenho poder, força. Na cultura romana, o polegar tinha grande importância por ser o mais forte de todos os dedos da mão. Os imperadores traziam os anéis de sinete neste dedo e o polegar apoiado no dedo indicador significava aprovação, sua extensão para baixo (*Pollice verso*) significava condenação. Este hábito foi de uso popular durante as lutas nos circos romanos, selando caprichosamente o destino dos gladiadores. O gentio de *Polles* é *Pollicis*. A palavra polícia, designando instituição com poder tem a mesma origem do latim *Pollere*, ter força, ter poder.

Poli - do grego *Polys*, muitos.

Policromatofilia - do grego *Polys*, muitos; *Chroma*, cor e *Philein*, gostar. Que tem afinidade para muitas cores.

Polimerase- do grego *Poly*, muito, numeroso, frequente; *Mer(o)*, parte e *Asa*, enzima. Qualquer enzima que cataliza a formação de um polímero, especialmente de um polinucleotídeo.

Polimorfismo – do grego *Poly*, muito, numeroso, freqüente; *Morph*, forma e *Ismos*, processo, estado. Propriedade dos seres vivos que podem apresentar diferentes formas ou aspectos.

Polimorfonuclear - do grego *Polys*, muitos; *Morphe*, forma e do latim *Nucleus*, pequena semente. Aplica-se aos leucócitos com núcleos de várias formas ou com vários núcleos (granulócitos).

Polinuclear - do grego *Polys*, muitos e do latim *Nucleus*, núcleo ou semente. É uma contração de "polimorfonuclear".

Poliploidia – do grego *Polys*, muitos; *Plo*, multiplicador; *Eidos*, que tem aspecto de. Quando a célula apresenta um número de cromossomos múltiplo de uma célula normal.

Polipo - do grego *Polys*, muitos e *Pous*, pés.

Polirribossoma - do grego *Polys*, muitos e *Rib*, em bioquímica seria uma pentose presente em alguns ácidos nucleicos' *Sôm(a)*, corpo. Agrupamento de ribossomas em forma de cordão que traduzem o RNA mensageiro, ao qual estão presos.

Polisoma - do grego *Polys*, muitos e *Sôm(a)*, corpo. É o mesmo que polirribossoma.

Polissacarídio - do grego *Polys*, muitos e *Sakharon*, açúcar.

Politenico - do grego *Polys*, muitos e *Taini*, cinta, banda. Aplica-se a cromossomos filamentosos com número elevado de cromátides.

Polivalente - do grego *Polys*, muitos e do latim *Valens*, valer, poder.

Pólo – do latim *Polus*, pólo, extremidade do grego *Pólos*, eixo, vara.

Polpa – do latim *Pulpa*, carne magra.

Ponte – do latim *Pons*, ponte.

Ponto – do latim *Pontus* ou *Punctum*, ponto e *Pungere*, picar.

Poplíteo – do latim *Poplitis*, relativo ao jarrete do latim *Poples*, Jarrete. A palavra *Poples* designava a parte posterior do joelho, o jarrete e; também dava nome a uma iguaria de porco, muito apreciada pelos romanos (semelhante ao nosso atual presunto).

Porção – do latim *Portio*, porção, parte.

Poros - do grego *Poros*, passagem, caminho.

Porta – do latim *Porta*, portão e *Portare*, carregar, levar. Hipócrates notou a veia entre o *Kólon* (intestino) e a *Pyle* (porta). Rufo de Éfeso chamou-a de "*Phlebs Pyle*", traduzida para "*veia ad ports hepatis*". Galeno usava o termo para a fissura transversa do fígado que ele achava ser a entrada para o órgão (*Porta hepatis*). Vesálio deu-lhe o nome atual "*vena portae*". De *Pyle*, temos "*Pilite*" a inflamação da veia porta. Pelo exposto foi dado esse nome porque essa veia entrava na pela parte principal ou porta do fígado. Atualmente um sistema porta perdeu esse significado, diz-se sistema porta quando um vaso se capilariza e a reunião dos capilares origina outro vaso de igual conteúdo sanguíneo, exemplo, sistema porta arterial (glomérulo no rim, arteríola aferente, capilar e

arteríola eferente), sistema porta-hipofisário (veia–capilares-veia) sistema porta hepático (veia-capilar-veia).

Portio - palavra latina que designa parte ou porção. A "portio vaginalis" é a parte do útero que faz saliência na vagina.

Posterior – do latim *Posterior*, mais atrás, comparativo de *Posterus*, mais atrás.

Pósterio - do latim *Posterus*, atrás.

Postrema – feminino do latim *Postremus*, superlativo de *posterus*, atrás.

Potássio - do inglês *Pot ash*, isto é, as cinzas (ash) que ficavam no recipiente (pot). A palavra foi mais tarde latinizada para "potassium".

Prega – do latim *Plica*, prega, ruga e *Plicare*, franzir, dobrar em franjas. A palavra *Plica* é obviamente uma abreviatura de *Plicatura*. Esta forma abreviada parece ter surgido em meados do século XII, em alguns escritos anatômicos traduzidos dos manuscritos árabes.

Pré-molar – do latim *Prae*, antes, à frente e *Molaris*, relativo à mó.

Prepúcio - do latim *Pre*, antes e *Putum*, palavra arcaica que significava pênis.

Principal – do latim *Principalis*, principal.

Prion – palavra criada em 1982, a partir das letras iniciais das palavras inglesas "*Proteinaceous Infectious + On* 'partícula'. Essas palavras originam-se do grego *Prôte(ina)*, substância fundamental e do latim *In-fēc*, introduzir, misturar e *On*, partícula. Trata-se de um agente infeccioso constituído por proteínas. Pode causar, entre outras, a encefalopatia espongiforme bovina (E.E.B., enfermidade da vaca louca), o tremor (scrapie) das ovelhas e no homem todas as variantes da enfermidade de Creutzfeldt-Jakob.

Procarionte – do grego *Pro*, antes de *Karyo*, semente, núcleo e *Oe*, que faz. Organismo formado por células procariontes, ou seja, que não contem o envoltório nuclear.

Procariota – do grego *Pró*, antes de e *Karyo*, semente, núcleo *Et(ēs)*, próprio de. Palavra criada por Chatton em 1925 para designar um tipo de célula caracterizada principalmente por não apresentar um núcleo diferenciado, apresentando seu material genético livre no citoplasma.

Prócero – do latim *Procerus*, elevado, alto, importante.

Processo - do latim *Processus*, projeção, derivado de *Pro*, para a frente e *Cedere*, ir. Aplica-se este termo aos tecidos ou órgãos que se projetam.

Proeminência – do latim *Proeminentia*, projeção à frente e *Proe*, antes, à frente e *Minere*, projetar. A proeminência laríngea da cartilagem tireóide da laringe, mais saliente no sexo masculino era conhecida como pomo de Adão. A expressão deriva da idéia de que um pedaço do fruto proibido teria parado na garganta de Adão, lembrando-o sempre, e a seus descendentes, do pecado. Para alguns, a expressão deriva da não tradução da palavra árabe *Adam*, que significa *homem*. Assim, nos textos árabes traduzidos, a expressão "saliência do homem" ficou "saliência de Adam" e daí talvez, por homofonia, a extrapolação para o personagem bíblico. Recentemente verificou-se que as mulheres também possuem essa proeminência. Como uma mulher tem um pomo de um homem? Então é Pomo de *Eva*, pois *Eva* em hebraico quer dizer mulher.

Proeminente – do latim *Proeminens*, projetado à frente.

Prófase – do grego *Pro*, antes de e *Phás(is)*, aparição. Fase inicial da mitose e/ou da meiose caracterizada pela condensação do DNA e aparecimento dos cromosomas, replicação dos centríolos, desaparecimento do nucléolo e do envoltório nuclear. No caso da meiose, o entrecruzamento dos cromosomas homólogos.

Profundo – do latim *Profundus*, profundo, no fundo, subterrâneo.

Progesterona – do grego *Pró*, a favor de, diante de, antes de e do latim *Gest(āre)*, levar adiante, estar grávida e do grego *Ona*, hormona esteróide. Hormônio esteróide feminino que é secretado pelo corpo lúteo que prepara o endométrio para a implantação; depois pela placenta para evitar a perda do embrião.

Projeção – do latim *Projections*, lançamento à frente e *Prae*, ante, à frente e *Jactare*, lançar.

Prolactina - do grego *Pró*, anterior e do latim *Lacte*, leite mais o sufixo *ina*, natureza de. Hormônio produzido e liberado pela hipófise, que estimula, sob determinadas condições, a secreção do leite pelas glândulas mamárias.

Prolongamento – do latim *Prolongamentum*, alongamento, distensão.

Prometáfase – do grego *Pró*, antes de; *Metá*, em meio a, *Phás(is)*. Aparecimento. Parte da divisão celular que precede a metáfase, onde o envoltório nuclear se desintegra e ocorre a liberação dos cromossomos no citoplasma.

Promontório – do latim *Promontorium* ou *Promunturium*, Cabo, promontório.

Pronador – do latim *Pronare*, virar para baixo, e *Actor*, agente. Vesálio usou os termos “*Pronum*” e “*Supinum*” para a ação dos músculos radiais, que viram a mão superior e inferiormente, assim, temos: “*musculus radium in pronum (ou supinum) ducens*”.

Pronefron – do grego *Pró*, antes de e *Nephr(o)*, rim. No sentido embriológico é o que aparece antes do rim verdadeiro.

Próprio – do latim *Proprius*, próprio, particular.

Proprioceptor – do latim *Prōpri(um)*, próprio, particular e *Cēp*, receber, colher e *Tōr(em)*, que faz. Receptor sensorial que recebe estímulos internos; especialmente os localizados nos músculos, tendões ou articulações que captam informações sobre a posição e o movimento de aparelho locomotor e os envia ao cérebro.

Prosencéfalo – do grego *Pro*, antes, à frente e *Enkephalos*, encéfalo, cérebro.

Próstata - do grego *Pros*, antes e *Sta*, parar. No grego antigo a palavra significava "um guarda que permanecia na frente". A próstata seria comparada a um guarda estacionado antes da bexiga. Na Grécia antiga, a palavra *Prostates* significava “o que está à frente” e designava os chefes e líderes religiosos ou os que presidiam reuniões públicas (porque vinham à frente do cortejo). Em anatomia Herófilo denominava a próstata, “glândula anterior”. Aristoteles apenas mencionava as vesículas seminais, não descrevendo a próstata, chamando-as de varizes prostáticas e Galeno dava o nome de *Prostatai* ao conjunto da próstata e vesícula seminal, sem distinção, devido às dissecações realizadas em animais que não possuíam estes órgãos bem definidos. Vesálio chamava o órgão de “*Corpus glandosum*”. O sentido atual do termo foi introduzido por Bartholin. O lobo médio da próstata foi descrito por Hume, provavelmente copiando manuscritos de John Hunter.

Protease – do grego *Prōte-(īna)*, primeiro, de primeira classe e do latim *Īna*, substância fundamental e *Asa*, enzima. Enzima que provoca a proteólise, ou seja, a quebra das ligações peptídicas que unem os aminoácidos.

Proteína - do grego *Protos*, *Prōteios*, primeiro, de primeira classe, e do latim *Īna*, substância fundamental. Esta palavra foi introduzida por Gerard Johannes Mulder, agrônomo e químico holandês que escreveu em 1838 que sem proteína seria impossível a vida em nosso planeta. Compostos orgânicos de grande peso molecular, constituídos por longas cadeias de aminoácidos que tem formas estruturais complexas e desempenham papéis de extrema importância para a vida das células e dos organismos.

Proteoma – do grego *Prōte-(īna)*, primeiro, de primeira classe, do latim *Īna*, substância fundamental e do grego *Ō-ma*, conjunto. Conjunto das proteínas expressas em uma célula sob certas condições ambientais e estágio do desenvolvimento, ou seja, todas as proteínas codificadas pelo genoma de um organismo que se expressam em um determinado tipo de célula, dependendo das condições ambientais e estágio do desenvolvimento.

Proteossoma – do grego *Prōte-(īna)*, primeiro, de primeira classe, significa proteína, e *Soma*, corpo. É um complexo protéico presente em todas as células eucariotas e archaea, assim como em algumas bactérias, que se encarrega de realizar a degradação de proteínas (proteólise) não necessárias ou danosas à célula. Nas células eucarióticas os proteossomos podem ser encontrados no núcleo e no citoplasma. Os proteossomos representam um importante mecanismo pelo qual as células controlam a concentração de determinadas proteínas mediante a degradação das mesmas. As proteínas a serem lisadas são marcadas por uma pequena proteína denominada de ubiquitina.

Protista – do grego *Prōt(o)*, primeiro, prévio e *Ist-os*, muito. Em grego *Prōtistos* significa primeríssimo. Esta palavra foi introduzida por Haeckel em 1868 para designar o conjunto de seres de estrutura mais simples (protozoários, protofitos), frente à dicotomia tradicional entre o reino animal e o vegetal. Atualmente refere-se a organismos constituídos por células eucariontes, unicelulares ou pluricelulares, que não apresentam tecidos diferenciados nem órgãos, tais como algas, protozoários, e fungos inferiores.

Protoplasma - do grego *Protos*, primeiro e *Plasma*, coisa formada. Esta palavra foi usada inicialmente por Purkinje em 1840, com referência ao material que formava os embriões, material que sabemos hoje serem células. Utiliza-se atualmente este termo para designar o material que compõe as células. Huxley definiu este material como a base física da vida.

Protozoário - do grego *Protos*, primeiro e *Zoon*, animal.

Protrombina - do grego *Pro*, antes e *Thrombos*, coágulo.

Protuberância – do latim *Proe*, antes, à frente e *Tuberis*, tumoração.

Proximal - do latim *Proximus*, que está mais perto.

Pseudopodo - do grego *Pseudos*, falso e *Pous*, *Podos*, pé. Expansões ou prolongamentos citoplasmáticos, que têm papel na locomoção e no englobamento de substâncias, partículas, próprio de células fagocitárias e de alguns protozoários.

Psoas – do grego *Psoa* ou *Psoai*, lombo. Galeno usava o termo grego *Psoa* também para os músculos da região lombar e Jean Riolan transcreveu a palavra para o latim *Psoas*. Foi o primeiro a descrever o psoas menor.

Pterigóide – do grego *Pteryx*, asa e *Oidés*, semelhante a. Galeno aplicou o termo “*Pterigoeides apóphysis*” para os processos inferiores do osso esfenóide. Vesálio, embora os chamasse “*Vespertilionum alarum*”, reintroduziu o termo Pterigóides. Os músculos Pterigóides foram descritos e nomeados por Jean Riolan.

Ptério – do grego *Pteryx*, asa. A terminação *ion* em anatomia provavelmente deriva de *Kranion*, e foi incorporada a vários termos relacionados ao crânio, como *Pterion*, *Asterion*, *Gonion*, *Gnation* etc. O *Ptério* é o ponto craniométrico assinalado pelo encontro dos ossos frontal, parietal, temporal e esfenóide.

Ptialina - do grego *Ptyalon*, saliva.

Púbico – do latim *Pubicus*, relativo ao púbis.

Púbis – do latim *Pubes*, púbere, adulto.

Pudendo - do latim *Pudendum*, envergonhar-se de. Empregado com referência aos órgãos genitais externos.

Pulmão – do latim *Pulmo*, pulmão. Possivelmente o termo derivou do grego *Pleumon*, variante do grego *Pneumón*, pulmão.

Pulmo - do latim *Pulmo*, pulmão.

Pulpar – do latim *Pulparis*, relativo à carne macia. O mesmo que pulposo.

Pulposo – do latim *Pulpous*, relativo à carne macia. O mesmo que pulpar. O termo *Pulpa* era aplicado, em Anatomia, a várias estruturas que tinham em comum a característica de maciez (polpa dos dedos, polpa do dente, polpa lial etc). Cícero chamava *Pulpa* às mamas e/ou nádegas de adolescentes.

Pulso - do latim *Pulsus*, batimento ou choque.

Pulvinar – do latim *Pulvinar* ou *Pulvinus*, tarvesseiro, almofada. A palavra também era escrita *Polvinar* ou *Polvinus* e provavelmente derivou do latim *Pulvinulus* (um pequeno banco de areia ou elevação de terra) derivada de *Pulvis* (pó, poeira). Designava também a porção mais elevada (cabeceria) do leito (*Thalamus*).

Punho – do latim *Pugnu*, punho. O equivalente grego é *Karpós*.

Pupila - do latim *Pupilla*, diminutivo de *Pupa*, menina. Consta que foi dado tal nome a essa parte do globo ocular porque os objetos do exterior ali se refletem em tamanho muito pequeno, assim

como a do observador refletida nela. A palavra também era escrita *Pupulla* e tinha outros significados como aluna, jovem discípula ou órfã menor de idade.

Purkinje – Nome próprio masculino. Johannes Evangelista Purkinje (1787-1869), nascido na Boêmia, foi o primeiro Fisiologista a manter um laboratório em caráter oficial (1842), sendo professor de Fisiologia em Breslau (183-1850) e depois em Praga. Exímio Histologista iniciou os cortes com o micrótomo (antes feitos à navalha) e foi pioneiro no uso do bálsamo na montagem de lâminas e do ácido acético e bicromato de potássio na técnica histológica. Notou a importância das impressões digitais (1823) descreveu as glândulas sudoríparas (1825) e introduziu o termo protoplasma (1839); descobriu também as células do cerebelo (1835) e as fibras subendocárdicas (1839). Células de Purkinje. Estas células estão entre os neurónios maiores no cerebelo, com uma árvore dendrítica muito elaborado, caracterizadas por um grande número de espinhas dendríticas. As células de Purkinje formam a camada de Purkinje, uma camada do cortex no cerebelo, localizada entre a camada molecular e a camada granulosa. As células de Purkinje encontram-se alinhadas como peças de um dominó colocadas uma em frente à outra. Sua árvore dendrítica forma camadas bidimensionais através das quais passam fibras paralelas provenientes das células musgosas localizadas na camada granulosa. As células de Purkinje enviam projeções inibidoras para o núcleo cerebelar profundo, e constituem a única saída de toda a coordenação motora no córtex cerebelar.

Púrpura – do grego *Porphýrā*, molusco que produz uma tinta violácea. Este termo foi introduzido em patologia em 1735 por Werlhof para designar afecções da pele tais como, manchas ou pontos roxos devido a pequenas hemorragias subcutâneas ou também chamadas de petéquias.

Putame – do latim *Putamen*, casca de noz, carapaça de tartaruga. Na linguagem rural (*Rus*, em latim significava zona agrícola, em oposição a *Orbs*, cidade), putamen era a poda que se fazia regularmente nas árvores frutíferas, após a colheita, no sentido de prepará-las para a primavera. Por extensão, passou a designar o produto da poda e também do broto remanescente. Por causa disto, alguns etimologistas alegam, sem muita convicção, que a palavra derivaria de *Putare*, podar.

Q

Q.S. - Abreviatura das palavras latinas "*Quantum Sufficit*", quanto basta. Usada nas receitas médicas.

Quadrado – do latim *Quadratus*, quadrado, que tem quatro lados.

Quadriceps – do latim *Quadri*, quadro, e *Caput*, cabeça

Quadril – do latim *Quadrus*, esquadro, quadrado, equilibrado.

Queratina – do grego *Kerat*, de textura córnea, e *In*, substância. Substância protéica muito rica em enxofre, que constitui a parte fundamental das camadas mais externas da epiderme nos vertebrados.

Queratinócito - do grego *Kerat*, de textura córnea, e *In*, substância e *Kytos*, célula. A célula mais freqüente da epiderme que sintetiza queratina.

Quiasma - do grego *Chiasma*, duas linhas cruzadas. Também pode vir do termo grego *Schisma*, dividir. O nome da letra grega *Chi* maiúscula é X. O verbo grego *Chiazein* significava marcar um erro, mostrar um engano porque era costume os gregos antigos marcarem os erros à margem de um manuscrito com este sinal.

Quilífero - do grego, *Chylos*, suco, secreção e do latim *Fer-u(m)/-a(m)*, que leva. Termo aplicado aos vasos que levam o quilo ao sangue.

Quilo - do grego, *Chylos*, suco, secreção. Aplica-se especialmente aos sucos produzidos pela digestão. Em grego, as palavras *Chylós* (quilo) e *Chymós* (quimo) eram quase idênticas, a primeira tendo o significado de uma secreção ou suco preparado, produzido; e a segunda, uma secreção, em estado natural. Galeno acreditava que o alimento digerido era absorvido nos intestinos e transportado ao fígado, através da veia porta, como *Chylós*, isto é, uma secreção já elaborada.

Quimera – do grego *Khímaira*, cabra. Monstro mitológico com cabeça de leão e corpo de cabra. Da-se esse nome a um organismo criado artificialmente que se desenvolve de um embrião que se compõem de células de dois indivíduos diferentes, portanto de dois genótipos distintos; também se aplica ao fenômeno parecido produzido por inxertos.

Quimiorreceptor – do grego *Khymeí*, química e *O*, repetição, com intensidade e *Coger*, recebe e do latim *Tōr(em)*, que faz. Receptores adaptados a estímulos químicos, assim como o paladar, o olfato ou nos corpos carótido ou aórtico.

Quimo - do grego *Chymos*, suco.

Quinase (cinase) – do grego *Kín(ē)*, mover e *Asa*, enzima. Substância enzimática que converte uma pró-enzima em uma enzima, especificamente transferindo um grupo fosforilado do ATP (ou fosfato de alta energia) para outra molécula aceptora.

Quitina – do grego *Khit(ōn)*, túnica, camada e *In(a)*, substância. Polímero de cadeia longa é o principal polissacarídeo da parede celular dos fungos e também forma o exoesqueleto dos artrópodes.

R

Radiado – do latim *Radiatus*, irradiado, disposto em forma de raios.

Radial – do latim *Radialis*, relativo ao osso rádio.

Radical - do latim *Radix*, raiz.

Radícula – do latim *Radícula*, diminutivo de *Radix*, raiz.

Radicular – do latim *Radicularis*, relativo a radícula raiz.

Rádio - do latim *Radius*, raio de uma roda. Pela sua forma, o osso foi comparado aos raios de uma roda e o termo parece ter sido introduzido por Celso. O elemento químico descoberto pelo Casal Curie, em 1898, recebeu este nome pela sua característica de emitir raios ou irradiar.

Rafe – do grego *Raphé*, costura, sutura. Este termo é arcaico, usado nos poemas homéricos no sentido de costura de arreios ou amarras de armaduras. *Raphé* foi traduzida para o latim por Celso, como sutura e seu uso só foi difundido a partir do século XVIII.

Raio – do latim *Radius*, raio de roda, estaca.

Raiz – do latim *Radix*, raiz

Ramo – do latim *Ramus*, ramo.

Rampa – do latim *Scala*, degraus, escada e *scandere*, subir, trepar. Na nomenclatura anatômica a palavra original é *Scala* e foi traduzida para rampa. Na orelha média não há, realmente degraus ou escada (o que mostra a impropriedade do termo). Talvez a palavra sugira, por extensão, a idéia clara de subida das rampas, pois estas se encontram no ápice da cóclea (helicotrema), após ascender desde sua base, embora alguns aleguem que a semelhança adviria da escada circular, em caracol. A palavra rampa, em português, deriva do antigo termo árabe *Rimpfam*, garra, gancho, unha, que passou a significar subida ou ladeira porque escalar um terreno elevado era necessário agarra-se com ganchos ou unhas. O termo rampante com este significado permaneceu em botânica e animais trepadores.

Rânula - do latim *Rana*, rã, com o diminutivo *Ula*. Foi dado esse nome ao cisto da glândula sublingual devido à voz grossa e áspera, "voz de rã", que apresentam os pacientes de tal afecção.

Raqui – do grego *Rhakhí(d)*, coluna vertebral.

Raquideano - do grego *Rhakhí(d)*, coluna vertebral e do latim *Ān-u(m)/-a(m)*, relativo. Que está relacionado com a coluna vertebral ou medula espinal.

Rasgado – do latim *Lacerus*, rasgado, lacerado.

Receptor - do latim *Re*, para trás, *Cep*, recebe e *Tor*, que faz. O que faz recepção. Estrutura especializada do organismo, que recebe estímulos e os transmite aos órgãos nervosos correspondentes.

Recesso – do latim *Recessus*, recuado, afastado.

Recidiva – do latim *Recidivo*, que volta. Popularmente conhecido como recaída é o retorno da atividade de uma doença. Pode ser uma manifestação clínica ou laboratorial. Quando a doença não apresenta atividade detectável diz-se que há uma remissão completa.

Recombinação – do latim *Re*, para trás, repetição; *Com-binā(re)*, Unir de dois em dois, emparelhar, *T-iōn(em)*, exprime uma ação. Recombinação gênica: Processo que leva a obtenção de um novo genótipo pela troca de material genético entre sequências homólogas do DNA.

Recorrente – do latim *Recurrents*, retornado e *Recurrere*, voltar, retornar.

Rede – do latim *Rete*, rede.

Redondo – do latim *Teres*, tubo redondo, cilindro. Os músculos redondos maior e menor foram assim denominados por William Cowper, embora não tenham realmente este formato, nem externamente nem em secção.

Reflexo – do latim *Reflexus*, voltado sobre si e *Reflectere*, voltar-se.

Regeneração - do latim *Re*, outra vez e *Generare*, produzir.

Região – do latim *Regio*, região, local.

Rego (Rivus) – do latim *Rivus*, regato, ribeiro.

Remédio - do latim *Res*, coisa e *Medeor*, que cura.

Remoinho – do latim *Re*, de novo e *Molinare*, mover as pás do moinho, moer.

Renal – do latim *Renalis*, relativo aos rins, e *Ren*, rins.

Renina – do latim *Ren*, rim e *In*, substância química. É uma enzima proteolítica secretada e armazenada nos rins; sua função no sangue é converter o angiotensinogênio em angiotensina.

Replicação – do latim *Re-plic(āre)*, tornar a dobrar, repetir e *T-iōn(em)*, ação. Processo pelo qual o material genético de um organismo origina uma cópia de si mesmo.

Reprodução – do latim *Re*, para trás, repetição e *Pro*, adiante, *Dūc*, conduzir, levar. Processo biológico que permite a produção de novos organismos o que é comum a todas as formas de vida conhecidas; as duas modalidades básicas são a assexual ou vegetativa e a sexual ou germinativa.

Respiração - do latim *Re*, outra vez (expressa o sentido de repetição) e *Spirare*, respirar. Abrange os dois atos: a inspiração e a expiração. **Respiração celular (Citologia)**: conjunto de reações químicas, no interior da célula, entre o oxigênio e os componentes alimentares (glicose, ácidos graxos e aminoácidos) para a obtenção de energia; neste processo se desprende dióxido de carbono e água. **Respiração celular (Fisiologia)**: transporte de oxigênio da atmosfera para as células, e o inverso, transporte de dióxido de carbono (CO₂) das células para a atmosfera novamente. Este processo consta de três etapas: 1) ventilação pulmonar, que é a entrada e a saída do ar entre a atmosfera e os alvéolos pulmonares (inspiração e expiração); 2) difusão do oxigênio e do dióxido de carbono entre alvéolos e sangue; 3) transporte de oxigênio e dióxido de carbono pelo sangue e líquidos corporais para as células ou destas para o sangue.

Respiratório – do latim *Respiratorius*, relativo à respiração, que respira.

Ressecção - do latim *Re*, outra vez e *Sectio*, operação cirúrgica, amputação, cortar fora. O termo *Sectio*, *sectionis* foi utilizado pela primeira vez por Plínio no século I d.C., com o sentido de operação cirúrgica, amputação. O prefixo *Re* neste caso exprime a ideia de repetição, reiteração. Na linguagem médica deve-se preferir ressecção ao invés de resseção, pois corresponde ao inglês resection, résection em francês e resección em espanhol.

Restiforme – do latim *Restis*, corda, cabo e *Formis*, em forma de. O corpo restiforme, conhecido também como pedúnculo cerebelar inferior, foi descrito em detalhes e nomeado por Ridley em 1695.

Retal – do latim *Rectalis*, relativo ao reto.

Reticular – do latim *Reticularis*, relativo à rede.

Retículo – do latim *Reticulum*, diminutivo de *Rete*, rede.

Reticulócito - do latim *Reticulum*, diminutivo de *Rete*, rede e do grego *Kytos*, célula. Esta célula, precursora das hemáceas, quando corada aparecem no citoplasma regiões coradas em grânulos ou em rede. Este termo foi introduzido por Krumbhaar em 1922 na Inglaterra.

Retina - do latim *Retina*, provido de fina rede. Herófilo foi o primeiro a descrever a retina. Galeno em suas dissecções de animais inferiores chamava a retina de *Amphiblestron*, palavra que em grego tinha dois significados: uma membrana envolvente ou fina rede para cobrir o pescado e é óbvio que Galeno usou-a no primeiro sentido. Gerard de Cremona, ao traduzir as obras de Avicena, adaptou o termo árabe *Reschet* (equivalente ao primeiro sentido da palavra *Amphiblestron*) no segundo sentido e inventou a palavra retina. Vesalio entendeu o sentido da palavra e assinalava o engano, chamando a retina de "*involucrum corporis vitrei*". Alguns etimologistas alegam que a palavra latina seria a transcrição literal do grego de *Retine*, resina, por causa da consistência do humor vítreo e, por extensão, da membrana que o contém.

Retináculo – do latim *Retinaculum*, amarra, correia, e *Retinere*, reter, segurar.

Reito - do latim *Rectus*, reto, direto, sem flexuras. O segmento terminal do intestino grosso, na espécie humana, não é reto em nenhum sentido, mas o termo foi introduzido por Galeno após dissecar mamíferos inferiores. É interessante notar que nem sempre o reto foi considerado a última parte do intestino, mas antigamente era a primeira porque possibilitava o acesso direto ao intestino (para clitoris, por exemplo). Assim Hipócrates e Mondino de Luzzi nomeavam o duodeno como a última porção dos intestinos e chamavam o reto de *Archos*, o início. Esta visão persistiu na posição das pregas transversais do reto (a primeira é a inferior e a terceira, a superior). O termo ainda nomeia uma pretensa característica morfológica de alguns músculos estriados esqueléticos. O termo grego equivalente é *Proctos*.

Retroduodenal – do latim *Retro*, para trás e *Duodenalis*, relativo ao duodeno.

Retropúbico – do latim *Retro*, para trás e *Pubicus*, relativo ao púbis.

Ribose – palavra criada por Fischer em 1891 a partir de arabinose, tipo de açúcar. *Rib*, na bioquímica para designar a aldopentose presente em alguns ácidos nucleicos e a terminação *Osa* que em química significa carboidrato.

Ribossoma – do inglês *Rib*, aldopentose presente em alguns ácidos nucleicos e do grego *Som*, corpúsculo celular. Organela celular onde se realiza a tradução da expressão gênica.

Rim - do latim *Ren* que é singular de *Renes*, que significa órgão duplo. O equivalente grego é *Nephrós*. Claudius GALENO (131-200 D.C.) fundador da fisiologia experimental (mostrou que a urina se forma nos rins e não na bexiga; provou que a secção da medula espinhal provoca paralisia abaixo do nível da secção). Rins eram popularmente considerados como a sede da consciência e reflexão, e uma série de versículos da Bíblia referem que Deus inspeciona os rins, ou rédeas, dos seres humanos. Da mesma forma, o Talmud afirma que um dos dois rins é bom e outro mau. O termo latino *Renes* em inglês está relacionado com a palavra rédeas, termo utilizado por Shakespeare (*Alegres Comadres de Windsor*).

Rima – do latim *Rima*, fenda, rachadura e *Rimor*, fender, sulcar. Também existem as hipóteses da derivação de *Ringere*, arreganhar os dentes, afastando os lábios ou mesmo do grego *Rigma*, fratura, quebra. Tecnicamente o termo aplica-se unicamente ao intervalo entre margens opostas (Ex. Lábios, pregas, pálpebras etc) e não as paredes propriamente ditas.

Rinal – do grego *Rhinio*, relativo ao nariz, ao olfato.

Rinencéfalo – do grego *Rhinion*, relativo ao nariz, ao olfato e *Enkephalos*, encéfalo, cérebro.

Risório – do latim *Risorius*, que faz sorrir, e *Risus*, sorriso.

Ritmo – do grego *Rhythm(o)*, cadência, ritmo. Em medicina significa cadência do pulso.

Rodopsina – do grego *Rrhodo*, rosa e *Opsía*, visão e *In(a)* quím. Substância. Pigmento avermelhado fotossensível próprio da retina de peixes marinhos e vertebrados superiores que é importante na visão noturna.

Rombencéfalo – do grego *Rhombos*, obtuso, rombudo e *Enkephalos*, encéfalo, cérebro.

Rombóide – do grego *Rhombos*, obtuso, rombudo e *Oidés*, forma de.

Rostro – do latim *Rostrum*, bico de ave, esporão de anvío, objeto pontudo. Por causa da ação do bico das aves alguns etimologistas associam *Rostrum* a *Rodere*, roer. O termo também era a forma arcaica de “*Rosto*”. Os *Rostra* eram tribunas fixas para os oradores na praça pública (*Forum*), ornadas frontalmente com esporões dos navios tomados aos Volscos por Âncio durante a guerra de 350 a.C. Em seu sentido anatômico, como sinônimo de projeção anterior, a palavra deriva deste estrado. Ao termino da 1ª guerra púnica, erigiu-se em Roma, como monumento votivo a “*Columna Rostralis*”, guarnecida dos esporões dos navios tomados ao inimigo, por ocasião da vitória de Duílio.

Rotador – do latim *Rotare*, rodar, dar voltas e *Actor*, agente.

Rótula – do latim *Rot(am)*, roda e *Ula(m)*, pequena. Osso plano e redondo localizado na região anterior do joelho, sua face anterior é convexa, enquanto que a posterior é lisa. No latim clássico rótula significa rodinha, mas não é documentado seu uso anatômico, visto que só aparece na época medieval, na Espanha em 1493. O termo utilizado para esse osso é patela.

Rubro – do latim *Ruber*, vermelho.

Ruga – do latim *Ruga*, ruga, prega, dobra.

S

Sacarose - do grego *Sakcharon*, açúcar.

Sacciforme – do latim *Saccus*, saco, odre e *Formis*, em forma de.

Saco – do latim *Saccus*, saco, odre. Os antigos romanos chamavam *Saccus* ao pequeno recipiente de couro usado para guardar vinho ou para um pequeno saco com ervas usado colado ao corpo, com fins medicinais.

Sacro – do latim *Sacrum*, sagrado, intocável, não profano. Os gregos e Galeno chamavam este osso de “*ieron osteon*” (osso grande), mas a palavra *ieron* tinha também o significado de “ilustre, importante, poderoso, glorioso”. Por este último sentido, a expressão foi traduzida para o latim com “os *sacrum*”. A partir desta confusão, diversas hipóteses foram aventadas para explicar a denominação deste osso. Para uns, guardaria as vísceras que seriam oferecidas como “*iguaria especial nos sacrificios*”, para outros porque seria o maior segmento da coluna vertebral; seria considerado como uma das bases da ressurreição, por causa de sua resitência à deterioração ou porque abrigava os “sagrados” órgãos da reprodução. A palavra “*sacrificio*” é composta do latim *Sacrum* (sagrado) e *Officium* (trabalho).

Saculiforme - Em forma de “sacos” ou bolsas.

Sáculo – do latim *Sacculus*, diminutivo de *Saccus*, saco, odre.

Safena – origem duvidosa pode ter vindo do grego *Saphena*, visível, claro, ou também do árabe *Al-safin*, secreto, escondido. O termo pode ter derivado da visibilidade óbvia das veias da perna, manifestada comumente pelas varizes. Mas esta palavra grega não tinha aplicação em anatomia e nem à veia em questão. A palavra “*al-safin*” (escondido, secreto) aparece nos textos de Avicena nomeando as veias do membro inferior e possivelmente os tradutores usaram, por homofonia, a palavra grega inadequada. Como a medicina árabe utilizasse costumeiramente as sangrias, as veias superficiais foram detalhadamente estudadas e o termo deve ter surgido por comparação com o trajeto das veias do membro superior, que são visíveis por toda sua extensão, ao contrário do que ocorre com as veias safenas (*magna* e *parva*), visíveis apenas parcialmente e, portanto, impróprias para aquele procedimento, por estarem escondidas ou ocultas.

Sagital - do latim *Sagitta*, seta, dardo. Dai significar: 1º - em forma de seta. 2º - reta, em direção ântero-posterior. Parece que a idéia de comparar esta sutura com um dardo vem da sua descrição nos trabalhos de *Ibn Jami*. O termo “sagital” foi introduzido por Henle e dado à sutura interparietal por causa de sua forma, semelhante a uma seta.

Saliva - do latim *Saliva*, suco da boca. Líquido alcalino claro, meio viscoso, segregado pelas glândulas salivares, vertido na cavidade bucal, e que serve para amolecer, facilitar a deglutição e iniciar a digestão de alguns alimentos.

Salpinge - do grego *Salpinx*, trompa, trombeta. Estrutura em forma de trompa, tuba, trompa de Falopio. Existe duas estruturas em anatomia que receberam esse nome devido a sua estrutura ter aparência de tuba. Seria a tuba do útero (trompa de Falopio) e a tuba auditiva (trompa de Eustáquio).

Salpingopalatino – do grego *Salpinx*, trombeta e *Palatinum*, relativo ao palato.

Sangue – do latim *Sanguis*, sangue. Líquido geralmente de cor roxa, que circula pelas artérias e veias do corpo dos animais. É constituído por uma parte líquida o plasma e por células em suspensão: hemácias, leucócitos e plaquetas. Sua função é distribuir oxigênio, nutrientes e outras substâncias para as células do organismo, e recolher destas os produtos de descarte (excreção).

Sarcolema - do grego *Sarx*, carne e *Lemma*, folha, membrana fina. Membrana muito fina que envolve por completo cada uma das fibras musculares. Corresponde à membrana celular das fibras musculares.

Sarcômero - do grego *Sarx*, *Sarkos*, carne e *Meros*, parte. Unidade estrutural e funcional das fibras musculares estriadas. Segmento da miofibrila, que se repete ao longo dela, e de cuja contração resulta no encurtamento da fibra muscular.

Sarcoplasma - do grego *Sarx*, *Sarkos*, carne e *Plás-m(a)*, líquido constituinte. Citoplasma das células musculares.

Sarcosoma - do grego *Sarx*, *Sarkos*, carne e *Sôm(a)*, Corpúsculo celular. Corresponde as mitocôndrias presentes no citoplasma das fibras musculares.

Sartório – do latim *Sartor*, alfaiate. O músculo recebeu este nome por causa de sua ação flexora e adutora da perna e, ao mesmo tempo, rotadora lateral, fazendo com que uma perna cruze sobre a outra, na típica posição de costura adotada pelos alfaiates romanos.

Sebácea – do latim *Sebaceus*, gorduroso e *Sebum*, sebo, untado. Glândula da pele que secreta e elimina gordura.

Seborréia - do latim *Sebum*, sebo e do grego *Rhoia*, fluxo.

Secção – do latim *Sectio*, corte, separação, divisão.

Secreção – do latim *Sē*, parte e *Crē*, separar. Em latim *Secrētiōn(em)* significa, separação. No entanto também pode ter vindo do grego *Ekkrisis*, secreção.

Secretina – do latim *Se*, parte; *Crē*, separar e *In(a)*, substância. Hormônio gastrointestinal que é liberado no duodeno quando chega o ácido proveniente do estômago; sua função é estimular a secreção do pâncreas.

Secundário – do latim *Secundarius*, não essencial, em segundo lugar.

Segmento – do latim *Segmentum*, parte, pedaço, fatia.

Segundo – do latim *Secundus*, segundo, depois do primeiro.

Seio - do latim *Sinus*, bolso, vaso, vela de barco, arco, espaço oco. Como se pode observar a palavra *Sinus* em latim, tinha diversas conotações diferentes, todas elas com o sentido “oco, escavado” ou “encurvado e saliente”. Designava uma dobra de tecido no vestido das mulheres para carregar e amamentar os filhos (mas não designava as mamas). É possível que esta confusão entre o local e órgão tenha gerado o sentido popular. Em anatomia, o termo é aplicado, propriamente no sentido de bolso, a cavidades e recessos com uma só entrada, como os seios paranasais e os seios das válvulas aórtica e pulmonar. No sentido de canal (como nos seios da dura-máter, no seio do tarso ou nos do pericário), o termo está incorreto.

Sela – do latim *Sella*, cadeira, e *Sedere*, sentar. A palavra provavelmente originou-se por aliteração do latim *Sedella* (assento), móvel simples e rústico, sem apoio para a cabeça ou o dorso, feito de tiras de couro trançadas sobre uma armação de madeira. Os gregos e romanos não tinham selas de couro e, portanto, a palavra significava, originalmente, apenas um local para sentar. As selas de couro e os estribos somente foram introduzidos no Ocidente no século IV,

pelos otomanos. Em anatomia, a sela turca (usada originalmente pela cavalaria do exército otomano) designa o reposteiro ósseo para a glândula hipófise.

Selar – do latim *Sellaris*, relativo ao assento, à cadeira.

Sêmen - do latim *Semen*, semente. Conjunto de espermatozóides e substâncias fluídas que são produzidas no aparelho genital masculino dos animais e da espécie humana.

Semicanal – do latim *Semi*, metade, meio, e *Canalis*, canal, fosso, tubo.

Semicircular – do latim *Semi*, metade, meio e *Circularis*, relativo ao círculo.

Semilunar – do latim *Semi*, metade, meio e *Lunaris*, lunar, relativo à lua.

Semimembranáceo – do latim *Semi*, metade, meio e *Membranosus*, membranoso.

Seminal – do latim *Seminalis*, relativo a sêmen e *Semen*, semente.

Seminífero - do latim *Semen*, semente e *Ferus*, carregar, levar, transportar.

Semipenado – do latim *Semi*, metade, meio e *Pennatus*, penado.

Semitendíneo – do latim *Semi*, metade, meio e *Tendinosus*, tendinoso.

Senil - do latim *Senilis*, relativo a envelhecimento prematuro ou mórbido.

Sensitivo – do latim *Sensitivus*, sensível, emotivo, impressionável.

Sensorial – do latim *Sensorialis*, relativo aos sentidos, à sensibilidade. O termo deriva do latim tardio (medieval) “*Sensorium*”, significando local das sensações, cunhado por Boécio.

Sentido – do latim *Sensus*, sentido e *Sentire*, sentir.

Septo – do latim *Septum*, cerca de madeira, tapume, e *Sepire*, cercar. Originalmente a palavra era *Saeptum* (cercado) e *Saepire* (cercar com sebe). Na antiga Roma, o *Saepta* (plural, *Septorum*) era um recinto cercado onde os cidadãos eram encerrados por centúrios e de onde saíam para votar, um de cada vez. Passou por extensão, em anatomia, a designar uma parede divisória.

Septomarginal – do latim *Septum*, cerca de madeira, tapume e *Marginalis*, relativo à margem.

Serosa – origem incerta. Talvez do latim *Serosus*, ligado, atado, ou uma corrupção do latim *Serum*, soro, parte aquosa do leite. *Serosus* poderia derivar do latim *Serere* (ligar, atar), significando também o agente da ação; ou de *Serum* (soro lácteo) e esta, provavelmente do latim *Serus* (tardio), porque era a porção restante do leite no processo de fabricação do queijo ou manteiga. Esta última associação seria devida à característica do líquido secretado pela membrana, semelhante ao soro, passando o nome a designar ambos (membrana e secreção).

Serotino – do latim *Serotinus*, vespertino, *Serus*, tardio, ao anoitecer. O terceiro dente molar recebeu este nome porque erupção tardiamente, depois do esperado.

Serotonina – termo híbrido do latim *Ser(um)*, Soro, do grego *Ton(o)*, Tensão e *In(a)* quím., Substância. Neurotransmissor do sistema nervoso central com ação vasoconstritora.

Serrátil – do latim *Serratus*, serreado e *Serrare*, serrar. O mesmo que serreada. Os músculos serráteis receberam este nome por causa de sua origem múltipla, com aspecto denteado, como uma serra.

Serreada – do latim *Serratus*, serreado, e *Serra*, serrote, o mesmo que serrátil.

Sesamo – do grego *Sēsamom*, planta ou semente de gergelim.

Sesamóide – do grego *Sesamen*, gergelim e *Oidé*, forma de. Por causa da semelhança entre estes pequenos ossos e as sementes do gergelim.

Sexo – do latim *Sexu*, sexo. Em anatomia corresponderia aos órgãos sexuais que distinguem entre o macho e a fêmea, tendo uma função específica para a perpetuação da espécie.

Sialorréia - do grego *Sialon*, saliva e *Rhoia*, fluxo.

Sigmóide - do grego *Sigma* (a letra grega S) e *Eidos*, semelhante. Antigamente a letra S maiúscula lembrava a nossa letra C. O termo era originalmente aplicado a várias estruturas encurvadas, sendo comum nas obras de Oribásio e Galeno. Nomeia a parte final dos colos e um dos seios da dura-máter, por causa de suas formas.

Simbiose – do grego *Sýn*, com, união; *Bios* vida e *O-sis*, processo. Associação de indivíduos animais ou vegetais de diferentes espécies, em que os associados “ou simbiontes” tem proveito da vida em comum. Em grego *symbiōsis* que significava 'convivência' mas não era usado com referência a animais, este termo foi reintroduzido em inglês em 1622; com o atual significado biológico proviente do alemão *Symbiose* antes de 1877.

Simetria – do grego *Sýn*, união, com e *Metr(o)*, medida. Adequada proporção das partes de um todo entre si e com o próprio todo. Regularidade no arranjo das peças ou pontos de um corpo ou figura, para ter um centro, um eixo ou plano de simetria.

Simpático – do grego *Sympathetikos*, simpático e *Syn*, junto com e *Pathos*, afeição, ânimo. Galeno admitia que o tronco simpático fosse apenas uma parte do nervo vago, devido provavelmente às comunicações deste como os primeiros gânglios cervicais. Vesalio embora tenha - lhe reconhecido a natureza diversa, continuou achando-o dependente daquele nervo. Thomas Willis foi o primeiro anatomista a perceber a real essência do tronco simpático, atribuindo-lhe este nome por causa de suas comunicações com quase todos os nervos do corpo. Durante séculos, a parte simpática do sistema nervoso autônomo recebeu também os nomes de *Nervus Magnus Harmonicus* e *Nervus Consensualis Magnus*.

Simples – do latim *Simplex*, simples, singelo, único.

Simporte - do grego *Sýn*, união, com e *Port*, transportar. Transporte de dois solutos através de uma membrana na mesma direção, aumento do fluxo simultâneo.

Sinapse - do grego *Syn*, junto e *Haptein*, tocar. Esta palavra foi criada para significar o ponto de contato dos neurônios.

Sinaptonêmico – do grego *Sýn*, união, junto; *Hap*, tocar, estar em contato e *Nē-m(a)*, fio. Estrutura proteica que ocupa a zona intermediária entre os cromossomos em sinapse no zigóteno.

Sinatrose - do grego *Syn*, junto, união; *Arthr(o)*, articulação e *Ō-sis*, processo. Termo criado por Galeno no século II d.C. Articulação não móvel, como ocorre nos ossos do crânio que estão unidos por tecido fibroso ou cartilaginoso, sem uma cavidade articular.

Sincicio - do grego *Syn*, junto e *Kyto*, célula. Uma célula ou massa protoplasmática com inúmeros núcleos.

Sinciotrofoblasto – do grego *Syn*, união, juntamente; *Throfos* (alimentação) e *Blastos* (formadora). É uma camada sincicial que se desenvolve a partir do trofoblasto, situada por fora do citotrofoblasto, na qual começam a surgir as lacunas trofoblásticas que levam a formação de vilosidades entre o embrião e placenta.

Sincondrose – do grego *Syn*, junto, com e *Chondros*, cartilagem.

Sindesmose - do grego *Syn*, junto e *Desmos*, ligamento. Sindesmose é uma sínfise fibrosa.

Síndrome – do grego *Sýn*, com, Junto, união e *Drom(o)*, carreira. *Syndromē* foi utilizado inicialmente por Galeno para significar tumulto. Este termo foi reintroduzido em 1519 com o significado atual para designar um conjunto de sintomas e sinais que ocorrem em uma mesma patologia e que em seu conjunto definem o diagnóstico e o quadro clínico de uma condição médica. Síndrome não é doença, é uma condição médica.

Sinéquia - do grego *Synechia*, continuidade. Significa “aderência”.

Sinergia – do grego *Sýn*, com, Junto, união e *Ergiā*, atuação. Termo utilizado por Aristóteles (IV a.C) para designar cooperação, foi reintroduzido inicialmente com esse significado em 1660; e na Inglaterra com o atual significado fisiológico em 1847. Contribuição ativa de vários órgãos ou medicamentos para realizar uma determinada função.

Sínfise -- do grego *Synphysis*, crescer junto. *Syn*, junto, com e *Physis*, sulco, crescimento.

Singâmico - do grego *Sýn*, junto, união e *Gamiā*, união sexual. União dos gametas para formar o zigoto.

Singular – do latim *Singularis*, isolado, solitário, singular.

Sinoatrial – do latim *Sinus*, golfo, bolso, vaso e *Atrialis*, relativo ao átrio.

Sinostose – do grego *Sýn*, União, *Oste(o)*, osso e *Ó-sis*, processo. União de ossos adjacentes por meio de matéria óssea, como as soldaduras dos ossos de crânio.

Sinóvia - do grego *Syn*, com e do latim *Ovum*, ovo. A sinóvia tem aparência de clara de ovo. O termo foi introduzido por Paracelso, provavelmente pela semelhança de cor e consistência do líquido articular com a clara do ovo. Mas ele usava a palavra sinovia também para designar qualquer fluído corporal claro (líquido pleural, peritoneal e cerebrospinal).

Síntese - do grego *Syn*, junto e *Thé-sis*, disposição; e do latim *Synthesis*, composição. Processo de obtenção de um composto a partir de substâncias mais simples.

Sinusóide - do latim *Sinus*, seio ou cavidade e do grego *Eidos*, semelhante.

Sistema – do grego *Systima*, conjunto e *Syn*, junto, com e *Istemain*, estar situado, ficar. Vide o termo aparelho. É um conjunto de elementos ligados harmonicamente, de modo a formar um todo organizado. É uma definição que acontece em várias disciplinas, como biologia, medicina, informática, administração. Conforme mencionado vem do grego *Syistima* significa "combinar", "ajustar", "formar um conjunto". Em biologia seria um conjunto de órgãos que no conjunto realizam uma determinada função, tal como no sistema digestório, urinário, respiratório etc.

Sístole - do grego *Syn*, junto e *Stellein*, apertar. Contração do músculo cardíaco ou qualquer víscera oca. No coração, distinguem-se sístoles auriculares ou atriais e as sístoles ventriculares.

Sódio - Eis uma palavra cuja origem permanece desconhecida.

Sóleo – do latim *Solea*, sola de sandália, sôlha (peixe achatado). Seu nome provém provavelmente da forma semelhante à solha, um peixe de corpo achatado (*Pleuronectus solea*).

Solitário – do latim *Solitarius*, isolado, separado, solitário.

Soma - do grego *Soma*, corpo.

Somático – do grego *Somatykos*, somático, relativo ao corpo. Os médicos gregos tinham sua doutrina apoiada na divisão do corpo humano, filosoficamente, em três partes: *Soma*, *Phrén* e *Psyché* (corpo, mente e alma). Usavam a palavra *Somatykos* (do corpo) em oposição à *Phrenykos* (da mente) mas não à *Psychikos*. A *Psyché* não era considerada como geradora de doenças, na Medicina grega.

Somatopleura – do grego *Sôm(a)*, corpo e *Pleur(á)*, Costelas. Parede lateral do embrião que consiste em uma camada ectodérmica alinhada com o mesoderma.

Somito - do grego *Sôm(a)*, corpo *Éit(ês)*, elemento anatômico. Cada um dos elementos em que se divide o mesoderma do tronco do embrião.

Soro – do latim *Ser(um)*, soro. Suspensão aquosa de substâncias compatíveis com os organismos vivos devido as suas características físico-químicas (osmóticas, pH e iônicas).

Subclávio – do latim *Sub*, abaixo, sob e *Clavius* (*Clavicularis*), relativo à clavícula.

Subdural – do latim *Sub*, baixo de; *Dūra(m)*, dura e *Mãtre(m)*, mãe. O que se localiza abaixo da duramater.

Submandibular – do latim *Sub*, abaixo, sob, *Mandibula*, queixo.

Substância – do latim *Substantia*, material, essência, substância e *Sustare*, existir.

Subtálamo - do latim *Sub*, abaixo, sob e do grego *Thalam*, leito nupcial. Pequena área que fica na região posterior do diencefalo, abaixo do sulco hipotalâmico, na transição do mesencefalo com o diencefalo. Sua principal estrutura é o núcleo subtalâmico.

Suco – do latim *Sūcu(m)*, suco, secreção. No aspecto fisiológico representa a secreção de células ou de glândulas, tal como: suco gástrico, secreção enzimática, ácida, do estômago, secretada pela mucosa gástrica; sua natureza ácida facilita a degradação dos alimentos para sua absorção; ou secreção enzimática de natureza alcalina da porção exócrina do pâncreas, que é liberada no intestino; facilita a degradação dos hidratos de carbono para sua absorção.

Sudorípara - do latim *Sudor*, suor e *Fer-u(m)/a(m)*, que leva. Glândula da pele que elimina o suor. Glândula túbulo-enovelada.

Sulco – do latim *Sulcus*, fenda, greta.

Suor - do latim *Suor*.

Supercílio – do latim *Super*, acima, sobre e *Cilium*, cílio, pestana.

Superficial – do latim *Superficialis*, na superfície, e *Superficies*, a face superior. A palavra *Superficies* é composta de *Super*, acima, sobre e *Facies*, corrupção de *Facies*, face, lado de uma coisa ou objeto, portanto “o que está em cima, à vista.

Superior – do latim *Superior*, comparativo de *Superus*, em cima, sobre.

Supinador – do latim *Supinare*, deitar de costas e *Actor*, agente. Vesálio usou os termos “*Pronum*” e “*Supinum*” para a ação dos músculos radiais que viram a mão superior e inferiormente. Assim temos: “*Musculus radium in pronum (ou supinum) ducens*”.

Supra-renal – do latim *Supra*, acima, sobre e *Renalis*, relativo aos rins. Termo alternativo para designar a glândula adrenal. No entanto o nome mais adequado segundo a nomenclatura anatômica é supra-renal.

Suprema – do latim *Supremus* (forma feminina), superlativo de *Superus*, em cima, sobre.

Sura – do latim *Sura*, parte posterior da perna. O mesmo que panturrilha. Geralmente usado para designar a parte posterior (abaulada) da perna.

Suspensor – do latim *Suspendere*, suspender, levantar, pendurar e *Actor*, agente.

Sustentáculo – do latim *Sustentaculum*, apoio, suporte.

Sutura - do latim *Sutura*, costura, alinhavado. A palavra Sutura, para as articulações fibrosas dos ossos do crânio, parece ter sido introduzida por Galeno ou Celso, como tradução do termo equivalente do grego *Raphén*. Relativo também ao ato de costurar tecidos animais.

T

Táctil - do latim *Tactilis*, tangível, perceptível ao tacto *Tangere*, tocar, pegar.

Tálamo – do grego *Thalamos*, quarto de dormir. Para os gregos, o thalamos era o principal quarto da casa, onde geralmente o casal dormia. Também dava nome ao leito nupcial, a qualquer cômodo interno, a toda uma nova moradia ou a templos.

Talar – do latim *Talaris*, comprido até o tornozelo e de *Talus*, tornozelo.

Talassemia – do grego *Thalassa*, mar, e *Haemas*, sangue. Com esta palavra, os médicos queriam descrever uma doença do sangue cuja origem está nos países banhados pelo mar, e mais precisamente no Mediterrâneo, como Itália e Grécia. É uma doença hereditária onde a medula do talassêmico produz os glóbulos vermelhos menores e com menos hemoglobina (componente dos glóbulos vermelhos responsável pelo transporte de oxigênio no nosso corpo), o que causa a anemia.

Tálus – do latim *Talus*, tornozelo, dado de jogar. O mesmo que astrágalo.

Tangencial – do latim *Tangentialis*, relativo à tangente e *Tangere*, tocar, esbarrar. Na geometria latina, a *Tangentis* era o ponto em que uma reta toca um círculo, esfera.

Tarso - do grego *Tarsos*, cesto para secar queijo, moldar de tear. A palavra *Tarso* era usada para designar uma série de estruturas planas e expandidas, como asa de ave, lâmina de serra. Hipócrates usava o termo “*Tarsós podós*” para a planta do pé. Galeno foi o primeiro a usar o termo para nomear uma parte do esqueleto no pé. Em anatomia, Tarso também é o nome da placa central (achatada) fibrosa da pálpebra.

Teca - do grego *Theke*, caixa, receptáculo.

Tecido - do latim *Texere*, tecer. Formou-se a partir de *Tissu*, particípio passado do verbo arcaico *Tistre*, correspondente ao ancestral latino *Texere*, tecer. Como substantivo era usado para indicar uma espécie particular de pano, de tecido. Foi Bichat quem, em 1840, dele se utilizou para designar a estrutura dos componentes anatômicos do corpo humano, chegando a descrever 21

diferentes tipos de tecido. *Tissu*, em francês, corresponde a *Tissue*, em inglês; *Tejido*, em espanhol; *Tessuto*, em italiano, e *Tecido*, em português. Bichat é, com justiça, considerado o fundador da histologia (do gr. histós, tecido + lógos, estudo + sufixo - ia). Segundo Becker, *Histós*, em grego, não significa propriamente tecido, mas Tear.

Tectal – do latim *Tectalis*, relativo ao teto, à cobertura. O mesmo que teto.

Tecto – do latim *Tectum*, teto, cobertura e *Tegere*, proteger, cobrir. O mesmo que teto.

Tectória – do latim *Tectória*, que serve de teto, de cobertura.

Tegme – do latim *Tegme*, cobertura revestimento e *Tegere*, proteger, cobrir. O mesmo que tegmento.

Tegmento - do latim *Tegme*, cobertura revestimento e *Tegere*, proteger, cobrir. O mesmo que tegme.

Tegumento - do latim *Tegumen*, *Tegumentu*, coberta externa, revestimento externo. Aquilo que reveste externamente uma estrutura. Atualmente tegumento comum na nomenclatura histológica refere-se ao estudo da pele e dos seus anexos.

Tela – do latim *Tela*, teia, trama. O termo tela deriva do latim *Texere*, tecer, entrelaçar, provavelmente pela costureira elipse do X no meio das palavras latinas (como em maxila – mala e axila – ala) e designava tanto o tear (engenho) como o produto dele retirado (tecido). Vide o termo tecido.

Telencéfalo – do grego *Telos*, fim, extremidade e *Enkephalos*, encéfalo, cérebro.

Telodendro – do grego *Tel(o)*, longe, afastado, fino e *Dendr(o)* arborização. Ramificação do neurônio que tem poucas ramificações.

Telófase - do grego *Tel(o)*, longe, afastado e do latim *Phás(is)* aparição, fase, etapa. Fase da mitose ou da meiose caracterizada pela reconstrução do envoltório nuclear e aparecimento da cromatina e nucléolo nas células filhas.

Telógeno – do grego *Tel(o)*, longe, afastado e *Gen*, que origina, que gera. É a fase de repouso do pelo.

Telômero – do grego *Tel(o)*, longe, afastado e *Mer(o)*, parte. Parte final de cromossoma que esta relacionada com a telomerase (enzima) que controla a duplicação do DNA.

Temporal – do latim *Temporalis*, relativo ao tempo e *Tempus*, tempo. O termo temporal foi usado para a região (e o osso) porque no homem adulto as marcas da idade (tempo) manifestam-se primeiramente nesta região, encanecendo (branqueando) os cabelos.

Tenar – do grego *Thenar*, palma da mão e *Thenein*, espancar, agredir. Na maioria dos escritos clássicos gregos, a palavra *Thenar* significava a parte central da palma da mão. Rufo de Éfeso registrou a palavra à região elevada da palma, junto ao dedo polegar e denominou de *Hypothenar* a região semelhante junto aos dedos.

Tenca (Focinho de) - Este nome dado a uma parte do útero deriva da *Tenca*, tainha da água doce, talvez pela semelhança de forma.

Tenda – do latim *Tentum*, tenda, pavilhão, barraca. O mesmo que tendório.

Tendão - do latim *Tendo*, de *Tendere*, estender. A raiz grega é *Ténon* (esticado, tenso) e dela provieram os derivados em *Teno*: tenotomia, tenossinovite, etc. O tendão mais famoso é o tendão calcâneo ou de Aquiles. Aquiles foi um guerreiro, personagem forte na guerra de Tróia. Sua mãe a ninfa Tetis tentou torná-lo imortal. Levou Aquiles para o rio Estige (um dos rios de Hades, o rio da imortalidade). Mas, Tetis mergulhou o Aquiles segurando-o pelo calcanhar, e essa área não entrou em contato com o rio, tornando-se o ponto fraco de Aquiles.

Tendíneo – do latim *Tendineus*, estendido, e *Tendere*, estender.

Tênia – do latim *Taenia*, faixa estreita e comprida, fita.

Tensor – do latim *Tendere*, estender, esticar, e *Actor*, agente.

Tendório – do latim *Tentorium*, tenda, pavilhão, barraca. O mesmo que tenda.

Terminação – do latim *Terminatio*, delimitação, fixação de limites.

Testículo - Diminutivo do latim *Testis*, que tinha a significação de "Pote de pequeno tamanho". A palavra *Testis* era empregada na acepção de "testemunha". Entre senhores e servos, existia o hábito de fazer juramento ou testemunhos de fé segurando os testículos, sendo que este costume existiu entre os indus, egípcios e hebreus. Na antiga Roma, a lei exigia que, na *Júris*, o indivíduo mostrasse seus testículos. O testículo testemunha também a existência da virilidade. Herófilo acreditava que os filhos varões viriam do testículo direito, geralmente maior, mais pesado, mais baixo e, segundo sua crença mais vascularizado. Galeno também acreditava nesta teoria e propunha, curiosamente, algumas manobras sexuais para garantir o sexo do futuro descendente, pois para os povos antigos o sexo do recém-nascido dependia de quem, no casal, alcançava primeiro o orgasmo. Provavelmente o termo popular brasileiro "puxa saco", no sentido de adúlador ou submisso, venha deste antigo costume. O equivalente grego é *Órkhis*.

Tetal – do latim *Tectalis*, relativo ao teto, à cobertura. O mesmo que teto.

Teto – do latim *Tectum*, teto, cobertura e *Tegere*, proteger, cobrir. O mesmo que teto

Tíbia – do latim *Tibia*, flauta. Em latim, a palavra *Tibia* dava nome a qualquer instrumento musical de sopro, longo e tubular, com orifício em um dos lados. Estas flautas eram comumente feitas de madeira de lei ou de metal mas, primitivamente, foram manufaturadas a partir dos ossos da perna de animais, especialmente das aves.

Timo - do grego *Thymon*, folha de erva chamada de tomilho. Alguns acham que provém de outra palavra grega, *Thymós*, alma, sensibilidade, força vital, porque o timo é situado perto do coração e era considerado a sede da alma. O tomilho é uma erva odorífera (*Thymus vulgaris*) utilizada pelos povos antigos em rituais mágicos ou sagrados nos quais eram queimadas as vísceras dos animais domésticos. Nessas ocasiões, talvez, foi assinalada a semelhança da forma do órgão com as folhas da planta.

Tímpano - do grego *Tympanon*, membrana ou tambor. A palavra grega *Myrinx* aparece ser uma corrupção de *Menix* e foi utilizada na Grécia Antiga, para a membrana do tímpano. Foi Fallopio que denominou a cavidade e a membrana da orelha média, em conjunto de *Tympanum*, por causas da semelhança de forma com um tambor, feito de ceco oco de madeira, coberto com couro em um dos lados.

Tireóide - do grego *Thyreós*, escudo e *Eidos* (*oidés*), semelhante. Entre os povos Egeus, nos primórdios da civilização grega, o *Thyreós* era uma grande pedra achatada colocada contra uma porta, para mantê-la fechada. Mais tarde a palavra foi aplicada a um escudo usado pelos habitantes da ilha de Minos, feito de lâminas de madeira prensadas, amarradas com cipós e completado, nas bordas, com placas de metal (uma forma muito semelhante a uma porta, que em grego arcaico chamava-se *Thyra*). Esse escudo, ao contrário da maioria dos escudos gregos, cobria o corpo até os pés e tinha duas chanfraduras ou entalhes, superior e inferiormente, para encaixar o queixo e o joelho respectivamente. A cartilagem tireóide recebeu este nome por sua posição em relação à laringe (parece um escudo protetor). Já a glândula tireóide recebeu este nome de Galeno, em virtude da semelhança de forma com aquele escudo primitivo ou por sua relação com a cartilagem. Apesar de haver inúmeras descrições da glândula ela foi identificada enquanto órgão pelo anatomista Thomas Wharton em 1656.

Tonsila - do latim *Tonsilla*, amígdala. A palavra, em latim, significava um poste onde se amarravam carneiros e também um mastro secundário de embarcação. É provável que no sentido anatômico o termo derive do latim *Tondare*, tosquiar, raspar, por causa da sensação ao engolir-se com as tonsilas inflamadas o alimentor raspar a faringe. Cícero já as denominava de *Tonsillae*.

Torácico – do grego *Thorachykos*, relativo ao tórax.

Tórax - do grego *Thorax*, couraça, parte frontal da armadura. Na Grécia antiga, chamava-se *Thorax* a parte da armadura ou couraça que protegia em conjunto o peito e o abdome. Hipócrates e Aristóteles usaram o termo para ambas as partes do tronco, simultaneamente. Platão restringiu a palavra à parte superior (peito); Galeno adotou esta denominação e a difundiu.

Toro – do Latim *Torus*, saliência, elevação. Esta palavra, em latim, tinha diversos significados, todos associados à saliência: o nome de uma corda grossa e curta. De qualquer objeto que, pela forma, lembrasse as saliências que formam as cordas de um cabo traçado; saliência de um músculo sob a pele; parte elevada de um terreno e um tipo de colchão ou almofada feito com

ervas, de superfície irregular. Qualquer um destes pode ter gerado o sentido anatômico da palavra.

Trabécula - do latim *Trabes*, trave, com o sufixo diminutivo *Cula*.

Trago – do grego *Tragos*, bode, cabra. É óbvia a analogia da estrutura cônica pilosa com a barba do bode. O termo foi introduzido por Júlio Pollus. No singular, denomina a saliência e, no plural, dá nome aos pelos.

Transudato - do latim *Trans*, através e *Sudare*, suar.

Transversal – do latim *Transversalis*, oblíquo, atravessado. O mesmo que transverso.

Transverso – do latim *Transversus*, atravessado, oblíquo.

Trapézio – do grego *Trapezion*, pequena mesa quadrada. Foi Cowper que deu o nome a estes músculos, por causa de sua forma geométrica.

Traquéia - do grego *Tracheia*, feminino de *Trachys*, rugoso, irregular, ou de *Trachelos*, do pescoço. Quando Aristóteles descreveu no cadáver os ductos do corpo humano verificou que havia dois tipos vazios, que acreditou contivesse ar ou outro espírito no seu interior. Aos vasos que possuíam paredes macias denominou de *artéria leia*, do grego *Leion* (macio, suave) e às vias mais rugosas de *artéria tracheia*. Com o tempo, a palavra artéria foi restringida para os vasos sangüíneos permanecendo o termo tracheia apenas para os tubos aéreos.

Trato – do latim *Tractus*, esticadura, puxão e *Trahere*, puxar, esticar.

Triangular – do latim *Tres* (três) e *Angulus* (ângulo, canto).

Tríceps – do latim *Tres*, três e *Caput*, cabeça.

Tricúspide - do latim *Tres*, três e *Cuspis*, ponta. Válvula formada de 3 peças ou valvas, que comunica o átrio direito com o ventrículo do mesmo lado, impedindo o refluxo do sangue, quando da sístole ventricular.

Trigêmeo – do latim *Tres*, três, e *Geminus*, gêmeo, duplo. O quinto par de nervos cranianos foi descrito por Gabrielle Falloppio e Johann Meckel e foi chamado nervo trifacial por François Chaussier. O nome atual foi dado por Jacob Winslow, por causa de suas três divisões.

Trigono – do latim *Trigonum*, triângulo.

Tripsina - do grego *Tripsis*, fricção, esfregação. A primitiva preparação deste fermento era por esfregação ou atrito.

Trocanter – do grego *Trochanter*, girador, rodador e *Trochos*, roda. Originalmente, o termo foi aplicado à cabeça do fêmur, por esta girar no acetábulo. Neste sentido, foi usado por Galeno e depois extrapolado às eminências ósseas do osso, provavelmente, porque atuam como alavancas para os músculos que giram o fêmur no movimento de correr.

Tróclea – do latim *Trochlea*, polia. A *trochlea* romana, palavra derivada do grego *Trochilea*, polia, era um dispositivo mecânico usado para erguer pesos que girava num eixo horizontal e não como a tróclea do úmero, que é fixa. Outra tróclea, a do músculo oblíquo superior do olho, nomeado por Arancio em 1587, também não se apreça com o mecanismo romano, sendo apenas uma faixa fibrosa através do qual o tendão do músculo altera sua direção. Galeno usou o termo *Trochilodes*, derivado do grego *Trochos*, roda, provavelmente significando arredondado ou no qual algo é rodado; Este termo foi substituído por Orbasio, para *Trochilea*, que foi transcrito como *Trochlea*.

Trocóide – do grego *Trochos*, roda e *Oidès*, semelhante a.

Trófico - do grego *Trophe*, nutrição.

Trofoblasto – do grego *Trophein*, alimentar, nutrir e, *Blastos* – germe ou broto.

Trombina - do grego *Thrombos*, coágulo.

Trombocitopenia - Do grego *Thrombos*, coágulo; *Kytos*, célula e *Penia*, escassez.

Trombose - do grego *Thrombos*, coágulo e *Ose*, doença.

Tronco – do latim *Truncus*, tronco de árvore ou do corpo humano.

Tuba – do latim *Tuba*, trombeta, corneta e do grego *Salpinx*. Foi dado este nome ao órgão devido a sua semelhança com uma corneta, utilizada em guerra. Antigamente, a tuba uterina recebia o nome de 'Trompas de Falópio', o qual foi dado em homenagem ao seu descobridor, o anatomista italiano do século XVI, Gabriele Falloppio. Hoje em dia, os epônimos não são mais usados na literatura médica, sendo substituídos por outros termos anatomicamente corretos. Existem ainda outras tubas, tais como a tuba auditiva também designada com trompa de Eustáquio.

Túber – do latim *Tuber*, tumor excrescência. O mesmo que tuberosidade.

Tubérculo – do latim *Tuberculum*, diminutivo de *Tuber*, tuberosidade, excrescência.

Tuberosidade – do latim *Tuberositas*, tumor, excrescência. O mesmo que túber.

Tubo - do latim *Tubus*, canal ou tubo.

Túbulo - Diminutivo do latim *Tubus*, tubo.

Tubulosa - do latim *Tubus*, canal ou tubo e *Oides*, Osa, em forma de. São estruturas que tem o formato de um tubo. Este termo normalmente é aplicado ao tecido glandular, tal como glândulas tubulosas.

Túnica - do latim *Tunica*, vestimenta, película, camada ou cobertura. A túnica era a principal veste dos gregos e romanos de ambos os sexos, correspondendo em uso à atual camisa ou blusa. Era geralmente tecida com panos largos, macios e claros. Em anatomia, a palavra é usada no sentido de cobertura ou revestimento.

Turbilhão – do francês *Tourbillon*, turbilhão, e do latim *Turbo*, remoinho, sorvedouro.

Turca – do latim *Turcica*, feminino de *Turcicus*, da Turquia, turco. O termo latino deriva diretamente do grego *Turkikos*, turco, que provavelmente assimilou o termo persa “*Tourk*”, vindo do indomongol “*Turk*”, que significa forte, poderoso. Em anatomia foi dado este nome ao local onde se aloja a hipófise por sua semelhança a sela de montaria muito utilizada pelos turcos.

U

Ulna – do latim *Ulna*, antebraço, ou talvez do grego *Oléne*, cotovelo. Em latim a palavra tinha diversos significados que na moderna anatomia são distintos. Assim, para uns era o antebraço enquanto para outros, o braço e para muitos a união dos dois, o cotovelo. Poeticamente, era usada para designar todo o membro superior e era também o nome de uma medida de comprimento (em português, braça), equivalente a cerca de 2 m. Somente passou a designar o osso do antebraço no século XX, em substituição a cúbito.

Ultramicrotomo - do latim *Ultra*, além e do grego *Mikros*, pequeno e *Tomos*, cortar. Os cortes realizados pelo ultramicrotomo são de algumas dezenas de nanômetros (1nm= 10⁻⁹mm) para que possam ser atravessados pelo feixe de elétrons e observados ao microscópio eletrônico de transmissão (MET).

Umbigo - do latim *Umbilicus*, umbigo. A raiz grega é *Omphalos*. A palavra, no latim clássico, era *Umbelicus*, passando ao latim vulgar como *Umbilicus* ou *Imbilicus*, que significa ponto central, o meio. O termo grego correspondente é *Omphalos*. Na Roma antiga, a palavra *umbelicus* (ou forma abreviada, *umbo*) tinha diversos significados: designava a extremidade arredondada do cilindro em torno do qual se enrolavam os livros antigos; uma espécie de concha. Pelos seus vários significados a palavra está impropriamente empregada, pois não tinha o sentido de depressão, como no umbigo da membrana do tímpano ou no umbigo da parede abdominal. O termo parece ter sido introduzido por Aristóteles e usado por Plínio e Celso.

Úmero – do latim *Humerus* ou *Umerum*, ombros, espáduas. Outra palavra que certamente derivou diretamente do Grego *Omos*, ombros tem o mesmo sentido.

Unciforme – do latim *Uncus*, gancho, âncora e *Formis*, em forma de. O mesmo que uncinado.

Úncus – do latim *Uncus*, gancho, âncora.

Ungueal – do latim *Ungu(em)*, unha. Relativo a unha.

Unguento - do latim *Unguere*, ungir, esfregar.

Unha – do latim *Ungula(m)*, garra. O termo diminutivo *úngüe(m)* apareceu em 1140 com o sentido de unha.

União – do latim *Uniens*, juntado, atado e *Unire*, juntar, atar.

Unipenado – do latim *Uni*, um e *Pennatus*, penado.

Uniporte – do latim *Ūn-u(m)/-a(m)*, um e *Port*, transporte. Realiza um único tipo de transporte de moléculas na membrana plasmática.

Uréia - do grego *Ouron*, urina, por ter sido na urina que a uréia foi encontrada.

Ureter - do grego *Ouretér*, de *Ouron*, urina, *Terein*, conservar, preservar. O equivalente latim é *ureter*.

Uretra - do grego *Ouréthra*, que leva a urina, *Ourein*, urinar. Em tempos remotas, acreditou-se que a uretra, no homem, era um canal dividido em dois por um septo fino longitudinal, em que uma parte transportaria urina e a outra, sêmen. Esta palavra foi inventada por Hipócrates, provavelmente derivada do grego *Ouretér* e apenas pouco diferente desta, somente para diferenciar os ductos. O equivalente latim é *Urethra*.

Urogential – do latim *Uro*, relativo à urina e *Genitalis*, que gera.

Útero - do latim *Uterus*, talvez derivado de *Uter*, saco feito de pele de cabra. A raiz grega é “*hystera*”. Poucos órgãos do corpo humano foram aquinhoados com tantos nomes como o útero, quer na linguagem médica, quer na popular. Na medicina grega o útero recebeu três denominações diferentes: **métra**, **hystéra** e **delphys**. Melhor nome não poderia haver do que **métra** para designar o órgão onde se forma um novo ser. **Métra** deriva do indo-europeu **mater**, mãe, fonte e origem da vida. **Métra** é encontrado em vários autores clássicos da antiguidade, como Heródoto e Platão. Hipócrates também dele se utilizou. Na terminologia médica atual temos diversas palavras formadas com essa raiz grega, tais como *metropatia*, *metrorragia*, *endométrio*, *miométrio* etc. **Hystéra** é o termo mais vezes empregado em escritos médicos, sendo encontrado em várias passagens dos livros de Hipócrates e Galeno. Chegou até aos nossos dias em seus inúmeros derivados como *histerectomia*, *histeroscopia*, *histerômetro*, *histerossalpingografia* etc. **Delphys** é igualmente encontrado em Hipócrates e Aristóteles como sinônimo de **hystéra**. Perdurou em zoologia, na ordem dos marsupiais, chamados *didelfos* em razão de possuírem útero duplo. Como malformação congênita decorrente da falta de fusão dos ductos paramesonéfricos, a mulher pode apresentar útero duplo, denominado **útero didélfico** ou bicornes. Apesar da pluralidade de nomes que a medicina grega legou aos latinos para nomear tão importante órgão, os romanos criaram mais um, **uterus**, que predomina na nomenclatura anatômica. A etimologia da palavra **uterus** é incerta e admite-se uma forma primitiva no indo-europeu, **udero**, com o sentido de ventre, que teria evoluído para **udaram**, em sânscrito, **hystéra**, em grego, e **uterus** em latim. Uma segunda hipótese aventada é que **uterus** derive de outra palavra latina, **uter**, que quer dizer **odre** (recipiente de couro utilizado para guardar água ou vinho). A palavra **uterus** foi inicialmente utilizada pelos romanos para designar apenas o útero grávido, o qual lembraria um odre cheio de água pela presença do líquido amniótico. Posteriormente, passou a nomear o órgão, independentemente do seu estado. A nomenclatura anatômica relaciona suas partes como: colo do útero, corpo do útero, fundo do útero e cavidade do útero.

Utrículo - do latim *Utriculus*, diminutivo de *Uterus*, útero. Por causa do fole em forma de odre (*Uter*) usado nas gaitas de fole do exército romano, o tocador deste instrumento era chamado *Utricularius*.

Uvea - do latim *Uva*. Camada vascular do fundo do olho.

Úvula – do latim *Uvula*, diminutivo de *Uva*, uva, racimo, videira. A palavra foi introduzida no século XVII, não sendo conhecida no latim clássico, onde a estrutura era chamada *Columella*. Celso chamava-a *Uva*, mas o termo era reservado às inflamações da estrutura. Joseph Hyrtl afirma que este nome foi introduzido por Veslingius, mas o crédito é geralmente atribuído a Guy de Chauliac.

V

Vacúolo - Diminutivo do latim *Vacuus*, espaço vazio.

Vagina - do latim *Vagina*, bainha ou vagem. A vagina era, originalmente, um estojo para o *Gladius*, uma pequena espada romana. Como *Gladius* era um dos nomes populares, para pênis, a vagina tornou-se, por analogia de encaixe, uma palavra popular para a genitália feminina. Oribásio sustenta que, no século IV, apenas a parte interna do órgão tinha esta denominação, enquanto a parte externa (vulva) era chamada *Pudendum*. No sentido atual, o termo foi adotado por Realdo Colombo e Gabrielle Falloppio.

Vago - do latim *Vagus*, errante, indeciso que vai ter a vários lugares. O termo provavelmente foi formado pelo fato de que ao contrário dos outros nervos cranianos, que apenas suprem a cabeça, o nervo vago espalha-se por todo o corpo, “vagando” por uma série de órgãos. Atualmente o sentido que se tenta dar a esta palavra é de que os ramos do nervo vago estendem-se a longa distância e ramificam-se profusamente, mas não era este o significado da palavra *Vagus* entre os romanos, que devem tê-lo assim nomeado porque parecia insinuar-se, aqui e ali, entre os órgãos. O nervo foi descrito por Marinus e Galeno já o conhecia. Johann Meckel chamou-o “nervo pneumogástrico” e este nome, traduzido literalmente para o francês por Francois Chaussier, persistiu até o século passado.

Valada – do latim *Vallatus*, entrincheirado, fortificado e *Vallum*, paliçada. A forma da papila lembra a de uma fortificação romana, com a paliçada ou trincheira externa separada do edifício principal por um fosso.

Vale – do latim *Vallis*, vale, fosso.

Valécula – do latim *Vallecula*, diminutivo de *Vallis*, vale, fosso.

Valva – do latim *Valva*, cada uma das folhas de uma porta dupla ou as conchas duplas de um molusco.

Válvula - do latim *Valvula*, diminutivo de *Valva*, folha de porta.

Vasa vasorum – do latim *Vasa*, vasos e *Vasorum*, dos vasos.

Vascular - do latim *Vasculum*, diminutivo de *Vas*, vaso. O mesmo que vasculoso.

Vaso – do latim *Vas*, vaso, vasilha.

Vasto – do latim *Vastus*, imenso, espaçoso. Jean Riolan deu este nome aos grandes músculos que formam o quadríceps da coxa.

Veia – do latim *Vena*, via, caminho, ou seja, o que leva ao coração. Isidoro de Gerhard Vossius afirma que a palavra *Vena* derivaria de *Venire*, vir. Porque o sangue viria ao coração através das veias. O termo Grego equivalente era *Phlebós*.

Velos – do latim *Vellus* ou *Velo* que significa lã grossa. São os pelos que ocorrem na maior parte do corpo.

Venoso – do latim *Venosus*, relativo à veia.

Ventral – do latim *Ventralis*, relativo ao ventre.

Ventre - do latim *Venter*. Ventre, abdome. O termo grego equivalente é *Gaster*.

Ventrículo - do latim *Ventriculus*, diminutivo de *Venter*. Aplica-se a pequenas cavidades ocas, no coração ou no encéfalo.

Vênula – do latim *Venula*, diminutivo de *Vena*, caminho.

Verdadeira – do latim *Vera*, feminino de *Verus*, verdadeiro, real.

Verme – do latim, *Vermis*, verme minhoca. Galeno deu este nome à estrutura cerebelar, por causa da forma semelhante.

Vermelha – do latim *Ruber*, vermelho.

Vermiforme – do latim *Vermis*, verme, minhoca e *Formis*, em forma de.

Versão - do latim *Vertere*, girar.

Vértebra - do latim *Vertebra*, articulação da espinha, originada de *Vertere*, girar. Celso usava, indiscriminadamente, a palavra para designar as articulações e os ossos da “espinha dorsal” e dividiu as vértebras em cervicais e lombares. Galeno distinguiu-as do sacro e cóccix. Vesálio nomeou as partes da vértebra *Corpus*, *Processus transversus*, *Spinae*, *Processus articuli ascendens* e *descendens*. “*Spína*” tornou-se *Processus spinosus*.

Vertical – do latim *Verticalis*, relativo ao vértice.

Vertice – do latim *Vertex*, sorvedouro, o ponto mais alto. O mesmo que vórtice.

Vertigem - do latim *Vertere*, girar.

Vesical – do latim *Vesicalis*, relativo à bexiga urinária.

Vesícula - do latim *Vesica*, diminutivo de *Vesica*, bexiga.

Vestíbulo – do latim *Vestibulum*, vestíbulo, antecâmara. Na casa romana, era comum a existência do *Vestibulum*, um pequeno aposento aberto onde os convidados e os donos da casa despiam a empoeirada toga que era usada sobre a túnica. O termo deriva, portanto do latim *Vestis*, roupas. Outra etimologia sugerida é *Ve*, termo arcaico para exterior, fora e *Stabulum*, casa, significando, portanto, um compartimento separado do corpo principal da casa.

Vestibulo-coclear – do latim *Vestibulum*, vestibulo, antecâmara e *Cochlearis*, relativo à cóclea.

Vestígio – do latim *Vestigium*, pegada, rastro, pista.

Véu – do latim *Velum*, véu, reposteiro, cortina. O termo usado para estruturas cerebrais foi introduzido por Raymond Vieussens (véu medular rostral) e Johann Reil (véu medular caudal). A palavra era utilizada para o palato mole e Gabrielle Falloppio usou a expressão “*Velum palati*” que persiste na atual nomenclatura.

Vibrissa – do latim *Vibrissa*, vibrante, agitado e *Vibrare*, agitar, sacudir.

Vilosidade – do latim *Villum*, pilosidade, aparência pilosa. A projeção das vilosidades intestinais na luz do órgão assemelha-se aos tufo de pelos de um tapete.

Viloso – do latim *Villosus*, peludo e *Villus*, tufo de pelos.

Vínculo – do latim *Vinculum*, laço, liame, grilhão e *Vincire*, atar, ligar.

Visão – do latim *Visio*, visão e *Videre*, ver.

Víscera - do latim *Viscera*, plural de *Viscus*, órgão interno.

Visceral – do latim *Visceralis*, relativo às vísceras e *Viscus*, víscera. Convém lembrar que, em latim a forma singular e plural difere; assim, *viscus* (singular) faz *viscera* (plural). Curiosamente a palavra víscera, singular em português, é a mesma que em latim, é plural. Para alguns etimologistas a palavra *Viscus* significando qualquer órgão do corpo, pode ter derivado de *Viscidus*, viscoso ou de *Viscare*, untar. Outros preferem a derivação de *Vescor*, eu me alimento de *Vescus*, comestível.

Visual – do latim *Visualis*, relativo à visão.

Vitamina - do latim *Vita*, vida e *Amina*, palavra criada para designar certos derivados da amônia. A palavra "vitamina" foi inventada em 1912 por Casimir Funk.

Vitelo – do latim *Uitellu(m)*, gema do ovo. Conjunto de substâncias armazenadas dentro do ovo para nutrição do zigoto.

Vítreo – do latim *Vitreus*, de vidro, transparente e *Vitrum*, vidro.

Vocal – do latim *Vocalis*, vocal, sonoro e *Vox*, voz.

Volar – do latim *Volaris*, palmar, e *Vola*, concavidade da palma da mão.

Vômer – do latim *Vomer*, relha ou *Vomere*, vomitar. Na Roma antiga, a lâmina do arado (relha) era chamada *Vomer*, o nome do osso pode ser associado à sua forma ou porque o movimento da terra sulcada pelo instrumento lembrava o ato de vomitar. Inicialmente tido como parte do etmóide, foi nomeado separadamente por Gabrielle Falloppio e Realdo Colombo, que o chamaram “*aratri vomer imitatur*” (imitando a lâmina do arado).

Vórtice – do latim *Vortex*, sorvedouro, o ponto mais alto. O mesmo que vértice.

Vorticosa – do latim *Vorticiosa*, feminino de *Vorticosis*, revoluto, revirado para cima.

Vulva – do latim, *Vulva*, útero, ventre. A palavra *Vulva*, em latim, possuía uma série de significados: cobertura de inverno (manta), útero de animais (especialmente prenhes); entranhas de porca (iguaria apreciada nos banquetes romanos). Enquanto *Vulva* significou útero, a vagina era chamada de *Collum Vulvae* (colo do útero) e os genitais externos, *Pudendum* ou *Pars Pudenda*. Quando o termo *Uterus* substituiu *Vulva*, esta passou a nomear a genitália feminina externa. O termo pode ter derivado também, por semelhança da forma dos lábios e da folhas, do latim *Valva*, ou talvez de *Volare*, desejar, querer, porque outra forma, menos usada, de grafar *Vulva* era *Volva*, desejada.

X

Xantina - do grego *Xanth* (os), amarelo e *Īn(a)*, substância química.

Xifóide - do grego *Xiphos*, espada e *Eidos*, semelhante, forma de. A palavra foi introduzida por Aristóteles para designar um osso em forma de espada encontrado em moluscos. Anteriormente, era conhecido como *Xifisternum*. Posteriormente, passou a designar esta parte do osso humano.

Z

Zigoapofisário – do grego *Zygas*, par, casal, cópula e *Apo*, longe de, além e *Physys*, sulco, crescimento.

Zigomático – do grego *Zygomatikos*, unido, ligado e *Zygas*, par, casal, cópula. O osso foi assim designado por Galeno. Celso usava “*Os Jugule*”. André Laurentius, em 1595, no seu tratado de anatomia reintroduziu a palavra *Zygoma* utilizada por Galeno.

Zigóteno – do grego *Zyg(o)*, par, e *Taini*, cinta, banda. Fase da meiose onde os cromossomas se acoplam.

Zigoto - do grego *Zygōtus*, “canga de bois”, com o significado de “unido dois a dois”, conjugado. Célula ovo que resulta da fusão de um gameta masculino (espermatozoide) com outro feminino (ovócito).

Zimogênio - do grego *Zyme*, fermento e *Gennan*, produz. São grânulos onde estão presentes os precursores de enzimas existentes nas células secretoras. Para melhor entendimento vejam a origem da palavra enzima, veja que o termo zimogênio era utilizado para reações que ocorriam nos organismos vivos. Em 1878 o fisiólogo Wilhelm Kühne (1837–1900) criou o termo enzima, que vem do grego *ενζυμον* “em fermento”. A palavra enzima foi usada para referir-se a substâncias inertes como a pepsina. Por outro lado, a palavra “fermento” ou “zimogênio” costumava se referir à atividade química produzida por organismos vivos. O termo atualmente mais utilizado é enzima.

Zona – do latim *Zona*, cinto, área circular. Originalmente, designava um cinto largo, colocado sobre os rins, usado pelas mulheres apenas como adorno. Depois passou a nomear um cinto de couro, provido de bolsa, onde os homens guardavam o dinheiro e depois qualquer área circular. Na noite de núpcias, a zona usada pela noiva era oferecida à Diana (deusa da castidade), como oferenda, pela *Pronuba* (criada).

Zona Pelúcida - do latim *Zona*, cinto, área circular e *Pellucidus*, translúcido. Camada de glicoproteínas, gelatinosa, translúcida, que envolve os óvulos do tipo metalécito, dos mamíferos, e se mostra rodeada pela corona radiata.

Zônula – do latim *Zonula*, diminutivo de *Zona*, cinto área circular.

Zoster - do grego *Zoster*, faixa, cinto ou cinturão.

FORMAÇÃO DOS TERMOS MORFOLÓGICOS

Devido aos termos morfológicos serem muito antigos - pois advêm dos primórdios da história da medicina - em sua grande maioria, são formados a partir de radicais, prefixos e sufixos gregos e latinos. Em menor número provêm de elementos vernáculos ou procedentes de outros idiomas.

As palavras formadas com elementos de mais de um idioma são chamadas híbridas. No entanto, o hibridismo deve ser evitado, sempre que possível.

Principais prefixos gregos:

a, an - privação: acloridria, afasia, anaeróbio, analgésico
an, ana - para cima, para trás: anionte, anaplasia
ana - de novo: anamnese, anastomose
anti - contra: antiemético, antídoto, antissepsia
apo - separação, derivação: apócrino apófise, aponeurose
dia - através de: diagnóstico, diafragma, diarreia, diáfise, diálise
dis - dificuldade: disfagia, dispnéia, dislalia, distrofia, disúria
ecto - fora de, exterior: ectoderma, ectópico, ectoparasito
endo - dentro, parte interna: endocárdio, endógeno, endotélio
epi - sobre: epiderme, epidemia, epífise, epidídimo
eu - bem, bom: euforia, eugenia, eutanásia
exo - para fora, externo: exoftalmia, exosmose, exógeno
hemi – metade: hemisfério, hemiplegia, hemicrania, hemicolectomia
hiper - aumento, excesso: hipertrofia, hipertonia, hiperglicemia
hipo - diminuição ou posição abaixo: hipocloridria, hipocôndrio
iso - igualdade: isotérmico, isogênico, isótopo, isotônico
meta - mudança, sucessão: metamorfose, metafase, metacarpo
neo - novo: neoplasia, neoformação, neologismo
oligo - pouco: oligospermia, oligúria, oligofrênico
orto - reto, direito: ortognata, ortopedia, ortodontia
pan - todo: pancardite, pangastrite, pandemia, pan-hipopituitarismo
pen - escassez, pobreza: citopenia, leucopenia, linfopenia
para - proximidade: parasito, paratiróide, paramétrio, paranormal
peri - em torno de: periarticular, periférico, peritônio, pericárdio
poli – muito: policitema, polidipsia, polimenorréia, poliúria
pro - anterioridade: prognóstico, proglote
sin - idéia de conjunto, simultâneo: síndrome, sincrônico, sincício.

Principais prefixos latinos:

ab, abs - separação, afastamento: abscesso, abstinência
ad - aproximação, adição: adsorção, adstringente
ante - anterioridade, para frente: antebraço, anteflexão
co, con - companhia: co-autor, congênere
contra - oposição: contraceptivo, contralateral
de, des - sentido contrário, separação: desinfecção, degeneração, desnervação, dessensibilização
en - introdução, mudança de estado, revestimento: encarcerar (hérnia), envenenar, envolver
ex - para fora: exfoliativa (citologia), exsudato
in - introdução, para dentro: intubação, invaginação
inter - posição intermediária, reciprocidade: intersexualidade, interação
intro - para dentro: introversão, introspecção
per - durante, através: peroperatório, peroral
pós, post - depois, em seguida: pós-operatório, post mortem
pre - antecedência, posição anterior: pré-coma, pré-frontal
pro - para diante (não confundir com igual prefixo grego): pronação, protrusão
re - repetição, volta, intensidade: repolarizar, refluxo, reforçar
retro - atrás, para trás: retroperitônio, retroversão, retroalimentação
semi – parcialmente, incompleto: semicírculo, seemicúpio, semimorto
sobre - super, supra - posição acima, intensidade: sobrepor, supercílio, suprapúbico, superinfecção
sub - posição inferior, ação incompleta: subconsciente, subagudo, subliminar
trans - através, além: transmural, transaminase, transexual

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bridge EM. Pedagogia médica, 1965, p. 141.

Bueno FS. Grande dicionário etimológico prosódico da língua portuguesa. Editora Brasília, São Paulo, 1974.

Coutinho IL. Pontos de gramática histórica, 1962.

Dorland's Illustrated Medical Dictionary. 28th ed., 1994.

Fernandes GJM. Eponímia: glossário de termos epônimos em anatomia. Etimologia: dicionário etimológico da nomenclatura natômica. Editora Plêiade, São Paulo, 1999.

Garnier M, Delamare V. Dicionário de termos técnicos de medicina. 2^a ed., 1984.

Houaiss A. Estudos vários sobre palavras, livros, autores, 1979.

Paciornick P. Diconário médico. 2ed. Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1975.

Pepper OHP. Medical etymology. Editora Saunders, Philadelphia, 1949.

Poppelmann C. Dicionário de máximas e expressões em latim. Editora Escala, 2010.

Rezende, JM. Linguagem Médica. AB Editora e Distribuidora de Livros Ltda, 2000.

SBA Terminologia anatômica, terminologia anatômica internacional. Editora Manole, São Paulo, 2001.

Silveira S. Lições de português. 1960.

Skinner HA. The origin of medical terms. Baltimore. Williams & Wilkins, 1963.

Sousa AT. Ensaio de uma tradução portuguesa da nomina histológica aprovada no IX Congresso internacional de anatomia. Leningrado. Editora Coimbra, Portugal, 1970.

Sites da Internet

<http://www.dicciomed.es/php/diccio.php> (site em espanhol e muito bom)

<http://www.hostdime.com.br/dicionario/mitose.html> (site em português, mas não dá a origem das palavras).

<http://dicciomed.eusal.es/index.php>